

Theresa A. James

SURIANAR

Aviver uma vida pacata e mágica, ela nunca imaginaria
a viagem que a esperava para salvar o mundo.

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Theresa A. James

SURMAR

Affronta una volta preziosa e magica, dai nomi e dagli stili
a reggere una scoperta e una nuova avventura.



SURVIVOR

THERESA A. JAMES



Ficha Técnica

Título: Surianar
Autor: Theresa A. James
Capa: Rui Rosa
Editora: Rita Fazenda
Revisão: Raquel Couto
ISBN: 9789892361925

©2024, Edições ASA II, S.A.
Uma editora do grupo LeYa
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 471 77 37

Texto: © 2024 Theresa A. James
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.leya.com

Ficha Técnica

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Capítulo IV

Capítulo V

Capítulo VI

Capítulo VII

Capítulo VIII

Capítulo IX

Capítulo X

Capítulo XI

Capítulo XII

Capítulo XIII

Capítulo XIV

Capítulo XV

Capítulo XVI

Capítulo XVII

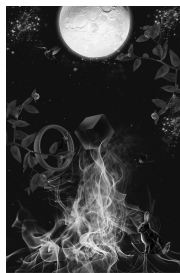
Capítulo XVIII

Capítulo XIX

Capítulo XX

Para as minhas irmãs.

Basta um momento, um segundo, um olhar ou um simples passo em frente para que se transforme. No entanto, muitas vezes, não é o mundo que muda, somos nós. O que encontramos em nós muda, pois mudar é viver, só assim conseguimos ir mais longe... até nos encontrarmos novamente.





Capítulo I

Fechou teimosamente os olhos e encolheu-se sob os cobertores. Fez-se pequena para que os irmãos não a vissem. Com sorte, passaria despercebida e poderia render-se mais algum tempo ao sono, mas não era assim que estava escrito.

— Aslin, levanta-te, já estamos prontos para sair — Rair, o seu irmão mais velho, deitava-lhe um olhar compadecido, sabia que ela andava a dormir pouco. As longas horas a treinar com Claiher, o tecelão, diminuía o tempo que ela tinha para dormir. E o Mestre já a tinha avisado de que não seria dispensada das suas tarefas diárias.

A rotina em Surianar era seguida e aceite por todos os habitantes. O nevoeiro cercava-os e as histórias do que estaria perdido dentro desse mesmo nevoeiro eram passadas de geração em geração. Nas tradicionais festas de Surianar, o Mestre contava, com a voz grave, a história de um jovem destemido que encontrara, na sua impulsividade, a morte. Decidira aventurar-se pelo nevoeiro, enquanto os amigos aguardavam de fora, quando os gritos ecoaram, nada pudera ser feito. A sua mãe ainda vivia, mas não dizia uma palavra desde o seu desaparecimento. Cada vez que algum jovem pensava em aventurar-se, recordavam-lhe subtilmente esta história e a necessidade de aventura era rapidamente esquecida.

De qualquer forma, o Mestre evocava frequentemente, quem queria sair de Surianar? Tinham tudo o que necessitavam e viviam uma vida satisfatória. Demorariam pelo menos uma lua para atravessar o território em um cavalo veloz.

Quem de facto queria sair de Surianar?

Aslin não o podia desejar com mais força.

Levantou-se a muito custo, despachou-se e correu pelas escadas no preciso momento em que os cavalos paravam à sua porta. Hoje era dia de ir para os campos do Norte com Lunza, a sua melhor amiga.

Os seus irmãos já tinham saído para trabalhar, juntamente com o Mestre para desenvolver a arte. Rair dispensou-lhe um sorriso enquanto corria com os mais pequenos. Queria sorrir, mas não conseguia.

Com a pressa de sair de casa, esquecera-se de comer o pequeno-almoço e a sua barriga manifestava insatisfação. Com a cara vermelha, aceitou de bom grado o que Lunza, entre risos, lhe oferecia. A viagem não era longa, mas era desconfortável, e depois de uma noite mal dormida, era quase um tormento.

Avistou ao longe os seus irmãos a entrarem no edifício central. Era ali que iam aprender com o Mestre. Todos os rapazes estudavam parte do dia e à tarde tinham outras tarefas. Em tempos, estudaram todos juntos, rapazes e raparigas, mas agora só os rapazes continuavam o estudo.

Contudo, tinha conseguido algumas horas com Claiher. Pensavam que era para aprender a ser tecelã. Afinal, ele era o melhor. Na realidade, não era isso que ela estava a aprender. O Mestre nunca teria autorizado se soubesse. Por isso ela esforçava-se para dormir metade do tempo que os seus irmãos dormiam, tentando não mostrar isso a todos os outros.

Os dias nos campos do Norte eram compridos e, após algum tempo, os efeitos nas mãos tornavam-se desastrosos. Sunuywt, que hoje as acompanhava, queria ver como estavam as colheitas, por isso teriam de trabalhar duas vezes mais para que tudo corresse bem. Ele não falava muito, uma ou duas palavras para fazer uma pergunta, era o máximo que se ouvia. Geralmente, percebiam o que queria. Ele olhava para o campo seguindo com atenção as indicações que a organizadora lhe dava, apontando para um ou outro pormenor.

— Aslin! — distraída com a situação, Aslin olhou para Lunza. Estavam todas já devidamente equipadas e Aslin era a única que ainda não tinha vestido a roupa de trabalho.

— Oh! Desculpem, estava... dói-me a cabeça — corando de constrangimento, apressou-se a calçar as luvas e a apanhar o cabelo. Pegou nos instrumentos e dirigiu-se rapidamente para a porta para não dar azo a mais questões.

Estavam a cultivar novas sementes. O campo em que estavam a trabalhar era novo, tinham-no desbravado no outono passado e estava na hora de o cultivar. Trabalhavam até depois de almoço, altura em que vinham os rapazes para o trabalho mais pesado. Já elas iam para casa e procediam à limpeza geral e cozinhavam o jantar. Outros dias trabalham o dia quase todo.

Naquela manhã, Aslin lançava olhares discretos na direção de Sunuywt. Para Aslin, habituada a estar rodeada de sons, Sunuywt era lhe invulgar, com as suas poucas palavras e o andar silencioso, estranho. Na sua casa o barulho era dominante e contínuo. As próprias trabalhadoras costumavam conversar

em ritmo acelerado, mas naquele momento, também estavam silenciosas. Só quando Sunuywt saiu é que começaram a falar.

Ao fim do dia, estava exausta e mantinha a conversa com Lunza com alguma dificuldade. Ia chegar atrasada para a sua hora com Claiher. Outra vez. Apesar do cansaço, entrou a correr em casa para tomar banho e tentava sair sem ser notada, quando foi intercetada pela tia. Suspirando, tomou o seu lugar à mesa, sabendo que Claiher a esperava.

— Aslin, estás a ouvir? — encolheu-se com uma cotovelada dos irmãos e tentou perceber o que lhe fora perguntado. — Estava a perguntar como correu a visita de Sunuywt hoje.

— Bem, acho eu...

A tia fitou-a irritada. Obviamente queria pormenores, mas Aslin não os tinha. Francamente, só tinha vislumbrado o homem a fazer uns acenos e pouco mais.

— Deu uma volta pelos campos, acenou e seguiu caminho.

— E? Não fez comentários ao vosso trabalho, ao aspeto do campo, ao...

— Não.

Rair, o irmão mais velho de Aslin, tentou abordar um tópico diferente para acalmar os ânimos, mas não parecia estar a funcionar... A tia só passava duas noites em casa e nesse tempo gostava de conversar, no entanto, Aslin nunca tinha paciência para a ouvir. Para abstrair todos do ambiente cortante que pairava naquele momento, Rair começou a falar de algo que o Mestre lhes tinha ensinado nesse dia, mas foi interrompido pela tia.

— Hoje não vais ter a tua sessão com Claiher. Preciso da tua ajuda em casa.

Aslin interrompeu o protesto do irmão e «disparou» com fúria para a tia.

— Francamente, tudo isto porque não consigo inventar uma história do que não existe? Acha mesmo que Sunuywt faria comentários sobre o campo connosco a ouvir? E vou ter a minha sessão com Claiher sim. Foi assim que ficou determinado pelo Mestre.

Levantou-se e saiu disparada antes que a tia conseguisse encontrar a sua voz no meio da fúria. Provavelmente queria uma história para contar às amigas, mas Aslin não conseguia, nem queria falar durante duas horas só para satisfazer a sua curiosidade, quando não havia nada a dizer. Se isso a fazia insolente, então que fosse.

Quando chegou a casa de Claiher, foi recebida com um olhar interrogativo.

— Atrasámo-nos no campo, tive de aturar a minha tia e depois tivemos uma discussão... — parou quando Claiher começou a rir alto.

— Deduzi que tivesses tido algum contratempo. Treinaste como eu te pedi?

— Não... tentei fazê-lo quando cheguei a casa ontem, mas adormeci...

— Vamos rever então. Tenho de acabar um manto especial para o Mestre, mas podes ir treinando com um espelho.

Aslin sorriu. Os espelhos eram proibidos em Surianar e o «espelho» de que Claiher falava, era uma taça grande com água. Claiher dizia que não havia perigo com aquele espelho, desde que se protegessem primeiro. Concentrava o seu olhar enquanto via o cabelo a mudar. Mais comprido, mais suave, liso e depois encaracolado. Escolheu um tom de azul-escuro para o cabelo, mudou de ideias e passou a roxo. Mudou de ideias outra vez e experimentou preto com madeixas. Perdeu a concentração e acabou por ficar com o cabelo às cores, meio frisado, meio liso.

Claiher já a tinha avisado que não se podia distrair enquanto estivesse a usar magia. A realidade dos treinos com Claiher era que aprendia a praticar a sua magia. Se soubessem que ela tinha poderes, podiam obrigá-la a parar.

Há uns anos enquanto brincava, Aslin tinha visto um pássaro azul no chão com uma das asas partida, com a maior naturalidade, tinha-o levitado até à sua mão. Enquanto colocava as mãos em concha sobre o pássaro e o curava, Claiher aproximou-se e avisou-a para ter cuidado, fazer magia à frente de todos era perigoso. Tinha de esconder o seu poder e só deveria começar a usá-lo quando o soubesse controlar.

Aslin era muito pequena, mas tinha cuidado, só o fazia quando estava realmente sozinha ou com os seus pais por perto. No entanto, quando eles desapareceram, deixou completamente de fazer magia. Só quando Claiher se aproximara, anos depois, apercebeu-se que gostava e tinha saudades dessa parte de si. Que agora começava a recuperar.

Depois do estudo dos livros, tinham passado à parte prática. Valia bem a pena cada hora de sono perdida.

— Aslin estás com um aspeto bastante... especial — tentava não se rir, mas foi a própria Aslin quem começou a rir. Fechou os olhos, passou uma mão à frente da cara e voltou ao normal entre risos.

Não notou que Claiher tinha suspenso a respiração por uns segundos. Mais difícil do que transformar, era voltar ao normal sem perder qualquer parte de si, algo que Aslin conseguia sempre.

Treinaram mais umas horas até Aslin começar a cabecear de sono. Claiher expulsava-a delicadamente de casa, enquanto ela prometia entre bocejos que sim, desta vez, iria treinar. Depois de fechar a porta, Claiher fitou pela janela. Embora nenhum ruído a denunciasse, sentiu a figura emergir da escuridão atrás de si.

— *Ela é muito forte. Será capaz de fazer o que é necessário quando chegar a altura?*

— *Ela ainda não sabe que é uma Flaiine. Mas é muito forte e faz magia com naturalidade. Nunca tinha visto nada assim.*

— *E os irmãos?*

— *Não. Nenhum deles tem poder. Ainda pensei que o mais pequeno pudesse ser igual, mas não.*

— *Ela é... diferente.*

Desconhecendo que era o tema de uma conversa tão intensa, seguiu aos

tropeções até casa, contente com os progressos da noite, até se enfiar na cama e não se lembrar de mais nada.



Capítulo II

A *slin morava* junto ao maior aglomerado de casas que compunham a população de Surianar. Ali também se situavam a escola, a Casa Grande, onde tinham lugar as reuniões com os anciões e que era também, a Casa do Mestre, onde os seus irmãos e outros rapazes iam treinar, todos edifícios de grande importância. Perto das casas havia um grande pomar com árvores de fruta. O pomar parecia estender-se indefinidamente, mas se andassem o suficiente, Aslin sabia, estariam a aproximar-se do nevoeiro.

Afastados das habitações estavam os campos, onde Aslin e as suas amigas passavam os dias. Os campos, que eram lindíssimos, encontravam-se sob a alçada de Sunuywt. A mais de um dia de viagem, atravessando uma zona onde parecia que chovia quase permanentemente, ficava o Vale das Curandeiras. Era uma viagem difícil e apenas os que precisavam de ajuda se arriscavam a atravessar. O risco de se perderem e enfrentarem perigos escondidos era grande, embora se dissesse que as curandeiras protegiam quem as procurava com boas intenções. Aslin nunca lá tinha ido, a densa folhagem que via ao longe era suficiente para dissuadi-la da ideia ou afastar qualquer pessoa. A tia costumava dizer que se alguém se perdesse ali, com muita dificuldade encontraria o caminho.

Aslin não percebia porque a tia ia até ao Vale das Curandeiras. Afinal, ela não era curandeira e muito menos uma mulher sábia. O maior medo de Aslin era que a tia decidisse, assim que ela tivesse a idade adequada, levá-la para o Vale da Lua, para o edifício das curandeiras.

A tia andava intragável nas últimas semanas. Hoje, felizmente, não estava em casa. Aslin comia com os irmãos enquanto falavam. As conversas

cruzadas tornavam impossível que alguém de fora os percebesse, mas eles já estavam acostumados.

Rair avisava-a que tinha de falar com a tia com mais calma.

— Sabes que ela pode impedir-te de saíres e ficas sem as tuas horas com Claiher.

— O Mestre autorizou. Ela não vai contra as ordens do Mestre...

— Mas pode obrigar-te a ajudar todas as noites na limpeza da casa quando cá está e pode levar-te com ela quando for ver os doentes. Ou seja, condiciona-te o tempo. Depois não tens nem tempo... nem força.

A tia ajudava as curandeiras. Como estavam a um dia de distância (na realidade era mais do que um, mas a tia fazia o caminho com velocidade, que resultava do extenso conhecimento que já tinha do caminho), vinha a casa de cinco em cinco dias e só ficava uma ou duas noites, o que lhes dava uma liberdade invejável. Mas, já por diversas ocasiões, tinha insinuado que aprender com as curandeiras do Vale da Lua seria o ideal para Aslin.

— Ela nem sequer é nossa tia! — explodiu Aslin — E eu tenho o direito de fazer o que quiser.

— Não está em causa o que tens ou não direito de fazer. Só te estou a avisar que se continuas a confrontá-la, ela pode tornar a tua vida mais difícil.

Ela reconhecia a sabedoria nas suas palavras, mas enfurecia-a saber que tinha de se submeter à vontade da tia para conseguir umas preciosas horas com Claiher. Fazia sempre mais progressos quando a tia não estava lá. No caminho para casa de Claiher ainda digerira a irritação da conversa com o irmão.

— Perdeste o controlo momentaneamente Aslin...

Aslin olhou para Claiher surpreendida. A sua irritação notava-se assim tanto na sua cara?

Sem palavras, colocou à sua frente a taça de água que conhecia tão bem e Aslin reteve a respiração. Se alguém a tivesse visto... era o fim. As pontas do cabelo estavam vermelhas e brilhavam como se fossem chamas. Ainda que poucas eram visíveis para quem estivesse a dois passos dela.

— Estava irritada...

— Quanto mais aprofundas o teu conhecimento, mais esforço deverás fazer para controlar a tua irritação. A situação pode descontrolar-se de um momento para o outro...

Não eram só os cabelos. Também os olhos começavam a brilhar. Fechou-os e lutou para recuperar o controlo, como Claiher lhe tinha ensinado, respirando fundo várias vezes.

Claiher refletia enquanto ela fechava os olhos com um ar muito compenetrado. Ele tinha dado a entender que era normal, mas a verdade é que não esperava esta demonstração espontânea de poder. A magia fluía naturalmente e com força nela. Esperava que o que tinha aprendido até ali fosse suficiente para a controlar. Estava na altura de a levar até ao poço. Mas esperaria mais uns dias até eles voltarem. Tinha de os avisar.

— Passa-se alguma coisa? — Aslin fitava-o com um sorriso radiante, como se tivesse vencido um prêmio único e invejável no mundo.

— Estava a pensar que hoje poderíamos fazer algo mais ousado.

— Oh.

— Já consegues dominar a tua transfiguração completamente. Vamos começar a trabalhar na transfiguração do que te rodeia.

Aslin sorria na expectativa. Claiher devia estar satisfeito com os progressos. Tomando o seu lugar na pequena mesa que costumava usar, começou por transfigurar os objetos que a rodeavam. A cadeira num banco, a mesa numa grande moldura, o copo num prato raso... Quando acabou este último, reverteu a mesa para a sua forma normal, que por sua vez inundou-se de água. Este efeito deixou-a estupefata. Como era possível que a água se tivesse mantido inalterada?

— Lembra-te das regras. Não consegues mudar nada que tenha vida nem nada que não sintas. Quando colocaste a mão sobre o copo, visualizaste o copo e a água, mas mesmo assim só mudaste o copo.

— Entendo. Senti o copo e visualizei as duas coisas. Teria de ter colocado a mão a tocar na água.

— Não. Terias apenas de o sentir. O sentir que falámos não é físico, é pessoal. Porque a maneira como sentes as coisas tem reflexo na forma final que os objetos assumem. Quando o consegues fazer, serás capaz de transfigurar os objetos sem lhes tocar, somente com o poder da mente.

Aslin treinou em objetos durante algum tempo, enquanto refletia nas palavras de Claiher. Nos dias que se seguiram, continuou a treinar a transfiguração e melhorou consideravelmente. No entanto, percebeu que lhe levaria imenso tempo até conseguir transfigurar objetos sem lhes tocar.

Depois de muito treino achava que, de qualquer forma, tinha melhorado imenso. Percebeu que Claiher achava o mesmo quando nessa noite chegou a sua casa para mais uma lição. Não havia mobílias na sala, apenas um tapete a meio. Aslin percebeu imediatamente o que se passava e continha o entusiasmo a todo o custo.

— Acho que estás pronta para a próxima fase. Vamos criar uma ilusão. Criar uma ilusão é das coisas mais difíceis que vamos fazer. Quando estiveres à vontade, passamos da ilusão à visualização e começamos a trabalhar no transporte para um sítio específico. Coloca-te em cima do tapete e começa a sentir o espaço. Depois de sentires o espaço, foca-te num ponto e começa a tecer a imagem a partir daí.

Aslin começou devagar, o mais devagar que conseguia. Começou por tentar desenhar uma árvore. Concentrou-se primeiro no chão; sentiu a forma como as raízes deveriam ser, continuou pelo tronco e depois pelos ramos. Primeiro os maiores, depois os menores, um por um, e depois as folhas. Os seus olhos seguiam com atenção a imagem que estava a fazer. No entanto, a imagem estava fraca, não estava bem definida e faltava-lhe cor.

No final da noite estava exausta. Ficou mais tempo do que esperava e

quando regressou a casa já via uns raios de luz tímidos no céu. Acabou por dormir muito pouco e acordou extremamente rabugenta. Assim que se lembrou que nessa noite ia aprender a visualizar um sítio e a transportar-se para o mesmo, ficou entusiasmadíssima e esqueceu, momentaneamente, o cansaço.

Mais tarde, enquanto trabalhava nos campos, apercebeu-se que tinha aprendido mais nas últimas semanas do que nos últimos meses. Antes, Claiher obrigava-a a repetir as coisas incessantemente, em algumas ocasiões com exercícios diferentes para garantir que sabia a técnica. Mas agora fazia-o com menos frequência, aliás na noite seguinte já tinha um novo exercício à sua frente. Era quase como se Claiher achasse que o tempo que tinham fosse limitado. No final da noite, quando lhe tinha prometido que no dia seguinte treinaria melhor a ilusão, a resposta foi rápida e incisiva.

— Não! Amanhã temos de treinar o transporte. Treinas em casa.

Parecia-lhe que ele tinha urgência em ensinar-lhe determinadas coisas. É claro que ainda tinha imenso para aprender.

Estava a chegar a casa quando lhe pareceu ouvir sons abafados nas traseiras. Espreitou com alguma cautela, mas não viu nada nem ninguém. Noutras ocasiões teria explorado as traseiras até casa de Lunza, mas tinha de correr para casa de Claiher, pois sabia que ele estaria já à sua espera.

Dirigiu-se a passo apressado, quase a «voar», mas discretamente e sem fazer barulho — nesta altura já dominava a capacidade de se mover praticamente sem emitir qualquer som. Foi por isso que parou e se escondeu a poucos passos da casa do tecelão, sorrateiramente.

Viu figuras com capas negras a afastarem-se e Claiher de costas... susteve a respiração quando as viu aproximarem-se do nevoeiro. Um turbilhão de perguntas assomava-lhe à cabeça. Quem eram? Certamente que não iam entrar no nevoeiro... O que queriam de Claiher?

As figuras foram suavemente envoltas pelo nevoeiro como se dele fizessem parte. Aslin não sabia o que pensar. Claiher continuava de costas voltadas e entrou em casa como se um grande peso carregasse.

Aslin fervilhava para fazer questões, correu até à porta, entrando de rompante. Prestes a abrir a boca, conteve-se perante o ar perturbado de Claiher.

— Estás atrasada.

— Eu sei... Está tudo bem?

— O quê? Ah, sim... imagino que tenhas questões — dirigiu-lhe um sorriso cúmplice. — Quase passaste despercebida há pouco. Quase, no entanto, ainda não estás pronta para ouvir as respostas. Não podes comentar com ninguém o que viste, percebeste?

Aslin acenou com a cabeça. Esboçou um gesto com os lábios, mas foi detida a um sinal de Claiher.

— Treinaste?

— Não.

Indicou-lhe o conhecido tapete. Aslin tentou argumentar, a curiosidade ardia-lhe na garganta, mas percebeu que não valia a pena. Talvez no final da lição conseguisse falar com ele.

— A imagem que criaste ontem estava fraca e não enganaria ninguém. Quando crias uma ilusão, deves basear-te em sítios que te inspirem algum tipo de emoção, que consigas recordar bem sem teres de o desenhar propriamente dito. Tens de treinar mais! Para o transporte, deves evocar todos os pormenores do local onde queres estar.

— Quer dizer que só podemos ir para locais que conhecemos.

— Não necessariamente.

— Mas desconhecendo o local é impossível evocar pormenores.

— Enganas-te. Mas não é a lição de hoje. Pensa no teu quarto.

No fundo, Aslin era uma criança impaciente. Mas o desejo de aprender, sobrepunha-se à irritação de só saber meias-verdades. Concentrou-se e começou pela janela do quarto.

— Não!

Claiher tinha falado num tom tão decisivo que ela perdeu a concentração.

— Tens de te ver no quarto e não a tua perspetiva do quarto. A janela não é mais do que uma referência, ao gastares tanta energia na imagem que vês, corres o risco de ir parar ao jardim. Começa pelo que consegues sentir.

Concentrou-se novamente. Desta vez, focando os seus pensamentos na cama. Nos lençóis, na almofada. O tapete fofo que estava ao lado. A mesa onde tinha os seus bens mais preciosos, um colar de pedrinhas que o irmão lhe tinha dado e uma pequena seta. O armário num dos cantos, onde numa gaveta guardava fios de tecido que Claiher lhe tinha dado. Depois visualizou o chão, passo a passo, as paredes, cada lasca, risco, remendo. Os seus olhos seguiam com atenção o que fazia e olhou em volta radiante, parecia que estava no seu quarto. O sorriso esmoreceu quando olhou para Claiher e as imagens tremeram.

— Não percas a concentração. Parece que estás no teu quarto, mas efetivamente não estás, porque só estás a usar um dos teus sentidos. Se tentasses transportar-te agora para este sítio que criaste, não irias para o teu quarto. O que torna o teu quarto único?

— As minhas coisas.

— Mais.

— Os sons que oiço da janela.

— Sim. Mais.

— O barulho da casa.

— Mais.

— O cheiro do jantar — estava cheia de fome, não o conseguia evitar.

— Mais.

— Os meus irmãos.

— Concentra-te nisso tudo. Deixa que a tua mente viaje até ao teu quarto. Até veres e sentires o teu quarto neste preciso momento.

Aslin concentrou-se e deixou a sua mente viajar livremente. Sentiu as paredes do quarto ficarem cada vez mais nítidas, quase que podia tocar na cama. Claiher olhava-a enquanto o seu cabelo se mexia furiosamente apesar de não haver vento. Como era poderosa... e nem o sabia.

— Quando sentires o teu quarto, fecha os olhos e pensa que lá estás. Quando voltares a abrir os olhos, deverás estar no teu quarto.

Como se estivesse hipnotizada, fechou os olhos e sentiu a cabeça a ser empurrada para trás.

— Aiiii! — levantou-se de um pulo sob o olhar espantado e dorido do seu mestre. Estava uns passos à frente de onde tinha estado sentada e tinha aterrado com força precisamente em cima dele.

Olhava corada para o chão, enquanto murmurava de forma atabalhoada um pedido de desculpas. Claiher silenciou-a com um gesto.

— O transporte e a ilusão são as coisas mais difíceis de se fazer. Não esperava de todo que conseguisses ir para o teu quarto à primeira. Vamos continuar a tentar.

Não lhe disse que não esperava sequer movimento. E a verdade é que ela conseguiu transportar-se para uma distância considerável. Treinou o resto da noite toda. Quando chegou a casa, adormeceu por cima dos lençóis sem ter forças para se tapar do quão cansada que estava.



Capítulo III

C laiher não podia estar com ela por uns dias, tinha de satisfazer uma encomenda especial para o Mestre. Combinaram que estariam juntos dois dias depois e Aslin prometeu que treinaria em casa. Ia aproveitar também para descansar. Na verdade, sabia-lhe bem o descanso, não se lembrava da última vez que tinha dormido uma noite inteira. Como Rair subtilmente lhe deu a entender, ultimamente todo esse cansaço começava a notar-se.

Aslin teve a tentação de usar o que sabia para camuflar o cansaço, mas ainda podia acabar com o cabelo roxo, por isso resistiu ao impulso, considerando que o melhor era mesmo dormir e descansar. Além disso, a tia chegava hoje e quanto mais cansada aparentasse, melhor. Diria que estava com dores de cabeça para poder encontrar refúgio no seu quarto.

Quando chegou a casa, a tia já estava à sua espera. Sem articular qualquer palavra, limitou-se a virar as costas e começou a andar. Poucos passos depois, parou olhando levemente por cima do ombro. Aslin suspirou e seguiu-a, resignada, sabendo que não servia de nada ignorá-la.

— Aslin, vou precisar que passes mais tempo em casa.

Aslin limitou-se a arquear uma sobrancelha. Precisava de todas as forças para evitar gritar com ela.

— O Rair vai para a Casa do Mestre. Vai ser ele a celebrar as festas deste ano.

Aslin susteve a respiração. Era horrível. Quer dizer, era bom para o irmão, mas para ela... Rair ia passar a fazer parte dos homens do Mestre. Iria ser como Sunuywt. O pior é que estaria inacessível para ela. Também significava que ia ter menos tempo para as lições com Claiher...

— Podes continuar a ter as tuas lições com Claiher, desde que as

mesmas não interfiram com os teus deveres com os mais pequenos, vão ficar à tua responsabilidade enquanto eu não estiver por cá.

— Quando?

— Ainda falta algum tempo, umas semanas. De qualquer forma, estou a avisar-te para que não sejas apanhada de surpresa.

— O que eu perguntei foi: quando é que as minhas funções não vão interferir com as minhas aulas com Claiher.

A tia fitou-a com um olhar gelado.

— Isso é algo que tens de gerir. Todos nós temos de nos adaptar.

— E qual vai ser a sua adaptação?

— Rapariga insolente! Obedece ao que te digo por uma vez que seja.

Aslin não tinha dado conta que Rair tinha chegado. Sentiu a sua mão no ombro, mas ao contrário do que era costume, este movimento não a acalmou, nem um pouco.

— Por que raio é que a tia passa tanto tempo com as curandeiras!? Não pode também partilhar as suas funções lá e passar mais tempo com os mais pequenos? Não que faça falta aqui, na verdade...

O som da bofetada ecoou na sala. Ainda muda de choque, apercebeu-se vagamente que o irmão segurava o braço da tia antes que esta repetisse o gesto.

— Chega.

— Como te atreves...

— Foram as duas longe de mais. Chega.

Do lado de fora de casa, alguém chamou pela tia que saiu para ver o que se passava, ao mesmo tempo que lançava um olhar de fúria na direção de Aslin, dando-lhe a entender que o assunto não estava terminado.

— Aslin! Não achas que exageraste? Podias pelo menos fazer um esforço e pensar nos outros primeiro. A escolha do Mestre é uma honra para nós. Esperava que pelo menos ficasses feliz por mim.

— Fiquei, Rair. Estou muito contente por ti, a questão não é essa. A tia só fica feliz quando pode falar mal dos outros ou fazê-los infelizes. Com toda esta situação, nunca mais vou ter tempo para as lições...

Rair abraçou-a. Se os pais estivessem ali as coisas seriam diferentes. Mas não estavam.

— Porque não estás a ajudar Claiher? Ele tem de fazer uma quantidade de mantos e substituir um dos tapetes principais da Casa do Mestre que ficou estragado num incidente. Deve estar aflito...

— De que te servem as lições se, ao fim de tanto tempo, Claiher ainda não confia em ti para o ajudares? — não tinham dado conta que a tia tinha voltado.

— Claiher achou que eu merecia descansar um pouco — era uma meia-verdade. — Além disso, irei ajudá-lo em breve.

A tia ergueu as sobrancelhas, mas nada disse enquanto virava as costas e chamava os pequenos para o jantar.

O que aconteceu entre as duas não foi discutido, mas trataram-se com uma indiferença gelada nos dias seguintes. A tia estava a demorar-se mais do que era costume e Aslin já se arrependia das suas palavras. Tinha de admitir que tê-la ali aliviava-a um pouco dos trabalhos domésticos, mas mesmo assim preferia que se fosse embora rapidamente.

Quando chegou a casa depois de um dia cansativo nos campos, encontrou a tia na sala com uma mulher que conhecia vagamente. Foi-lhe apresentada como sendo a tia Hijna.

— Os mais pequenos ficarão ao cuidado da minha irmã Hijna. Falámos com o Mestre e com Claiher, ambos concordaram que me acompanhes durante uns tempos no vale. Partimos pela madrugada.

— O quê? E as minhas lições?

— Claiher irá passar grande parte do tempo com o Mestre até às celebrações, o que significa que não terá tempo para as tuas lições. Recebemos também notícias de que...

Aslin não a ouviu nem mais um segundo. Saiu de casa a correr em direção a casa de Claiher, entrou ofegante como se a própria morte a perseguisse.

— Claiher?

— Aslin, o que se passa?

Aslin olhava para ele incrédula.

— Concordaram em mandar-me com a minha tia para o vale? O que se passa? Já não tens tempo para as minhas lições?

— Porque não te acalmas e ouves o que tenho para te dizer em vez de andares por aí furiosa?

Enquanto Aslin gritava, resmungava e pontapeava, Claiher manteve-se impávido à medida que lhe bailava no rosto o que parecia ser um esboçar de um sorriso.

— Já acabaste com a tua resmunguice? Não é seguro continuarmos as nossas lições por agora, pois com a preparação das cerimónias a floresta vai estar cheia de gente. Além disso, no vale encontrarás uma professora. Ou melhor, ela é que te encontrará a ti. Ao ficares terias possivelmente de mostrar o que já aprendeste como tecelã...

Aslin engoliu em seco e fitou-o em silêncio.

— Quanto tempo?

— Voltarás antes das cerimónias, prometo. Espera, tenho uma coisa para ti.

Entregou-lhe uma caixa fechada. Parecia uma caixa, embora não visse nada que se assemelhasse a uma tampa. Era um quadrado de madeira que cabia na palma da mão, ricamente trabalhado e com um ar muito antigo.

— Transfigura-o num anel simples para que ande sempre contigo. Ajudará a proteger-te. A tua professora terá um igual. Aslin, por favor... promete-me que treinas.

— Proteger-me de quê?

— Nesta parte de Surianar estás segura. Mas quanto mais te afastares, mais evidente será o teu poder para os que têm a visão da magia. Com o anel passarás despercebida.

Aslin estava desolada e não percebia nada. Não daria, mesmo de coração apertado, a parte de frac. Deu um abraço rápido a Claiher e voltou para casa.

— Ela é muito forte.

Já ali estava há algum tempo. Claiher estava habituado a estas intromissões e limitou-se a suspirar.

— É muito nova e temperamental.

— É capaz de fazer o necessário. Observámo-la nas últimas lições.

— Precisa de mais treino, mais tempo, ela...

— Não há tempo. Chegou o momento. Assim que ela voltar.

— Sim...

Claiher fitou a escuridão até sentir que também ele lhe pertencia, até muito depois de eles terem entrado no nevoeiro. Aslin tinha uma longa viagem pela frente... e ele estava sem opções.



Capítulo IV

A tia já tinha tentado abordar vários tópicos de conversa, agora limitava-se a falar como se estivesse a falar sozinha, sem esperar respostas da parte dela. Aslin sentia-se perdida e traída por aqueles em quem acreditava que podia confiar.

A noite passada tinha-se desenrolado de forma totalmente inesperada. Primeiro, Claiher que não só não se tinha oposto à ideia de Aslin como concordava com a ida para o vale. *Encontrarás outra professora.*

— ... E eu sempre disse que aquela rapariga traria problemas, sabes que quando ela era pequena...

Do que é que a tia estava a falar agora? Ora, o que é que isso interessava. A oposição respeitosa à ida dela para o vale não teve o apoio nem de Claiher nem do irmão, que se mostrou bastante satisfeito com esta solução.

— Aslin, tens de melhorar a tua relação com a tia. A minha vida será do Mestre e de Surianar daqui para a frente, não poderei dar-te apoio como tenho feito até agora.

A última coisa que ela queria era melhorar a relação com a tia, que cavalgava a uma velocidade vertiginosa com ela de «reboque». Naquele momento falava de quem? Do irmão de Lunza?

— ... E eu disse-lhe, o rapaz devia falar mais, olhar espedado para as pessoas não traz nada de bom...

Impressionante. Ainda não tinha parado de falar. Estava a ficar muito frio, sentia a tia a tremer, mas ela continuava quente. Tinham partido antes do sol nascer e já há muito que este se tinha posto. Ela já não sentia nem as pernas nem nada a que a elas estivesse ligado, só pararam duas vezes e a tia

não parecia contente com o progresso. Além disso, tinha começado a chover e o chão parecia feito de gelo.

— Vamos parar para passar a noite. Ainda estamos muito longe de lá chegar.

— Parar onde? — só via neve para onde quer que olhasse. Com desdém, a tia indicou-lhe uma gruta à sua frente. Teve de admitir que nunca a teria visto se a tia não tivesse apontado para a pequena abertura.

Desmontaram dos cavalos e entraram, levando os cavalos e tudo com elas. A entrada era pequena, mas a gruta era enorme. Suspeitou pelo à vontade com que a tia andava pela gruta, que esta não era a primeira vez de que se servia daquele abrigo. Teve de admitir que ela era eficiente e, mesmo não tendo frio, soube bem o calor da fogueira.

Comeram rapidamente e deitaram-se. Parecia que tinha acabado de fechar os olhos quando a tia a acordou.

— Mexe-te, anda lá.

— Ainda é de noite! — os seus protestos foram ignorados sem cerimónia, enquanto era posta de pé com um só gesto e a tia lhe colocava uma tigela nas mãos com algo muito quente.

— Come.

Bocejando, fez o que lhe mandava e comeu sem saborear. Ainda lhe doíam as pernas e só conseguia sentar-se de lado. Reprimiu um grito de dor enquanto subia para o seu cavalo. Tremia só de pensar que ainda tinham de cavalgar até ao seu destino, resistiu à vontade de perguntar se ainda faltava muito.

A tia retomou o seu discurso como se não tivesse sido interrompida no dia anterior. Não sabia o que era pior, se as dores a cada vez que o cavalo acelerava, se o discurso da tia, que agora era acompanhado de picos de intensidade. Estava a contar-lhe algo muito relevante, ao que parecia.

— Aqui não para de chover. Dizem que é magia! Acho que acaba por funcionar como proteção às curandeiras — sussurrou ela quase em tom de confidência.

Era a primeira vez que a ouvia a falar de magia. Embora o tema lhe interessasse, não lho ia admitir e muito menos naquela altura, em que se concentrava para não cair. A tia assumiu o seu silêncio como consentimento e continuou a falar.

— Se não tivesses vindo comigo, não conseguirias encontrar as curandeiras. Vais achá-las um pouco... diferentes do que estás habituada.

Parecia que estavam a andar na lama, mas nem isso fazia o cavalo abrandar o passo. Nesse dia não pararam sequer para comer, só quando o dia começou a dar lugar à noite, é que abrandaram. Aslin estava cheia de dores e quase a desfalecer, mas quando se apercebeu que deviam estar a chegar, deixou fugir um suspiro de puro alívio.

O caminho tornou-se mais cansativo pela chuva miudinha que caía copiosamente. Quando pararam, estavam numa clareira enorme onde não

conseguiam ver nada. A tia ficou quieta e esperou pacientemente pelo primeiro raio de luar. Olhou para ela com um sorriso e passou através do feixe de luz da Lua. Aslin teve de piscar os olhos várias vezes para se convencer que o que via não era uma ilusão. No sítio onde antes via uma clareira deserta, estava agora um conjunto de casas, uma cascata ao longe, pequenos recantos preciosos e uma grande estrutura no centro.

Calmamente, as mulheres que por ali andavam vieram ter ao encontro da tia e ajudaram-na a descer do cavalo. Com pequenas vénias, ajudaram-nas a levar as coisas para dentro de uma das casinhas, muito modesta e composta por uma única divisão com uma cama, uma mesa, umas cadeiras e uma enorme lareira. Estavam ainda espalhadas várias prateleiras ao longo das paredes, algumas eram coisas familiares a Aslin. Aquela devia ser a casa da tia quando ficava no vale.

— Aslin, tenho de ir falar com Salimn, podes ficar aqui e descansar — pelo olhar da tia, era óbvio que ela não estava em grandes condições para ir onde quer que fosse. Quando a tia saiu, colocou-se de lado na cama, pensando em esperar acordada. Ainda estava a pensar nisso, quando adormeceu profundamente.

Acordou no dia seguinte com os resmungos da tia, que falava com uma mulher que ela já tinha visto antes, era a mulher que estivera na sua casa antes da discussão. Devia estar ali uns dias como a tia e o resto em casa.

— Aslin, já acordaste. Depois de te lavares e comeres temos trabalho para fazer — a tia estava fresca como uma flor, apesar das exigências da viagem. Aslin mal sentia as pernas, mas a tia parecia ignorar esse facto.

Levantou-se a muito custo e saiu de casa. Duas raparigas, pouco mais velhas que ela, vieram ao seu encontro. Tinham três tranças de cabelos brancos, a marca das curandeiras.

Fizeram uma pequena vénia e entregaram-lhe um pequeno pote com um creme. Indicaram-lhe por gestos que o devia esfregar nos locais doridos. Aslin agradeceu e elas retiraram-se com uma vénia.

Ainda estava a comer quando a tia apareceu transpirando impaciência. Desta vez, Aslin levantou-se com alguma graciosidade, restabelecida depois daquele creme maravilhoso que as raparigas lhe tinham dado.

Dirigiram-se ao edifício central, para Aslin era um pouco difícil o definir. Era muito alto e parecia ter vida própria, como se tivesse crescido ao longo dos tempos, não conseguia perceber como é que aquela estrutura se aguentava, mas ao mesmo tempo parecia bastante sólida. Tinha várias entradas e raparigas parecidas com as que tinha encontrado de manhã, entravam e saíam livremente.

Seguiu a tia atentamente e ansiava por fazer perguntas, mas não havia tempo a perder. Lavaram roupa até lhe doerem os braços, comeram e depois passaram o resto do dia a fazer pão de sementes.

Aslin já não sentia os braços. Quando estavam a comer no fim do dia, a tia começou com as suas dissertações habituais. Aslin fez um esforço

tremendo para ouvir, mas quase cabeceava em cima do prato. Despertou quando uma das raparigas que lhe tinha dado o creme (pelo menos, assim lhe pareceu), assomou na entrada da porta.

Fez uma pequena vénia e dirigiu-se a Aslin.

— Sou Marhat. Salimn gostaria de falar contigo amanhã.

— Eu levo-a.

Com uma pequena vénia, Marhat saiu. Aslin não conseguia perceber se a tia estava satisfeita ou surpreendida.

— Quem é Salimn?

— A anciã do vale. É ela que escolhe as mulheres que podem vir ajudar nas suas tarefas. Pensa só, poderemos começar a vir juntas todas as semanas.

Aslin ficou quase sem ver ao primeiro impacto desta afirmação. Respirando fundo, dirigiu um sorriso amarelo à tia.

— Devo dizer alguma coisa especificamente? — o que quer que a tia lhe dissesse, diria o oposto. Vir com a tia todas as semanas? Preferia limpar o chão da casa de Claiher com a língua.

— Chega de conversa. Tivemos um dia longo e amanhã não te podes deixar dormir, temos muito trabalho.

Conversa era o que a tia mais gostava, mas naquele momento tinha razão, Aslin mal conseguia manter os olhos abertos.

Na manhã seguinte, Marhat esperava por ela na entrada. Enquanto a seguia, percebeu que não era nenhuma das raparigas que lhe tinham dado o creme. Tinha várias tranças no cabelo e mexia-se com suavidade ao longo do caminho para o edifício central.

Quando entraram, Aslin olhou discreta e rapidamente em volta. A sala estava parcamente mobilada e todas as paredes tinham prateleiras com poções e boiões de várias cores e formas. Passaram por uma série de salas semelhantes até chegarem a uma sala maior, onde estavam três rapazes jovens a dormir, com ligaduras espalhadas pelo corpo. Aslin desviou o olhar quando um deles se virou e percebeu que o mesmo não usava nada debaixo dos lençóis.

— Foram feridos nos campos quando uma carroça partiu a roda. Estão a recuperar bem — Marhat respondeu à pergunta que não tinha sido feita. Aslin limitou-se a acenar e seguiu-a passando por mais salas repletas de boiões.

Parou quando ela parou, e quando Marhat lhe fez uma vénia, percebeu que devia ficar ali. Percebeu que não estava sozinha, reparou que estava uma mulher, de idade indefinida, concentrada a escrever num livro. Aslin ficou muito quieta para não incomodar enquanto olhava em volta. Havia imensos livros ao logo das paredes e em pilhas no chão. Uns grandes, outros pequenos e uns muito antigos abertos em páginas com desenhos estranhos.

Estavam também alguns objetos espalhados pela sala, meio dentro, meio fora de caixas de madeira. Aslin não conseguiu identificar nenhum deles.

Salimn estava a olhar para ela com um sorriso.

— Aslin, é assim que te chamas?

— Sim.

— É a primeira vez que vens. Desejas ser uma curandeira?

— Não. Vim com a minha tia para a ajudar nas suas funções. Não tenho ambição de ser curandeira.

Salimn acenou pensativamente e retomou a escrita por uns momentos.

— Porque vieste então com a tua tia?

— Para a ajudar nas suas funções aqui no vale.

— O que fazias antes?

— Fazia e vou continuar a fazer, trabalhar nos campos e ter lições com Claiher para poder tornar-me tecelã. Simplesmente por um conjunto de razões proporcionou-se que eu ajudasse a minha tia desta vez e...

— O que se passou?

— Como já mencionei, estou a ter aulas com Claiher para me tornar tecelã. Com a preparação das cerimónias, Claiher não tem tempo para as minhas lições. Pareceu adequado à minha tia que a ajudasse.

— Uma tecelã faz sempre falta — Salimn falava enquanto escrevia —, talvez pudesses ensinar uma ou duas das nossas tecelãs mais novas enquanto aqui estiveres.

— Eu... bem, eu não progredi assim tanto. Tive de conciliar as minhas sessões com Claiher com as minhas tarefas e acabei por não aprender tanto como se estudasse só com ele.

— Mesmo assim foi uma grande vitória conseguir lições com ele. Como bem sabes, Claiher é uma grande referência em Surianar.

Aslin não sabia o que responder.

— Fala-me um pouco mais de ti. A tua tia mencionou que tens irmãos? Senta-te, por favor. Fica à vontade — apontou para uma das várias almofadas que estavam espalhadas pela divisão.

Aslin estava reticente no início e deu o mínimo de informação possível, mas quando estava a ficar à vontade, deu por si a falar involuntariamente do seu irmão mais velho e do quanto estava orgulhosa dele. Apesar disso, o orgulho não atenuava a apreensão perante as alterações que se seguiriam depois da sua ida para a Casa do Mestre. Temia não ter tempo para as sessões com Claiher...

— O desejo de ser tecelã é assim tão profundo?

Aslin respirou fundo.

— As aulas são muito importantes para mim.

— Hum.

Fitaram-se por momentos, cada uma tentando compreender a outra.

— Tens questões para mim, Aslin?

— Posso fazer-lhe algumas perguntas?

Salimn sorriu enigmaticamente. Aslin era muito nova e embora isso não se tivesse notado ao longo da conversa que tivera, a curiosidade que aparentava agora era genuína e típica de uma criança. Claro que tentava aparentar o mínimo de ansiedade possível.

— Claro. As que quiseses.

— Reparei nuns jovens quando entrei. Estavam bastante feridos. Como vieram para cá? São vocês que vão buscar os feridos para aqui?

— Não exatamente. Esses jovens foram trazidos por familiares deles, a quem foi dada autorização que entrassem brevemente no vale. Apenas em casos muito raros as curandeiras saem do vale.

Salimn encostou-se na cadeira, entrelaçou as mãos, olhou para ela e explicou.

— Como me falaste de ti, parece-me justo conheceres um pouco o nosso vale. As curandeiras vêm para aqui enquanto crianças e dedicam a sua vida a curar e a ajudar os doentes. As capacidades de cada uma são visíveis pelas tranças que possuem. Quantas mais tranças tiverem, mais podem fazer. No início, só podem usar as poções já feitas conforme a necessidade e sempre sob a vigilância das mais antigas. Algumas conseguem progredir e aprender a reconhecer as enfermidades e a aplicar a cura necessária. O estudo é muito importante, algumas estudam os ensinamentos destes livros que vês, de modo a aprenderem mais — enquanto falava abraçou com uma mão toda a sala.

Aslin resistiu perguntar porque Salimn não tinha tranças, mas a resposta foi breve.

— Um pequeno grupo consegue curar com as mãos. Usar magia se quiseses. O teu Mestre faria com que esse grupo desaparece se saísse da proteção do vale, sendo ele tão contra a magia como é. Eu não uso tranças porque a minha posição me permite usar a magia sem repercussões — não lhe disse que cada vez que curava outra pessoa com magia, era como se desse uma parte de si e que isso a enfraquecia sempre.

— Usou magia recentemente?

— Não. Com tantas poções e curandeiras é difícil haver um caso que não seja resolvível. É preferível não usar a magia de todo.

Miraram-se em silêncio durante alguns instantes. Aslin interrogou-se se seria Salimn a professora que devia encontrar ali, mas ela não via nenhum anel. Sentiu que tinham ficado coisas por dizer, mas nenhuma ousava falar.

— Tenho uma proposta para ti, porque não ficas connosco algum tempo e aprendes a arte de curar? Falta pelo menos uma lua até às cerimónias e Claiher não terá tempo para ti e para as vossas lições.

— Obrigada. Posso pensar por um dia ou dois? — Claiher tinha-lhe dito que se procurasse com cuidado encontraria outra professora... seria Salimn?

— Marhat acompanha-te durante o dia de hoje e mostra-te uma pequena parte do que fazemos. Quando estiveres pronta para dar uma resposta, serás trazida até mim novamente.

Salimn chamou alguém e, enquanto aguardavam que Marhat aparecesse, falou um pouco mais com Aslin.

— Poderás vir aqui sempre que quiseses e consultar estes livros.

Aslin agradeceu com uma pequena vénia e enquanto Salimn se concentrava novamente no que estava a escrever, olhou em volta com mais

atenção para os livros e para os objetos que ali estavam.

Estava nesse estado de contemplação quando Marhat entrou na sala. Falou com Salimn em surdina e depois dirigiu-se a Aslin.

— Vamos?

Aslin acenou em concordância e levantou-se. Antes de sair, agradeceu a Salimn a atenção e disponibilidade. Salimn descartou os agradecimentos com uma mão e com um sorriso desejou-lhe um bom dia.

Enquanto saíam do edifício, Aslin pensava em Claiher e nas saudades que tinha do irmão Rair. Se não encontrasse a tal professora em dois dias, diria a Salimn que agradecia a proposta, mas que voltaria com a tia. Tentava convencer-se disso, ao mesmo tempo que controlava a curiosidade e a sede de aprender mais daquele sítio. Independentemente da decisão, sabia que a tia ia ficar furiosa por ela andar com as curandeiras e não a ajudá-la. Bem, lidaria com a tia quando chegasse a altura.



Capítulo V

Perceber as curandeiras era perceber a arte de curar e a capacidade de entrega total a uma vida a ajudar os outros. Marhat explicou-lhe que uma vez tomada a decisão de ser curandeira, ficavam no vale e era raro, muito, muito raro saírem. Era uma condição que algumas acatavam com dificuldade no início, mas assim que se entregavam completamente ao estudo, convertiam-se àquele modo de vida.

— E caso aconteça algum incidente onde precisem de vós?

— As anciãs são as únicas que saem. Neste caso, somente Salimn e as suas duas irmãs...

— Irmãs?

— Nasceram todas ao mesmo tempo e são iguais. São as únicas que conseguem usar magia e percebem mais da arte de curar do qualquer outra curandeira.

— Que idade têm? — sabia que era uma pergunta indelicada, mas não conseguiu segurar a língua. Foi uma questão que ficou por responder, Marhat cumprimentou outra das curandeiras a quem entregou Aslin para que percebesse como eram feitas algumas das pomadas e loções. A curandeira parecia pouco mais velha que ela, mas estava ali ainda ela não era nascida, disse-lhe. O seu nome era Luhar.

— Trabalhamos de dia e de noite para manter estes boiões cheios. Existem ervas que só podem ser colhidas à meia-noite, flores que só abrem em noite de lua cheia e plantas que têm de ser recolhidas com o orvalho.

— Para que servem estes boiões? — Aslin apontava para uns frascos compridos com um líquido azul que parecia mexer-se.

— Para ajudar os que têm dificuldades na fala, problemas na garganta.

Uma colher três vezes ao dia. É feito com *Pingos da Lua*, são umas folhas que têm de ser colhidas na passagem da noite, precisamente à meia-noite, para terem propriedades curativas.

— E estes roxos baixos? — tinham um ar gelatinoso nada apelativo.

Luhar sorriu.

— Este é para os males do espírito. Nem sempre nos procuram só para problemas físicos, mas também para outros mais variados.

Aslin nunca tinha ouvido falar de ninguém mal do espírito em Surianar. Ao longo do dia que passou com Luhar, percebeu que muito do trabalho que ali se fazia era feito como preparação antes das pessoas aparecerem doentes. Havia poções muito antigas para ajudar os que tinham problemas nos ossos, outras para as crianças que se fechavam em si mesmas e que eram levadas às curandeiras para o tratamento.

Aslin conheceu algumas dessas curandeiras e viu a mudança que as crianças tinham no tempo em que estavam com elas e o sorriso de gratidão dos pais quando lhes eram entregues. Não bastava poções, a dedicação das curandeiras era muito importante, senão o mais importante deste processo de curar os outros.

Não tinha permissão para entrar numa série de salas, mas a maioria estava aberta e Aslin ia fazendo perguntas sobre o conteúdo de um ou outro frasco. Para ela, a capacidade de conseguir fazer aquelas misturas para obter um determinado efeito era também magia.

Quando voltaram ao grande salão repleto de boiões e frascos, reparou num armário sujo que passava despercebido na parede.

— Naquele armário também estão poções?

A atitude de Luhar, que tinha sido cordial até então, sofreu uma alteração radical.

— Como deves compreender, alguns segredos não podem ser revelados. O sol já se pôs, devias juntar-te à tua tia. Irei buscar-te de manhã.

Fez-lhe uma pequena vénia e esperou que Aslin se afastasse. Embora mantivesse um semblante calmo, Aslin sentiu que tinha feito uma pergunta que não devia. Assim que Aslin se afastou, Marhat juntou-se a Luhar. Se Aslin tivesse ouvido a conversa entre as duas, teria ficado surpreendida.

— Não achas estranho este pedido de Salimn? Ela parece não ter nenhum conhecimento relevante.

— Nós precisamos de mais aprendizes, temos tido cada vez mais trabalho e feridos com os conflitos...

— Shhhh... há coisas que não devem ser mencionadas. Em Surianar o Mestre construiu uma realidade à parte.

— E quer mantê-la assim. Por isso não percebo a insistência de Salimn.

— Ela viu alguma coisa na rapariga. E eu sinto que ela é diferente. Sabes quem foi a sua mãe?

— Sim. É estranho que nem ela nem os irmãos tenham magia nenhuma.

— Sim, de facto...

— O irmão irá juntar-se aos aprendizes do Mestre.

Luhar manteve-se silenciosa. Desconfiava do motivo que levava Salimn a querer as curandeiras a acompanhar Aslin e não era apenas pelas mãos extra, que seriam mais do que bem-vindas. Os conflitos que dilaceravam a floresta iam atingir Surianar muito em breve. O Mestre parecia confortável mantendo os seus na ignorância, mas isso tornar-se-ia uma tarefa difícil. Salimn queria a rapariga para se proteger. Luhar já tinha percebido que ela não seria fácil de iludir.

Quando chegou ao pé da tia, esta estava a ferver. Ela tinha vindo ali para a ajudar e não para andar a passear com as curandeiras. A tia tinha-a visto ao longe. É claro que não lhe disse isso diretamente, mas insinuou que naquele dia a ajuda teria sido preciosa.

— Aslin, espero que o teu dia tenha sido proveitoso. Hoje eu quase que trabalhei por duas...

— Foi tia, obrigada — Aslin fez-lhe uma vénia e agarrou na tigela para comer, mas a tia não estava disposta a deixá-la escapar tão facilmente.

— Então, sobre o que falaram? — olhava para ela ansiosamente, com um ar quase febril de curiosidade.

— Mostrou-me salas com boiões e frascos de vários tamanhos e feitios e disse-me que cada um era usado para tratar condições diferentes — atacou vorazmente a tigela com o caldo.

— Oh. E Salimn, que te disse de manhã? Pensei que vinhas ter comigo depois.

— Salimn só quis que eu me sentisse bem-vinda — era uma meia-verdade, mas não tinha paciência nem tempo para falar com a tia. Estava exausta e queria ir dormir. — Então fui conhecer um pouco do sítio.

— Um pouco? Que queres dizer? Pensei que tinhas visto salas com boiões e afins.

— E vi tia. É uma parte importante do sítio. Tia...

— Hum?

— O que há no nevoeiro? Não poderão existir mais sítios como Surianar? — não sabia porque tinha perguntado aquilo à tia, mas estranhou algumas coisas que aconteceram ao longo do dia.

Pareceu-lhe que a tia tinha empalidecido no silêncio que se seguiu, mas recompôs-se rapidamente.

— Que disparate. Surianar é o que existe. Não há mais nada e nós não precisamos de mais nada. Porque perguntas isso?

— Hoje quando estava com as curandeiras pareceu-me ver pessoas que não eram de Surianar. Pelo menos eu não as reconheci.

— E achas que conheces toda a gente que habita em Surianar? Quando voltarmos não fales disso a ninguém, ouviste? Não quero que ninguém tente entrar no nevoeiro e desapareça.

— Sim, tia — se a tia tivesse falado com a rispidez habitual, tinha talvez respondido na mesma medida, mas falou como se estivesse apavorada. Um

medo profundo que não estava associado ao nevoeiro, mas sim às conjecturas de Aslin.

A tia foi imediatamente dormir e disse-lhe para fazer o mesmo. Contudo, a conversa ao jantar tinha lançado uma semente na mente de Aslin que crescia rapidamente.

Acordou a meio da noite com um restolhar longínquo. Há muito tempo que não se deitava tão cedo e que dormia tão bem, com as aulas de Claiher habituou-se a dormir pouco. Ao princípio, estranhou acordar antes do sol nascer, mas depois ouviu novamente o restolhar.

Saiu do abrigo e começou a caminhar na direção do som. Sem saber porquê, movia-se pelas sombras e muito devagar, evitando fazer ruído. Andou uma distância considerável quando se apercebeu de que estava a aproximar-se do nevoeiro. Um arrepio percorreu-lhe a espinha, nunca se tinha apercebido de que estavam tão próximas do nevoeiro ali.

Estavam três vultos com capas negras a falar com uma curandeira. Não conseguia distinguir as feições da curandeira e os vultos estavam de costas para ela. A curandeira andava muito de um lado para o outro, sem se preocupar com o barulho que fazia, mas sussurrava as palavras. Aslin teria de se aproximar para ouvir, mas não se atrevia, podia correr o risco de ser apanhada, algo que não seria benéfico para si.

Ficou gélida e pávida quando viu os vultos a entrarem no nevoeiro. A entrarem não, a serem envolvidos ou absorvidos pelo nevoeiro. A curandeira encaminhou-se para a grande casa sem olhar para trás.

Aslin voltou para o abrigo com o mesmo cuidado com que tinha saído, mas tinha a mente num turbilhão. O nevoeiro era perigoso e encerrava vários perigos. Ou não? Só existia Surianar, rodeada pelo nevoeiro. Ou isso era mentira?

Não conseguiu pregar olho o resto da noite. Não tanto pela consciência de que algumas das coisas que lhe contavam desde pequena eram mentiras e nada mais, mas sim pelo choque de perceber que não se encontrava surpreendida.



Capítulo VI

Luhar foi buscá-la nessa manhã muito sorridente e pronta para lhe mostrar como se desenrolava um dia na vida de uma curandeira.

— Bom dia, Aslin. Espero que tenhas dormido bem.

— Sim, obrigada — com um olhar de esquelha, Luhar deu-lhe a entender que não parecia que tal tivesse acontecido.

— Pensei em mostrar-te hoje alguns sítios de cultivo, vamos andar perto das fronteiras do nosso espaço. Espero que o nevoeiro não te incomode.

Aslin fez-lhe uma vénia e ambas seguiram para a grande casa. Andaram por algumas salas, enquanto Luhar dava instruções a algumas das raparigas que encontravam pelo caminho. Numa dessas ocasiões, Aslin notou que uma das raparigas mais novas olhava para ela com muita curiosidade. Parecia ser uma criança, definitivamente muito nova para ser curandeira... ou assim pensava Aslin.

Luhar estava bastante irritada com alguma coisa que discutia em surdina com uma das curandeiras.

— Aslin, a Layla acompanha-te a partir daqui, tenho assuntos... urgentes para tratar — com uma vénia dirigiu-se rapidamente para fora da sala.

A criança que tinha estado a olhar-lhe intensamente, deu um passo em frente e apresentou-se como Layla.

— Vamos, Aslin?

Nas traseiras da grande casa, que Aslin ainda não tinha visitado, havia uma imensidão de ervas e outras coisas plantadas. A criança que lhe acompanhava, falava com autoridade ao descrever aquilo a que chamava o

pequeno jardim.

— Algumas têm de ser secas depois de apanhadas, por isso torna-se ainda mais importante ter em atenção ao ciclo destas plantas, já que podem ser necessárias para uma pomada ou xarope que as utilize.

— Há alguma altura específica para as apanhar?

— Sim e pessoas específicas também, porque há flores, por exemplo, que têm de ser cortadas de uma determinada forma senão não voltam a crescer.

— Apanhas algumas destas plantas?

— Sim. Pode até dizer-se que eu nasci entre estas plantas. A minha mãe cuidava de muitas delas antes de eu nascer, assim que comecei a andar dediquei-me a elas.

— Nasceste aqui? A tua mãe também é curandeira?

— Morreu quando eu nasci. Fui criada pelas curandeiras.

— Lamento.

— A culpa não foi tua — disse com simplicidade.

Estar ali era muito agradável. Viu várias curandeiras atarefadas de um lado para o outro. Faziam pequenas vénias quando as viam e retomavam o trabalho.

— Diz-me, foi Claiher que transfigurou esse anel?

A pergunta apanhou-a totalmente de surpresa. Tentou esconder o seu espanto e disse-lhe que não sabia o que ela estava a dizer.

— Oh, eu conheço muito bem esse cubo — mostrou-lhe discretamente um anel igual ao dela que estava pendurado num fio debaixo das suas vestes, escondido dos olhares alheios.

Aslin estava tão estupefata que não sabia o que responder. Quem olhasse para elas, veria apenas duas raparigas debruçadas a cheirar uma planta.

— És tu a professora que devia encontrar aqui.

— Professora? Todos somos professores e alunos. Aslin, espero que aceites a proposta de Salimn. Ficares um pouco mais de tempo aqui pode ser bom para os teus ensinamentos.

— Salimn sabe que...

— Não! Nem deves dizer-lhe.

Aslin assentiu, mas não entendia como Salimn desconhecia este poder na pequena Layla.

— Encontramo-nos junto à fonte quando a Lua estiver no seu ponto mais alto. Falaremos um pouco mais à vontade aí.

— A minha tia regressa amanhã. Eu deveria ir com ela...

— Pensa na proposta de Salimn.

— Porque é que ela me fez essa proposta?

— Estou certa de que tens muitas perguntas, mas agora não é a melhor altura — indicou discretamente para uma rapariga que as olhava enquanto trabalhava.

Passaram um dia muito agradável naquele espaço enorme, mas Aslin

nem o apreciou devidamente por ter milhares de perguntas a percorrerem a sua cabeça.

Foi até Salimn, que parecia não ter-se movido aquele tempo todo, continuava a escrever num livro de grande tamanho com interrupções ocasionais. Quando a viu, sorriu abertamente.

— Os teus dois dias acabaram.

— Sim.

— Espero que tenhas ficado com uma ideia melhor do que fazemos aqui. Muitas pessoas acham que nós esticamos a mão e ficam curados, não percebem tudo o que é feito e preparado antes.

— É verdade.

Olharam-se em silêncio durante alguns instantes. Nenhuma queria dar um passo em frente. Aslin aclarou a garganta e começou.

— Eu agradeço a proposta que me fez. Gostava de ficar mais algum tempo, se me for permitido.

O sorriso de Salimn foi instantâneo.

Acenou-lhe e fez-lhe sinal para se aproximar.

— Layla acompanha-te e ajuda-te a levar as tuas coisas para os aposentos das curandeiras.

— Preferia passar a noite de hoje com a minha tia — e seria mais fácil ir ao encontro de Layla a partir dali —, ela ainda não sabe da minha decisão.

— Muito bem — voltou a concentrar-se no grande livro que tinha em frente.

Layla conduziu-a de volta, passando pelas salas já conhecidas. Começava a sentir alguma familiaridade com aquela grande casa que seria sua por algum tempo. Os aposentos das curandeiras deviam ser na casa, julgava ela. Layla não abrandou o passo nem uma vez, quando chegaram fez-lhe uma pequena vénia e com um sorriso afastou-se.

A tia ainda não estava no abrigo, o que lhe deu algum tempo para pensar na melhor forma de abordar a questão. Enquanto debatia consigo própria a melhor forma de falar com a tia, foi surpreendida com a sua chegada efusiva.

— Aslin, já chegaste! Partimos amanhã, desta vez não pode haver paragens durante a noite, por isso dorme o melhor que puderes hoje. Vamos arrumar as coisas num instante e...

— Tia precisava de falar consigo, eu...

— Claro, claro, falamos enquanto arrumamos as coisas — os poucos pertences que tinham trazido seriam arrumados em segundos e aquele abrigo modesto estaria pronto para os próximos hóspedes passageiros que ali chegassem.

Aslin tentou várias vezes falar com a tia e a oportunidade só chegou enquanto estavam a jantar.

— Ah, como é pacífico o Vale da Lua. Se não fosses tu e os pequeninos acho que ficava aqui — Aslin sabia que não era verdade. A tia adorava o movimento e as amigas em Surianar. Jamais as deixaria permanentemente.

— O que achaste das curandeiras?

Respirou fundo e disse-lhe que Salimn a tinha convidado a ficar mais algum tempo e que estava a pensar em aceitar.

— Ficar? Mas ficar como, como curandeira?

— Não, apenas ficar algum tempo. Aprender mais com elas.

— Aprender para quê? Já estás a aprender com Claiher para ser tecelã, agora queres aprender mais... serias mais útil se trabalhasses em vez de andares com a cabeça no ar. Vê bem, fartei-me eu de trabalhar nestes dias enquanto tu passeaste com as curandeiras. Se todas tivéssemos andado a passear, não havia nada feito, nem lençóis limpos, nem comida armazenada, nem roupa pronta a usar, nem ligaduras...

— Tia, é uma grande honra ser convidada por Salimn para ficar um pouco e aprender com elas. Voltarei a tempo das cerimónias de Rair. Além disso...

— A tempo das cerimónias? Quer dizer que queres ficar aqui quase uma lua? Não posso crer. Quando Salimn te perguntar agradeces e recusas respeitosamente. Quem ficará com as crianças? E Claiher, esqueceste-te dele?

Impressionante. Agora é que lhe convinha que Claiher tivesse passado a ser aliado, uns dias antes era apenas alguém que a afastava dos seus deveres domésticos.

— Lamento, mas já aceitei.

— Como? — a expressão de choque na cara da tia poderia ter sido confundida com indignação, mas o que Aslin via era raiva na sua forma mais pura.

— Disse a Salimn que aceitava a sua proposta.

Durante uns instantes ninguém falou. Aslin sentia o peso do silêncio no peito, será que a tia a ia impedir de ficar?

— O combinado seria que até às cerimónias me acompanharias sempre que eu viesse aqui. Parece que a proteção que vos dei até agora não significa nada para ti. Fazes ideia do que abdiquei para tomar conta de vocês quando o teu pai me pediu antes de morrer?

Aslin não sabia o que dizer. Quando abriu a boca para falar, foi interrompida pela tia.

— Depois de tudo o que fiz, tomas decisões sem me informares primeiro. Salimn sabe que decidiste ficar sem me perguntar?

— Primeiro, deixe-me dizer-lhe que não abdicou de nada dado que continuou a fazer a sua vida normalmente, deixando-me a tomar conta das crianças com o Rair. Não reconheço a proteção de que fala. Não sabia desse pedido, pensei que lhe tínhamos sido impostos pelo Mestre, pelo menos foi sempre isso que deu a entender. E sim, tomei uma decisão, porque me foi pedida que a tomasse e não sinto que lhe deva seja o que for.

A tia reagiu de forma estranha. Primeiro, sorriu lentamente como se estivesse a olhar para algo prestes a ser esmagado. Depois, virou-lhe as costas e saiu.

A tia ainda não tinha voltado e a Lua estava quase no ponto mais alto. Layla deveria estar à espera dela...

Quando a tia chegou, acordou-a sem cerimónias. Aslin fingiu que estava a dormir e simulou um susto.

— Salimn acha que serás de utilidade aqui para fazer tarefas que as outras não podem fazer. Não contesto as suas decisões.

Aquele sorriso azedo da tia era perigoso.

— Não voltarei tão cedo ao vale, ficarei com as crianças e vou ajudar nos preparativos para as cerimónias, vai ser complicado voltar para te levar às cerimónias, mas tentarei. Quando acordares já cá não estarei.

Aslin rangeu os dentes. Já que a tia não conseguia controlar a sua permanência no vale, controlava o seu regresso. Encontraria uma forma de voltar. Tinha de encontrar.

— Claro — respondeu-lhe num tom gelado. — Boa viagem.

— Dorme.

Sentia-se mal por não ir ao encontro de Layla, mas não podia arriscar. Sem dar conta, adormeceu. Quando acordou a tia já tinha partido.



Capítulo VII

Os *aposentos* das curandeiras estavam escassamente mobilados, à semelhança das casas onde tinha estado com a tia. Ao longo de um corredor enorme, no que lhe pareceu ser o último andar, estavam quartos de ambos os lados, cada um com duas ou três camas, uma lareira, um baú, onde deviam guardar os pertences, e uma janela.

O quarto de Layla tinha ainda uma mesa e um banco pequeno. Aslin ia partilhar o quarto com ela, teve sorte nesse aspeto, pois a rapariga que partilhava com elas ia trabalhar à noite durante algum tempo. Aslin imaginava que poderiam aproveitar as noites para treinar, já há muitos dias que não praticava e sentia um formigueiro nos dedos.

Esteve na grande sala cheia de livros com Salimn nesse dia, a tarefa para aquele dia consistia em ler um conjunto de livros sobre plantas e tirar anotações. Folheou alguns que retirava ao acaso das prateleiras, mas a maior parte deles estava escrito com uns caracteres que Aslin desconhecia. Um dos livros prendeu-lhe a atenção em especial. Era muito velho e as páginas pareciam querer desfazer-se quando as virava. Tinha imagens e figuras muito curiosas.

— Esse livro foi banido de Surianar há muito tempo. Conta a história dos antigos. Julgo que é melhor começares pelos livros básicos de uma curandeira, sobre flores e plantas com propriedades curativas — com um ar delicado, mas decidido, retirou-lhe o livro das mãos e colocou-lhe outro que devia ter sido escrito por uma das curandeiras.

Aslin tentou concentrar-se, mas adorava conseguir ler o que o outro livro tinha escrito. De qualquer forma, este também era interessante.

«Alfarmin – deve ser colhida em noite sem Lua e as pétalas devem ser

secas. As folhas devem ser usadas com cuidado, podem ser utilizadas para colocar o doente a dormir quando o procedimento o exige.

Jolim – colhida quando o Sol atinge o seu ponto mais alto. Deve ser mergulhada em água a ferver e depois moída. A água alivia dores nos ossos e a planta triturada pode ser usada para fazer uma pomada curativa.

Homana – flor repleta de espinhos. Só pode ser colhida ao início da noite. Os espinhos são muito perigosos e se apanhada durante o dia pode paralisar a curandeira. Depois de apanhada, mergulhar em leite durante a noite e na manhã seguinte espremer os espinhos. O líquido pastoso pode ser usado em constipações ou problemas de respiração. Depois, triturar a flor e usar para desinfetar feridas.»

Começava a perceber a necessidade de ter curandeiras específicas para apanhar as plantas. Eram vários livros com instruções e muitas plantas e flores, algumas delas, pelos vistos, muito perigosas. Os livros tinham, ainda, várias anotações extremamente detalhadas.

Nessa noite falou sobre isso com Layla.

— Existem todas estas plantas e flores aqui?

— As necessárias, sim. Mas, Aslin, muitas delas podem ser perigosas quando mal utilizadas.

— Eu sei, li sobre a *Homana* por exemplo...

— A *Homana*...

— Sim, só pode ser colhida ao início da noite.

— Sabes que os espinhos podem ser usados como arma, pois paralisam qualquer pessoa que roce sequer neles. Aslin, nem sempre as plantas são colhidas como deviam e isso acontece propositadamente. Mas agora não interessa, fala-me dos progressos que fizeste com Claiher.

Aslin contou-lhe tudo até à ilusão, transfiguração e transporte.

— Bem, Claiher avançou imenso nos teus estudos. Antes de avançarmos, vamos aperfeiçoar essas técnicas, pelo que me disseste ainda precisas de trabalhar nelas.

Aslin acenou afirmativamente e sentou-se no meio do chão com as pernas cruzadas.

— Cria uma árvore no canto do quarto.

Aslin concentrou-se e lentamente começou a surgir uma árvore, como se crescesse do chão. Layla percebeu o poder que ela tinha. Não se limitava a fazer aparecer a ilusão, crescia com ela. Claiher tinha feito um bom trabalho.

— Sabes porque é que esta ilusão nunca vai enganar ninguém?

— Hum? — Aslin achava que tinha feito um bom trabalho.

— Falta-lhe vida. Parece um desenho que saltou da parede. Como podes dar-lhe vida?

— Com sons?

— Sim. Com movimento também, com uma pequena brisa. Faz-me acreditar que estamos num jardim, num jardim onde gostasses de estar.

Aslin fechou os olhos e abanou ligeiramente a cabeça como se entoando

uma música. Layla susteve a respiração. As folhas mexiam-se e outras árvores começavam a aparecer nos cantos. O som do vento entre elas, até o som de pequenos animais se distinguia subtilmente. Parecia agora que estavam no meio de uma clareira. Aslin parecia completamente absorvida na imagem que estava a tecer.

Layla deixou cair um livro com força e a imagem vacilou e desapareceu. No silêncio que se seguiu apenas se ouviu a voz de Layla.

— Aslin, a tua ilusão estava bastante forte, mas não resistiu a uma pequena distração. Tens de ser capaz de criar uma ilusão de olhos abertos, independentemente do que se passa à tua volta. Chegará a altura em que estarás a falar com alguém e com um simples olhar mudas tudo em redor.

Enquanto Layla falava, criou uma imagem à volta delas. Parecia que estavam no fundo de um poço. Aslin sentia a humidade nos ossos. Tinha transfigurado a mesa, que estava nas suas costas, numa pedra.

— Toca-lhe.

— Tudo parece... tão real.

— É essa a ideia — Layla sorria-lhe —, agora olha para cima.

Viu o céu repleto de estrelas e um raio de luar tímido a iluminar o local onde estavam.

— Vamos treinar esta noite. Aslin, fizeste um bom avanço com Claiher, mas vais ter de trabalhar bastante. Posso ensinar-te a aperfeiçoar o que já sabes e a avançar mais. Daqui a uns dias deverás ser capaz de fazer isto e de te transportar para qualquer lugar que queiras. Quero ensinar-te a usar a magia como se a respirasses diariamente. Foi para isso que Claiher te mandou para aqui. Magia não é só mexeres-te de um lado para o outro ou fazer aparecer imagens, é também respirares ao mesmo tempo que a floresta. Veres o que não querem que vejas.

Treinou o resto da noite e só quando os primeiros raios de luz apareceram é que Layla se deu por satisfeita.

— Johana deve estar a chegar. Podes descansar um pouco enquanto Salimn não te chama.

Não precisou que lhe dissesse duas vezes. Layla era mais exigente do que Claiher e parecia apreciar verdadeiramente a magia. Mas tal como Claiher, às vezes parecia que a temia.

Salimn mandou chamá-la pouco depois de se deitar. Estava de rastos, mas tentou não o mostrar. Se Salimn o notou ou não, não foi referido.

— Podes continuar o livro que estavas a ler ontem. Mais tarde Luhar vem buscar-te para ajudares um pouco no jardim, não te faz nada bem estares todo o dia fechada com uma anciã como eu.

Aslin sorriu timidamente e fez o que lhe era dito. Layla passou por ela pouco depois para falar com Salimn e deixou-lhe discretamente um copo na mesa. O chá reconfortou-a e restituiu-lhe alguma força.

Teve de admitir que a visita ao jardim com Luhar fez-lhe bem. Aprendeu mais técnicas e viu mais plantas.

— Repara, este saco é de seda porque as folhas têm fios pequenos que queremos aproveitar.

— Como se chama a planta?

— *Mavena*. É com os seus fios que cosemos as feridas. São mergulhados em água com mel e algumas ervas para ficarem mais fortes e adquirirem poderes curativos. São deixados assim por duas estações... Se olhares para a casa lá ao fundo, podes ver os fios das estações passadas a secar.

— Porquê tanto fio? Existem assim tantas feridas que tenham de ser cosidas?

Não passa de uma criança, pensou Luhar.

— Armazenamos bastante — respondeu-lhe com um sorriso.

— Li sobre algumas plantas, têm *Homanas* ou *Jolins*?

— As *Jolins* estão um pouco mais à frente no campo. As *Homanas* estão com as plantas da noite. Estão separadas, a seguir à casa do fundo, para que não se confundam os tempos de colheita.

Continuaram a andar e Aslin ainda treinou o corte das *Mavenas*, que ocupavam uma parte substancial do campo. Estava esgotada quando se arrastou para o quarto ao final do dia. Abriu a porta e susteve a respiração. Layla estava sentada no meio de um lago rodeado de nascentes.

— Fecha a porta.

Depois de entrar no quarto, a ilusão tornou-se mais completa.

— Não é perigoso fazer uma coisa destas tão cedo? Não devíamos esperar que as outras adormecessem?

— É indiferente. Esta é a nossa lição de hoje. Eu criei uma imagem para ti, mais ninguém a vê. Se alguém abrir a porta neste momento, vê-me sentada no chão e a ti especada a olhar para o ar — Layla sorria indolentemente para Aslin que se encontrava perplexa com a situação.

Com um pestanejar fez a imagem desaparecer.

— Quanto melhor conheceres a pessoa mais fácil é, quanto mais sentires a pessoa mais depressa consegues construir uma ilusão. Lembras-te do poço de ontem? — num segundo estavam no fundo do poço. — Tenta encontrar a porta do quarto.

Aslin rodou sobre si mesma e tateou por todo o lado, mas não conseguiu encontrar a porta do pequeno quarto.

— A diferença, face ao dia de ontem, é que eu consigo ver a porta e a ilusão está dentro da tua cabeça.

Quando Aslin voltou ao quarto, Layla estava exausta.

— Recorrer a este tipo de artifício pode ser perigoso. Podes ligar-te de tal maneira à pessoa para quem constróis a ilusão, que entras inadvertidamente nela. Tens sempre de te focar para ficar de fora.

— Não sei como fazer isso...

— Por enquanto com contacto visual. Olha para os meus olhos e lentamente sente a minha respiração, o sangue a pulsar-me nas veias, os meus pensamentos. Sente, Aslin!

E Aslin sentiu. E viu imagens do passado. Uma mulher tratada pelas curandeiras que descobre que está grávida. A alegria de Layla enquanto crescia, mesmo sem a mãe, crescia enquanto mexia nas plantas. A alegria de Claiher quando a vinha visitar. Claiher?

— Claiher? — ficou tão surpreendida que não sabia o que dizer.

— Claiher é o meu tio, o meu pai era irmão dele. Morreu antes de eu nascer. Foi por isso que a minha mãe veio para aqui, quase enlouqueceu com as saudades do meu pai. Quando eu nasci foi uma grande alegria, mas ela não resistiu às dificuldades do parto.

Aslin não tinha palavras de conforto para dar. Sentia não serem necessárias, ambas sabiam o que significava crescer sem os pais.

— Claiher também te treinou na magia?

— Podes vê-lo dessa maneira. Em pequena deu-me este anel para me proteger, uso-o desde então. Mas mesmo antes dele mo dizer, já eu o sabia de alguma forma, que não podia mostrar o que sabia. Estive um tempo com ele, mas aqui sou verdadeiramente feliz.

— Abdicaste da tua família para aprender a ser curandeira.

— É uma forma de o dizer. Esqueceste que consigo transportar-me até casa dele quando quiser. Embora não o possa fazer com regularidade... os meus afazeres aqui não permitem.

Aslin percebia agora o que Layla queria dizer com sentir os pensamentos. Estava ligada a ela por perdas comuns e ligada pelas diferenças. Fitando-a nos olhos, tentou criar uma imagem, um lugar perdido na floresta. Num piscar de olhos estavam envoltas na escuridão. Ouvia a voz de Layla como se esta estivesse no fundo de um túnel.

— Não entres na ilusão, Aslin — foi a última coisa que ouviu antes de cair inconsciente no chão.

— Aslin! Aslin! — entreabriu os olhos com dificuldade e viu que estava deitada na cama.

— Entrares na ilusão é muito perigoso, tens de te distanciar. Podias ter-te perdido naquele recanto que criaste para mim.

— Tentei manter-me de fora, mas não consegui.

— O anel protege-te, mas só até determinado ponto. Estás a ficar demasiado forte. Vamos tentar de novo?

Layla não se demovia. Treinaram grande parte da noite e só pararam porque Layla dava sinais evidentes de cansaço.

Enquanto se deitavam, Aslin apercebeu-se da quantidade de frascos que Layla carregava na bolsa, que tinha sempre consigo.

— Oh, não é nada de especial. Uns xaropes que tomo de vez em quando — Layla estava a esconder algo, mas Aslin não conseguia, mesmo com a

recente união entre elas, perceber o quê.

Layla tinha tarefas a fazer nos dias seguintes, por isso Aslin teria de treinar sozinha e rever o que tinha aprendido com Claiher. Quando regressasse a Surianar, as lições seriam ainda mais duras. Sorria enquanto dizia isso, pois sentia que era a mais pura das verdades.

Aproveitou para aprender, sem o dar a entender, a ler aqueles caracteres antigos. Fazia perguntas discretas e descobria o que os símbolos queriam dizer. Num dos dias em que Salimn não estava na sala, Aslin pegou num dos livros com os caracteres e tentou decifrar as primeiras páginas.

«... Misturar as ervas com o Alfarmin e molhar os espinhos das Homanas na mistura. Qualquer pessoa picada pelo espinho, mesmo que em pequenas doses, fica inconsciente para sempre...»

Aslin susteve a respiração. Aquelas instruções não pareciam ser instruções para curandeiras.

Folheou o livro e encontrou mais misturas desse género, embora não percebesse algumas coisas. Uma mistura que podia deixar alguém sem ver, outra para tirar a audição. Uma que fazia a língua inchar e outra para adormecer, uma para lembrar, outra para esquecer...

Colocou o livro onde estava com um ligeiro calafrio. Para que queriam as curandeiras saber aquilo? Dividia-se entre a satisfação de conseguir ler grande parte do livro e o horror perante o que ele continha. Procurou o livro que lhe tinha despertado a curiosidade dias antes, mas não o encontrou.

Voltou, então, ao livro que estava a ler antes e estava tão absorvida que nem notou que Salimn tinha voltado.

— Como está a correr o estudo? — Salimn olhava para ela com um olhar de aprovação.

— Bem. Salimn...

— Diz.

— Nesta sala encontram-se todas as utilizações possíveis para as plantas e flores que plantam aqui?

— Para essas e muitas mais. Não sei se serão todas. Há alguma coisa que queiras saber, uma planta específica?

— Estava curiosa. Cada livro tem uma caligrafia diferente e, muitas vezes, várias caligrafias. E alguns estão escritos com os mesmos caracteres do livro que vi no outro dia, que agora não encontro...

— Cada curandeira assume o tratamento de algumas plantas e fazem as pomadas, xaropes e tudo o mais que aprenderam. Há muitas delas que vão fazendo anotações quando descobrem uma forma mais eficaz de lidar com determinada tarefa.

— Quer dizer que seria impossível uma curandeira conhecer as plantas todas?

— Não encorajamos isso. Queremos que estejam preparadas para usar todas as poções, sim. Mas tratar das plantas é uma tarefa tão difícil que ensinar a todas tudo o que sabemos é impossível.

Além disso, concluiu Aslin nos seus pensamentos, dificulta a aprendizagem das várias interações. Ocultam o conhecimento para que ninguém saiba de mais sobre as outras utilizações das plantas...

— O livro de que falas precisava de ser reparado.

Não fez mais nenhum comentário e Aslin também não.

Nessa noite, enquanto se debruçava sobre um livro que tinha levado para ler, apareceu Layla com um ar pálido e bastante cansado.

— Pronta para a lição de hoje? — perguntou-lhe com um sorriso.

— Mas estás bem?

— Claro, estou só um pouco cansada. Vamos?

Apesar do ar cansado, não deu tréguas a Aslin e treinaram a noite toda. Enquanto o sol acordava timidamente, Aslin aperfeiçoava a capacidade de colocar uma ilusão em alguém. Rapidamente percebeu porque era perigoso para ambas. Sentiu que Layla não estava bem e lhe escondia qualquer coisa, estavam a ficar muito próximas. Quase caiu no mesmo erro da lição anterior mais do que uma vez, mas Layla mostrou-se satisfeita.

Enquanto olhava para Aslin a dormir, Layla pensou no que ainda tinham de fazer. Pensava que ia ter mais tempo, mas o tempo que as ervas e as poções lhe davam não era suficiente. Teria de ensinar a Aslin o máximo que conseguisse no pouco tempo que lhe restava.

Na noite seguinte, voltaram a treinar as transfigurações, algo que Aslin já dominava com alguma facilidade.

— Aslin, quero que transfigures aquela imagem, mas apenas para mim.

— Hum... o mesmo que fizemos com a ilusão?

— Sim, mas quero ser capaz de tocar-lhe e sentir o que tu queres que eu sinta.

Aslin concentrou-se e transformou o baú em uma cadeira. A parte difícil era tornar a cadeira visível apenas para Layla. Usando toda a força que conseguiu, o baú ficou visível para si. Para Layla, no entanto, estava ali uma cadeira. Uma cadeira confortável na qual se sentou perfeitamente. Para Aslin, não estava ali nada, apenas um baú e sentiu uma satisfação enorme por ter conseguido fazer aquela transfiguração, que não era mais do que uma ilusão para Layla.

Layla olhou para ela com um grande sorriso, por breves momentos, Aslin até se esqueceu de que ela era a aluna e Layla a professora. Quando Layla se levantou, parecia que tinha aprovado definitivamente a transfiguração.

Passaram o resto da noite a falar. Layla parecia ter muito para dizer e pouco tempo para o fazer. Devia estar com a impressão errada, claro. As cerimónias estavam a aproximar-se a passos largos e Aslin teria de ir, era apenas isso.

— Aslin, quando Claiher te tomou sob os seus cuidados, explicou-te o porquê?

— Disse-me que a magia era perigosa, ou melhor, que era vista como

perigosa. Eu...

Aslin estava relutante em partilhar o seu passado, mas Layla, na verdade, já lhe tinha dado tanto que ela não tinha o direito em esconder-lhe isso.

— Deixei a magia quando os meus pais desapareceram. Eles sempre me proibiram de a fazer em casa e eu culpei-a pelo desaparecimento de ambos. Só quando Claiher se aproximou é que comecei a sentir que devia aprender, percebia que a magia fazia parte de mim. Não podia ignorá-la, por isso quis aprender o máximo possível.

— Fala-me dos teus pais.

— Não há muito para dizer. Foram chamados pelo Mestre para irem numa missão e não regressaram. A minha mãe visitou-me na noite em que morreram, por isso quando me disseram mais tarde que não tinham notícias deles, tive a certeza de que não iam voltar — nunca tinha dito isso a ninguém. Layla acenou como se compreendesse a situação, num gesto de compreensão e empatia.

— Senti que ela já tinha partido. Acordei enquanto me fazia uma festa no rosto e me chamava de «preciosa». Era assim que ela me chamava, «meu bem mais precioso, minha preciosa». Beijou-me a testa e deu um passo para trás, para junto do meu pai. E desvaneceram-se com um sorriso.

— Foi só isso que ela te disse?

— Não. «Perdoa-me». Repetiu-o várias vezes.

— Não deve ter sido fácil para os teus pais aceitarem uma missão do Mestre da qual sabiam que podiam não escapar.

— Nunca soube qual foi a missão.

— Entraram no nevoeiro.

— No nevoeiro... mas então sabiam que estavam a ir para a morte certa...

— Não. Existem formas de andar dentro do nevoeiro. Amanhã vamos aprender sobre o transporte, mas posso dizer-te que o maior perigo no nevoeiro somos nós próprios. Muitas vidas se perderam assim.

— Na aldeia conta-se uma história...

— Do rapaz que se aventurou e dos seus gritos? — nesse momento, Aslin gelou com o grito de dor que parecia estar a envolvê-la. Cessou tão depressa quanto veio.

— Mais do que ninguém já devias ter percebido que a ilusão pode ser convincente ao ponto de conseguires sentir e ver, como se fosse a realidade.

— Mas quem...

— Estou muito cansada. Descansa bem, amanhã vais visitar Claiher.

Aslin não disse mais nada, mas sentia-se estranha e parecia-lhe que tudo à sua volta era mentira. O nevoeiro, o rapaz que tinha desaparecido... dormiu mal nessa noite. Estava com péssimo humor quando Luhar a foi chamar no dia seguinte.

— Estávamos preocupadas. Layla avisou-nos que dormiste mal.

Aslin resmungou qualquer coisa e foi para a sala onde Salimn parecia

estar noite e dia. Esta estava bastante atarefada a arrumar uns livros quando Aslin entrou na sala.

— Aslin, vou ter de me ausentar. Quando acabares de ler esse livro gostava que lesse algo da prateleira superior... — Aslin apontou para a prateleira acima daquela em que Salimn estava a arrumar os livros. — Essa mesmo. Tivemos uma curandeira em tempos que estudou as propriedades das plantas de água, julgo que poderá ser muito interessante para ti.

Aslin acenou obedientemente e quando Salimn saiu, acabou pacientemente o livro sobre plantas que estava a ler e retirou outro livro da prateleira. Aqueles livros estavam cheios de pó e um deles estava manchado. Pouco normal das curandeiras que mantinham tudo em excelente estado. Quando virava preguiçosamente as páginas, umas folhas muito dobradas caíram para o chão. Eram cartas que, pelo ar amarelecido, deviam ser muito antigas.

«Vi-os outra vez. Deviam ser dois ou três. Saíram do nevoeiro e vieram ter com ela. Desconfiei que fosse uma Flaiine, mas nunca que estivesse envolvida com os errantes. Que posso fazer?»

Nas costas do papel estava apenas uma palavra numa caligrafia diferente: *«Silêncio»*.

Na carta seguinte, percebeu quem era a *«ela»* de que estavam a falar.

«A rapariga... espera uma criança. Vi-a sorrir pela primeira vez desde que o marido morreu. Salimn disse-lhe que seria uma menina e claramente seria bem-vinda aqui, mas ela manifestou o desejo de voltar a Surianar depois da criança nascer. Salimn quer a criança...»

Mexeu no livro nervosamente, tentando encontrar mais cartas. Naquele momento, não lhe pareciam tanto cartas, mas sim folhas de um diário, ou uma forma de tomar notas. Salimn tinha dito que várias curandeiras mexiam nos livros e que ao longo do estudo iam acrescentando coisas. Talvez duas delas comunicassem assim. Mais duas folhas caíram.

«A criança nasceu. Chamaram-lhe Layla. Foi um parto difícil. A agonia nos olhos quando lhe disseram que não podia ter mais filhos e o sorriso enquanto olhava para a pequena Layla era precioso. Nurir falou com ela e depois connosco. Ela não viveria muito tempo... O destino da criança está nas mãos do tio...»

Nas costas alguém tinha rabiscado à pressa.

«Pobre criança, terá de ficar connosco. Claiher e Salimn perceberam isso hoje. Quanto a ela, já morreu, não vale a pena falar mais deste assunto.»

A última carta parecia ter sido escrita bastante tempo depois das outras.

«Sei que já não me podes responder, escrevo pelo hábito de escrever. Layla é uma criança brilhante, mas nem ela pode ajudar. Não faltará muito para me juntar a ti, também apanhei o vírus quando tratei o jovem, já não consigo lutar muito mais. Nenhuma de nós viverá para ver Surianar unida de novo, minha irmã... Coloquei as notas no teu livro, tenho o pressentimento de que chegarão às mãos de quem as precise ler. Queime as restantes.»

De quem era o livro? Seria por ela que as cartas aguardavam? Procurou no livro e noutros, mas não encontrou mais, só aquelas. Ou melhor, encontrou, mas sempre a pedir opinião sobre uma ou outra planta. Talvez no livro encontrasse mais alguma coisa. Embrenhou-se de tal maneira que nem sentiu Salimn chegar.

Salimn olhava para ela com um sorriso, como se ela lhe recordasse algo muito querido que já não existia.

— Lembra-me a minha irmã. Também ela se dedicava a esse livro como se não existisse mais nada.

— A curandeira de que falava... era sua irmã?

Salimn acenou.

— Faleceu há algum tempo. Nunca mais ninguém mexeu nessa prateleira. Só ela e Nurir aí mexiam. A minha outra irmã.

Aslin não sabia o que dizer.

— Amnil e Nurir respeitavam a magia, mas não a usavam de forma leve. Recorriam a todos os métodos que podiam antes de recorrer à magia.

— Como faleceram?

Salimn esteve bastante tempo em silêncio.

— Um jovem apareceu do nevoeiro com febres altas e manchas negras. Elas tentaram tudo... mas o rapaz e algumas curandeiras morreram. Nurir resistiu mais tempo. Ensinou a Layla muita coisa. Mas Amnil... Ah, como ela nunca existiu uma curandeira. Sabia logo qual era o problema e a melhor solução.

Aslin acenou em reconhecimento. Nunca tinha visto Salimn falar com tanta emoção, geralmente era muito contida.

Nessa noite, falou disso com Layla.

— Amnil era especial. Como não podia falar, esmerava-se em comunicar de outras formas. Ela e a irmã trocavam notas, se calhar encontraste algumas.

— Com Salimn não?

— Não, com Salimn comunicava com palavras que só ela ouvia.

— Layla...

— Sim?...

— Estás doente?

Layla esteve muito quieta durante muito tempo. Aslin via o cabelo dela cada vez mais fraco e o rosto mais encovado, tinha de perguntar.

— Sim. Humores malignos. Não consigo manter a imagem o dia todo e também não é conveniente.

— Vais melhorar? — balbuciando as palavras, pedia mentalmente que ela dissesse as palavras que queria ouvir: vai ficar tudo bem.

— Aslin, falamos depois. É natural que tenhas reparado, o meu cabelo não anda nos melhores dias — sorria enquanto falava, como se nada fosse.

— Layla... — Aslin tinha a voz embargada.

— Shhhh, nada disso. Vamos treinar o transporte e depois falamos. Com

Claiher treinaste o transporte até um lugar. Chegaste a treinar o transporte até uma pessoa?

— Não...

— Mesmo não conhecendo o lugar consegues transportar-te até lá, desde que claramente esteja nesse lugar alguém que conheças.

— Tenho de confessar que nunca fui bem-sucedida no transporte.

— Vamos tentar a casa de Claiher.

Aslin fechou os olhos tentando lembrar-se dos pormenores do tapete, da sala, do tear. As paredes cheias de lembranças e cores, um frasco meio cheio de uma coisa gosmenta a qual não sabia o nome. E o aroma. O aroma a frutos secos, madeira e linhas que havia sempre na casa de Claiher.

Ao longe ouviu a voz de Layla.

— Visualiza um ponto específico na tua mente. Foca toda a tua energia nesse ponto, quando abrires os olhos deverás lá estar.

Não conseguiu as primeiras vezes, embora estivesse fora do edifício quando tentou a segunda vez.

Quando abriu os olhos pela terceira vez, sentiu como se estivesse num transe e a imagem ficasse nítida a pouco e pouco. Viu Claiher olhar distraidamente e depois a abrir a boca num sorriso. Estava tudo muito lento e, com um sacudir brusco, voltou ao quarto.

— Layla, vi Claiher! Estava mesmo lá!

— Mas não aguentaste, tens de te concentrar melhor. Sei que estás preocupada comigo, mas só quando te libertares de tudo na tua mente é que conseguirás transportar-te.

Tentou mais algumas vezes e quase conseguiu. Da última vez, Claiher acenou-lhe e ela foi capaz de lhe acenar de volta, mas não conseguia falar. Assim que abriu a boca voltou para trás.

— Aslin, preciso que me leves isto a Claiher. Tenta entregar-lhe. Esvazia a mente, por favor. Fá-lo por mim.

Concentrou-se com força e conseguiu chegar até Claiher. Quando percebeu que se encontrava na casa dele, deixou as lágrimas correrem livremente e abraçou-o, mesmo sabendo que ele estava embaraçado.

— Claiher!

— Aslin! Fizeste muitos progressos.

— Layla é uma excelente professora. Como o tio.

Claiher riu com gosto e preparou um chá para os dois. O semblante dele ia ficando cada vez mais carregado enquanto lia os papéis que Aslin lhe entregara.

— Está tudo bem?

— Já sabes de Layla?

Aslin acenou afirmativamente.

— Ela já tinha os humores quando era mais pequena. Graças aos tratamentos continuou a crescer, mas na carta que escreveu, diz-me que já não lhe resta muito tempo. Diz-me, está pior?

Aslin não queria mentir, seria iludi-lo, mas suavizou a mensagem.

— Anda com um ar mais cansado. Os treinos à noite também não ajudam...

Claiher colocou-lhe as mãos nos ombros.

— Ela sente-se útil com as lições. Já passou o trabalho dela às curandeiras e agora parece que está à espera. Já debes ter percebido que Layla detesta isso. Tenho de te pedir um favor.

— Sim?

— Trá-la contigo às cerimónias. Eu gostava de a ver.

— Isto não é justo, ela é apenas uma criança.

Também tu, pensou Claiher, *também tu*.

— Claiher...

— Hum? — Claiher mexia distraidamente nuns livros com a mesma linguagem que Aslin já tinha visto.

— Encontrei umas notas num dos livros de Amnil...

— A irmã de Salimn?

— Sim — agora tinha toda a atenção de Claiher —, onde falavam da mãe de Layla, nessas notas chamaram-lhe de *Flaiine*.

— Disseram que ela era uma *Flaiine*, hum?

— Sim.

— E tu queres saber o que é uma *Flaiine*, certo?

Aslin acenou afirmativamente.

Aslin, tu também o és. Mas ainda não estás pronta, Claiher quase disse estas palavras. Sabia que iria despoletar uma fúria contida e uma curiosidade desmedida em Aslin.

— Tenho uma história para te contar. Mas primeiro procura um livro escrito com palavras semelhantes a estas na sala de Salimn.

Quase disse a Claiher que conseguia ler grande parte do que ali estava escrito, mas sem saber porquê, conteve-se.

— Eu não os consigo ler, mas Layla consegue e pode ajudar-te. Nesses livros está parte da história de Surianar.

Aslin acenou como resposta.

— Estás pronta para voltar?

Aslin sorriu e concentrou-se. Voltar era mais fácil. Difícil era a realidade que tinha de enfrentar.



Capítulo VIII

Layla leu a carta que Claiher lhe enviou e sorria abertamente. Falou com Salimn e disse-lhe que queria ir às cerimónias. Trocaram um olhar de entendimento. Ambas sabiam que podia ser a sua última oportunidade de regressar à aldeia de Surianar.

Aslin estava na sala e não percebia como podiam estar todas tão calmas como se nada fosse. Se fosse ela, lutaria com todas as forças, porque é que Salimn não usava a sua magia para salvar Layla se ela estava assim tão mal?

— Não há nada que se possa fazer, sabias?

— Nem magia?

— Foi a magia que a trouxe até aqui. Qualquer outra criança teria morrido no parto com a mãe. Foram as minhas irmãs que a salvaram. Mas o custo foi muito alto, salvaram a filha, perderam a mãe. Não havia nada a fazer. Até a magia tem limites.

— Compreendo... — olhou para o infinito com uma tristeza profunda por Layla.

— Aslin...

— Sim?

— Gostava que partissem amanhã ou no dia seguinte para Surianar. Assim, Layla poderá passar uns dias com o tio antes das cerimónias. A tua tia não tem aparecido, diz-lhe que depois das cerimónias, contamos com a sua presença como habitualmente.

Falou com Layla e decidiram que iriam dois dias depois. Daria tempo a ambas para procurarem o livro que Claiher mencionara e tempo para que Aslin pudesse treinar um pouco mais. Layla tinha-lhe dito que iam avançar na

transfiguração de ela própria.

Nessa noite, estavam sentadas frente a frente com uma taça de água entre elas. Aslin mostrou-lhe o que conseguia fazer. Colocou o cabelo de várias cores, mudou a cor dos olhos e envelheceu a cara.

— Aslin, quero que tentes que o teu rosto seja um espelho do meu. Concentra-te.

Primeiro, mudou o cabelo. Mais liso, loiro quase branco e em menor quantidade que o dela. Depois os olhos. Clarearam a pouco e pouco até ficarem iguais. Começou a traçar as linhas do rosto, o nariz, as olheiras, a palidez latente. Quando olhou para a taça sorriu satisfeita, estava igual.

— Aslin, és uma versão mais viva de mim própria! Agora a parte difícil. A voz.

— A voz?

— Pareces-te comigo, mas qualquer pessoa que falar contigo verá que algo está errado.

— Como?...

— Lembras-te do que Claiher te disse quando transfiguraste o copo e a água se espalhou? Aqui deves pensar da mesma maneira, tens de sentir, mais do que fazer...

Layla ficou chocada, mas escondeu-o rapidamente. Há medida que ia falando com Aslin, esta ia assumindo as formas do seu corpo. Foi inclusivamente capaz de transfigurar os seus trajés, tocando neles, nos trajés dela.

— Agora só falta mesmo a voz — disse sorrindo.

Claiher tinha razão. A magia era forte nela e tornar-se-ia óbvio com o tempo que ela era uma *Flaiine*. Não a conseguiriam esconder deles...

— Sim, claro.

— Passa-se alguma coisa?

— Não sabia que tinha as mãos tão frágeis — disse sorrindo.

— Alteraste completamente o teu corpo, por isso é natural que sintas dores quando voltares às tuas formas iniciais. Podes, no entanto, alterar apenas a projeção da tua imagem. Lembras-te sobre a criação de uma ilusão na mente de alguém?

A «Layla» à sua frente acenou e falou com a voz de Aslin.

— Como posso falar como tu?

— Foca-te numa palavra minha, nas entoações que faço. Mas não penses muito, sente, deixa fluir naturalmente.

Não era tão fácil como parecia. A voz mudou várias vezes, mas não estava nem próxima da voz de Layla. As lições com Layla eram cada vez mais curtas, ela precisava de dormir mais, e depressa fez-lhe sinal para voltar a si.

Aslin abanou a cabeça e, passando uma mão pelo rosto, voltou às suas formas originais. Ao contrário do que Layla lhe tinha dito, não sentia dores, apenas um ligeiro formigueiro.

— Vou-me deitar, aproveita para treinares a questão da voz. — depois de um breve silêncio, Layla disse: — Sabes, aprendes muito depressa. Fico feliz em saber que em breve não precisas de mim. A propósito... gostava que ficasses com o meu anel.

Layla tirou o anel e transfigurou-o de volta à forma inicial, um cubo trabalhado como o de Aslin.

— O meu é igual, mas não sei qual a sua utilidade.

— Funciona como um talismã na forma de anel e protege o seu portador, é como se fôssemos invisíveis aos que procuram «praticantes de magia». Além disso, ajudam a conter a magia, seria mais difícil ensinar-te tudo isto sem o anel.

Fitou-a em silêncio durante uns momentos.

— Podes ver também a história de Surianar com ele, da luta dos *Flaiines* e de tudo o resto.

— Da luta... dos quê? Que resto?

— Vais ouvir muitas coisas, Aslin. Nem tudo será verdade, nem tudo será mentira. Não existe paz em Surianar. A esperança reside em pessoas como tu, capazes de usar o poder e lutar.

— Desculpa, não entendo. Como é que Surianar não está em paz? Eu pensava...

— Eu é que peço desculpa, não devia ter falado tanto. Aqui não podemos ver a história, só por ter tirado o anel fico exposta a Salimn — enquanto falava já tinha transformado o cubo num anel novamente. — Na viagem de regresso mostro-te como usá-lo.

Aslin desesperava por fazer mais questões, mas conteve-se perante o ar exausto de Layla. Não queria que as suas perguntas fizessem Layla ficar pior.

Os seus sonhos nessa noite não foram nada tranquilos. Sonhou com as figuras que tinha visto a serem cobertas pelo nevoeiro, com Claiher e até mesmo com o Mestre. Estranhamente, Sunuywt estava sempre presente num canto do sonho, algo que não conseguia identificar.

Acordou em sobressalto com o último sonho e deixou-se estar na cama. Ouvia a respiração pesada de Layla enquanto dormia. Sempre tinha pensado na magia como uma parte de si, que estava agora a tentar recuperar. Nunca pensou que podia estar a ser treinada para algo mais, mas a verdade é que a sua sede de conhecimento a tinha levado até ali.

Quando o sol começou a espreitar imponente pela janela, levantou-se e preparou-se para o seu último dia com as curandeiras.

Acabara por encontrar um lar no Vale das Curandeiras, só se apercebeu da importância que esse lugar tinha para ela no último dia em que ali estavam.

As curandeiras eram, em geral, muito contidas na forma como falavam. Mas, nesse dia, viu Luhar com uma lágrima no canto do olho, dizendo que ia ter saudades dela. Salimn dizia, a sorrir, que ia sentir a sua falta na sala de leituras. Outras curandeiras deram-lhe pequenos frascos com loções, bastante inócuas, uma para o cabelo, outra para constipações e uma para dores nos

ossos.

Para Layla as despedidas estavam a ser mais difíceis. Falou em privado com várias curandeiras e deu um longo passeio no jardim atrás da casa. O jardim estava vazio nesse dia, deliberadamente ou não, as curandeiras que ali trabalhavam tiveram outras tarefas.

Aslin, ao reparar no trajeto que Layla percorria, afastou-se também, ela precisava deste momento a sós. Viu Layla de olhos fechados a andar com as mãos abertas sobre os campos, ficou fascinada ao perceber que Layla sabia a posição de cada planta, onde podia parar ou não. De vez em quando sorria para si, tocava ao de leve no que estava à sua volta e murmurava qualquer coisa. Como se sentia uma intrusa num momento tão íntimo da sua amiga, Aslin voltou rapidamente para dentro de casa, imaginando a dor que Layla devia estar a sentir. Tinha sentido nas palavras que ela lhe dissera de manhã um adeus, mas não queria acreditar. Pensava nela enquanto arrumava os seus poucos pertences no quarto que tinham partilhado.

Temia que a viagem fosse cansativa para ela e sugeriu que fizessem o transporte, mas Layla avisou-a dos perigos. Como justificavam às curandeiras ter saído dali e pouco depois já estarem em Surianar? Além disso, a jornada para Surianar era uma viagem que não fazia há muito tempo e ela queria ver a floresta.

Pela primeira vez desde que ali estava, entraram numa grande sala quase toda ela ocupada por uma mesa e cadeiras. Aslin percebeu que iam partilhar uma refeição. Era raro juntarem-se todas para comer, com os afazeres que tinham, comer acabava por ser secundário, uma necessidade atendida rapidamente. Era uma grande honra o que faziam por Layla, mas, ao mesmo tempo, Aslin sentiu uma revolta enorme. Parecia que já não esperavam o seu regresso, que se estavam a despedir dela. Revoltava-a não poder fazer nada e revoltava-a a aceitação das outras em relação a esse facto.

Mesmo enquanto comiam, não havia exaltações, era tudo feito com uma grande calma e pacificamente. Sempre a surpreendeu haver tantas frutas e frutos secos por ali, mas sobretudo a grande variedade de queijos e pão. Layla parecia ter lido os seus pensamentos.

— As mulheres que vêm de... Surianar costumam trazer queijo, pão e legumes. Como todos os dias chegam algumas, temos sempre uma grande variedade.

Devia ter aprendido mais sobre as curandeiras, mas estivera tão ocupada consigo mesma, que os aspetos mais simples sobre o funcionamento do vale lhe escaparam. Não tinha percebido o porquê da hesitação de Layla, mas estava a ser interpelada novamente.

— A sopa hoje está muito boa, forte. As colheitas devem estar a ser favoráveis.

— E as frutas, que doces são! Prova estes bagos de uva, foi Muhar que os preparou.

Layla estava encostada para trás a observar, a tentar reter cada momento

possível. Aslin não era dada a grandes reflexões, mas aquele dia tinha sido propício para isso. Custava-lhe muito entender que Layla podia estar quase a passar para outro mundo, mas não lho podia dizer. Layla podia ser forte para ter aquela conversa, mas Aslin não era.

Quando Layla a acordou, ainda era de noite.

— Aslin!

— Que se passa?

— Prepara-te para partir. Temos de partir cedo.

— Não podemos esperar que o sol nasça?

— Já falta pouco, mas temos de nos pôr a caminho.

Aslin não estava desejosa de voltar a fazer a viagem a cavalo, por isso não escondeu o contentamento quando viu que iriam numa pequena carroça. Layla iria mais confortável e além disso tinham de levar uma oferenda para o Mestre, que seria entregue nas cerimónias por Claiher.

Layla tinha uma túnica simples branca e os seus longos cabelos soltos fluuavam à sua volta. Naquele momento não parecia real. Enrolou-se numa capa forte e quente, antes de se sentar na pequena carroça. Aslin fez o mesmo e tomou as rédeas dos cavalos. Era a primeira vez que fazia tal coisa, mas não devia ser assim tão difícil.

Salimn estava à porta. Não disse nada, fez-lhes uma pequena vénia e acenou com a mão nodosa enquanto se afastava. Fugindo entre os pingos da chuva, Aslin deixava o Vale das Curandeiras para trás. Levava consigo conhecimento, amizades e Layla.



Capítulo IX

Não trocaram qualquer palavra no início da viagem, Aslin tinha de recorrer a todas as suas forças para controlar os cavalos e Layla parecia imersa nos seus próprios pensamentos. Trocavam apenas considerações sobre qual o caminho a seguir. Quando pararam ao final do dia, parecia que estavam ainda muito próximas do vale. Encontraram uma gruta quando começou a nevar, acenderam uma pequena fogueira e depois de acomodarem os cavalos, começaram a comer. Estavam exaustas, mas Layla parecia muito bem-disposta e faladora. Sem saber o porquê, a disposição dela trouxe-lhe lembranças da viagem para o vale que tinha feito com a tia.

— Aslin, transfigura o teu anel. Sei que é perigoso aqui, estamos desprotegidas, mas por vezes o sítio mais perigoso é o mais seguro.

Quando estavam as duas com o cubo nas mãos, Layla passou-lhe o dela.

— Quero que fiques com ele. Eu já estou fraca por isso não constitui grande perigo para mim andar sem ele. Tu deves proteger-te.

— Layla, não era melhor falares com Claiher? Eu não posso aceitar...

— Aslin, eu já não tenho muito tempo. Por favor, aceita o cubo. Vou ensinar-te a mexer nele.

Aslin assentiu com uma pontada de dor. Layla parecia conformada com a viagem que faziam e estava plenamente convencida que era a última. Aslin desejava com todas as suas forças poder contradizê-la.

— Estes cubos de madeira contêm a história de Surianar. Apenas os *Flaiines* conseguem abri-los. Para mim o anel serviu apenas como proteção. A ti irá trazer-te poder e intensificar a tua magia.

— Porquê?

— Deixa-me contar-te uma história. Como todas as histórias, esta devia

ter um início, um meio e um fim. Mas não tem nenhuma destas partes. O que foi visto como um fim, pode ser considerado como um início para ti. Vou contar-te o que sei e deixo para ti as interpretações. Mantém uma mente aberta.

Antes de Surianar ser a Surianar que conheces hoje, era uma grande floresta, com várias povoações como a tua a viver em conjunto. A magia era praticada livremente e os que tinham esse poder eram respeitados, mas eram tratados como os outros. Todos se ajudavam mutuamente. As pessoas que conseguiam manipular a magia e usá-la como queriam eram chamadas de Flaiine, que significa «os que têm poder nas mãos».

Também tu irás aprender a fazer florescer uma flor, fazer crescer uma árvore ou usar a água como forma de defesa... ou ataque. Uma das formas que os Flaiines usavam para comunicarem entre si era através de espelhos. Ainda hoje é possível viajar para outras povoações pelos espelhos, neste caso, pelo reflexo dos mesmos.

— Outras povoações? Como assim? — Layla levantou uma mão e Aslin ficou silenciosa novamente, embora estivesse desejosa para fazer perguntas.

— *Durante algum tempo, viveram todos em paz, no entanto não te sei dizer quanto tempo foi, nem todos gostavam dos Flaiines e nem todos os Flaiines pensavam da mesma maneira. Começou de forma muito subtil e alguns perceberam tarde demais o que se estava a passar.*

Os Flaiines eram uma ajuda preciosa nas tarefas diárias e algumas das mulheres Flaiines eram curandeiras natas. No fundo, faziam o mesmo que os outros e só em casos extremos é que usavam a magia.

Mas somos todos diferentes e a floresta é imensa...

Alguns Flaiines comportavam-se como se fossem donos da floresta e faziam exigências que não eram bem vistas. Outros começaram a defender a celebração de uniões apenas entre eles, de modo a garantirem uma linhagem forte. No entanto, eles eram poucos e por vezes nasciam Flaiines de pais sem magia e o contrário era ainda mais usual, crianças sem poder com ambos os pais Flaiines.

Em simultâneo, a extensa população da floresta começou a respeitar cada vez menos os Flaiines. Sempre existiram pessoas que não os viam com bons olhos porque eram «diferentes». Quando as relações entre os Flaiines e o resto da população começaram a degradar-se, as pessoas que não tinham qualquer tipo de magia ganharam força. Fizeram reuniões em segredo e começaram a usar a força dos Flaiines contra eles. Os espelhos, por exemplo, a melhor forma de toda a floresta comunicar entre si, começaram a ficar danificados, partiam-se e por fim começaram a desaparecer.

Ioymar, um dos Flaiines mais respeitados de toda a floresta e por todas as tribos, tentou acalmar os ânimos. Ele próprio tinha filhos que não possuíam o dom da magia e outros que possuíam, por isso compreendia a reação de algumas pessoas. Além disso, era uma pessoa aceite por todos.

Viajou entre os espelhos para falar com as várias povoações, dizendo

que todos eram irmãos e entre irmãos não devia existir rivalidade. Todos o ouviam, mas na verdade era tarde demais. Depois de uma colheita fraca, a floresta viveu uma altura difícil e, sem nenhum alvo, culparam os Flaiines. O resultado era previsível, os Flaiines mais jovens começaram a esconder que eram Flaiines com medo das represálias. Os mais velhos começaram a isolar-se de tudo e de todos.

Ioymar, contudo, não tinha medo e acreditava que todos queriam o mesmo que ele: paz. Quando morreu de causa incerta e o corpo desapareceu, a fúria entre os filhos foi avassaladora. O mais velho, cego pela dor, cometeu um grande erro e mostrou que o poder dos Flaiines também podia ser usado para matar.

Toda a floresta esteve envolvida numa grande guerra que durou mais de uma geração. Um dos netos de Ioymar, muito poderoso, lançou um feitiço para acabar com os conflitos. Um nevoeiro espesso que se espalhou pela floresta, deixando as povoações isoladas. A ideia dele era acalmar os ânimos e tentar conversar com todos. Era muito parecido com Ioymar. O seu irmão usou o feitiço contra as populações e encheu o nevoeiro de criaturas indescritíveis. Os únicos que conseguiam e ainda conseguem andar pelo nevoeiro são os Flaiines.

Foram tempos muito turbulentos. Os poucos espelhos que ainda existiam foram completamente destruídos, muitos Flaiines morreram e os poucos que sobreviveram dedicaram-se a tentar conquistar novamente o poder. Uma das irmãs de Ioymar, ainda viva, usou a magia que lhe restava para criar o Vale das Curandeiras, um sítio seguro para todos. Existem povoações que estão em luta constante. Há cada vez menos Flaiines, mesmo tu não desenvolverias os poderes que tens se não fosse Claiher.

Toda esta informação era desconcertante. Aslin digeriria o facto de existir vida para além de Surianar. Um sonho para ela. Mas não existia paz. E ela seria vista como inimiga. Um pesadelo.

— O que devo fazer? Continuar a esconder o que sou?

— Aslin, não posso escolher por ti. Tenho outra coisa para te oferecer. Salimn não dará pela sua falta tão cedo, transfigurei outro livro e deixei-o no seu lugar.

Nas suas mãos, Layla tinha o livro de que Claiher tinha falado, o mesmo que Salimn lhe tinha retirado das mãos.

— Este livro foi escrito pela irmã de Ioymar e julgo que te vai ajudar a compreender um pouco mais desta história e...

— Foste tu que eu vi a falar com os encapuçados que saíram do nevoeiro, nas primeiras noites que estive no vale?

— O quê? Não... Claiher e eu defendemos outra forma de luta que passa pela paz. Tu és a primeira *Flaiine* que eu conheço. Aslin, que se passa?

— Porque não me contaram tudo isto desde o início? Porque é que Claiher não me disse nada? E qual é o papel do Mestre nisto tudo? Está a conduzir uma farsa. Age como se só existisse Surianar e é mentira. Mentira!

— Aslin...

— Porque é que me ensinaram tudo isto? Layla, diz-me a verdade. Mereço saber.

Layla respirou fundo. Não esperava que ela reagisse assim.

— Estou a contar-te o que me contaram e transmiti-te tudo o que aprendi. Os teus poderes estavam a começar a ser visíveis e julgo que foi por isso que Claiher te ajudou, não queria que se apercebessem o que tu eras. Mas isso é melhor falares com ele — fez uma breve pausa, mas Aslin agora parecia muda depois do ataque de raiva. — O livro deve ser lido em conjunto com os cubos, amanhã eu ensino-te a fazê-lo. Creio que foi de mais para uma só noite.

Aslin sentia-se culpada pela explosão que tinha tido, mas sentia-se usada sem sequer saber o propósito. Resmungou uma «boa noite» a Layla e virou-se para o outro lado da pequena caverna, mantendo-se próxima do fogo. Sonhou com lutas intermináveis, magia contra pessoas indefesas... umas vezes via-se como *Flaiine*, outras não.

Quando acordou, Layla não estava na caverna. Estava lá fora ao frio a olhar para o céu. Tinha nevado durante a noite e Layla saltitava sobre a neve maravilhada. Era fácil confundi-la com uma anciã quando falava, mas no fundo era apenas uma criança. Aslin não devia ter descarregado nela.

— Aslin, nevou!

Era impossível não sorrir do ar pateta que ela tinha, com os pés encharcados e a túnica larga a esvoaçar levemente. Não sabia como ela não tinha frio e parecia que ia voar com uma rajada mais forte.

Enquanto a observava, pegou no pesado livro que esta lhe tinha legado. Na capa estavam uns caracteres que queriam dizer *Livro de Ioymar*. Mas o livro não tinha pertencido à irmã dele?

— Não sabia que conseguias ler o livro — Layla tinha entrado e estava a olhar para ela. Tinha o cabelo desgrenhado, os pés inchados e encharcados e a túnica que vestia pingava abundantemente. A sua voz, no entanto, estava segura, forte e calma como sempre.

— Aprendi alguma coisa, mas ainda não consigo ler na perfeição, existem alguns símbolos que não conheço.

— Hum. É melhor fazermo-nos ao caminho — com destreza, começou a passar as mãos desde o cabelo até aos pés e ficou instantaneamente seca e arranjada. — Antes conseguia fazer isto num piscar de olhos, sem usar as mãos.

Olhava para as mãos como se não as reconhecesse. Aslin percebia, ela estava a ficar mais fraca.

— Começou a cair um nevão com mais força, é melhor aguardarmos até passar, Layla.

Aslin foi até à entrada e achou que fariam bem em ficar ali mais um pouco. Mas agora que estava perto de Surianar, ansiava por ver novamente os irmãos, Lunza, os amigos... até ia gostar de ver a tia... por uns momentos,

pelo menos. Tinha muitas saudades da família e dos amigos, mas sentia falta de Surianar. De tudo.

Juntou-se a Layla que estava junto da fogueira e comia um pão escuro devagar, como se saboreasse cada dentada.

— Gosto muito das sementes deste pão. Lembra-me os momentos que passei no vale.

Parecia que naqueles dias não falavam mais do que meias palavras. Esta seria a última viagem dela. Não voltaria ao vale. E, no entanto, aceitava isso com uma calma desconcertante.

Depois de comerem, colocaram o livro entre as duas, assim como os cubos.

— O *Livro de Ioymar*... a irmã dele manteve-o seguro e depois continuou. A primeira parte acaba por ser um relato pormenorizado do que eu te contei. Apenas li algumas partes.

— Consegues ler estes caracteres?

— Aprendi algumas coisas com Claiher, outras aprendi sozinha com os livros na sala de Salimn. Ela não consegue ler o livro que tens nas mãos, mas está consciente do seu poder, por isso é que o escondeu quando viu que tinhas interesse nele.

— Eu consigo ler alguma coisa do que está escrito, não tudo — confessou Aslin.

— Eu sei. Vou-te mostrar uma coisa que podes fazer com os cubos. Os cubos foram descobertos na floresta pela família de Ioymar e passados de geração em geração. Quando o sentimento contra os *Flaiines* se intensificou, Ioymar passou-os aos seus filhos e a pessoas de confiança. Lembras-te de ter dito que havia *Flaiines* que pensavam de maneira diferente? Um deles ficou obcecado pelo poder e era o maior opositor da paz na floresta. Tinha um grupo de seguidores e queria dominar a floresta. Foi Ioymar que o derrotou.

— Ioymar virou-se contra os *Flaiines*?

— Não, não debes ver as coisas dessa forma. Ioymar queria a paz. Yukane queria o poder. Não sei muito mais sobre essa luta, mas Claiher sabe, deixo-lhe essa tarefa. Em relação aos cubos, sei que têm muitos poderes. Os únicos que conheço são a proteção quando estão transfigurados e este.

Colocou uma mão no ar sobre o cubo e outra sobre o livro. Uma das páginas virou-se lentamente e do cubo saiu uma luz intensa que cegou ambas por breves segundos. Quando abriu os olhos, Aslin não sabia onde estava e sempre que tentava focar a visão, sentia-se a andar à roda. Estava com a cabeça pesada e sentia tonturas.

Na sua mente ouviu a suave voz de Layla, que estava a seu lado.

Vê as palavras de Ioymar. Sente o que ele sentiu. Não penses tanto, torna-te parte do livro. Sê o livro.

Respirou fundo e deixou-se ir. Pouco depois, as imagens ficaram mais nítidas. E ouviu uma voz masculina, segura, forte. Sentia a alegria nas suas palavras, no seu tom de voz, no entusiasmo com que escrevia.

Que grande alegria. Pensávamos que já não teríamos mais filhos, afinal já temos alguma idade, mas fomos abençoados novamente. Existirá melhor maneira de começar outro diário? Será o meu sétimo filho. Mahia tem esperança de que esta criança seja Flaiine. Mas mesmo que não seja, será muito bem-vinda e recebida. Afinal, quatro dos meus filhos não tem poderes e não os vejo de maneira diferente. Todos são especiais à sua maneira.

Parte-me o coração deixar Mahia, mas tenho de continuar a falar com os povos da floresta. Os que estão contra os Flaiines crescem em número e em ódio, sem que o possa evitar. Se eu soubesse quem está por trás deste ódio...

Hoje irei utilizar o espelho para viajar, o tempo escasseia. Espero não me deparar com um beco sem saída como da última vez. Irei até Urame, onde as colheitas não foram boas este ano. O movimento contra os Flaiines é forte lá. Se eu lhes puder mostrar que conseguimos todos viver em paz... A minha irmã sugeriu que eu me transfigurasse e passasse despercebido durante uns dias. Julgo que é o caminho errado. Como poderei depois conquistar a sua confiança se souberem que estive no seu seio disfarçado, como um impostor?

Não, a magia deve ser usada para ajudar a floresta e os que nela vivem. Não para enganar. Ao longo destes anos, percebi que tenho de convencer tanto um lado como o outro, não são só os povos contra os Flaiines, mas também o oposto, a divisão entre nós cresce a cada lua.

Aslin via a floresta como se estivesse mesmo lá, quase que podia cheirar as plantas. Ioymar escrevia sentado à sombra de uma árvore, enquanto observava os filhos mais novos a brincar com outras crianças. Sentia uma grande paz enquanto os observava, que desaparecia assim que voltava ao seu diário.

Mahia apoia-me. As minhas irmãs dizem-me para desistir e proteger os meus filhos. «Junta-te aos que lutam para termos direitos», dizem-me. «Colocas a vida em perigo cada vez que atravessas um espelho, fica», suplicam-me. Não percebem que uma vida assim não é vida. Aqui ainda temos alguma paz, mas eventualmente a revolta também cá chegará. E depois? Que farei? Esconder-me-ei na floresta com os meus filhos como um criminoso? Não é essa a vida que quero para eles.

Ioymar pousou a pena com que escrevia e olhou para o céu. Aslin susteve a respiração quando viu a sua cara, os seus olhos profundos e escuros, o seu cabelo comprido. Susteve a respiração porque já tinha visto aquelas feições.

Estremecendo, apercebeu-se de que estava de volta ao seu lugar em frente a Layla, que a olhava com curiosidade.

— Aslin, o que é que se passou?

— Eu... nada, não estava à espera de tudo o que vi, é só isso. Posso fazer isso com o meu cubo? — Layla ignorou a mudança brusca de assunto. Se Aslin não queria dizer, estava no seu direito.

— Não sei o que podes fazer com esse, só Claiher te poderá dizer. Olha,

o nevão já passou. Vamos continuar, era bom se chegássemos a Surianar antes de anoitecer.

Arrumaram as coisas rapidamente e em silêncio, apagaram a fogueira e puseram-se novamente a caminho. A caminho de Surianar.

Pararam primeiro em casa de Claiher, que reagiu como se a chegada delas fosse inesperada, contudo, estavam três canecas com um chá espesso e forte à sua espera. Via-se que Claiher e a sobrinha tinham uma relação muito forte, Aslin quase se sentiu como uma intrusa enquanto eles falavam.

— Estou muito feliz por vos ver. Faltam apenas uns dias para as cerimónias e eu ainda tenho muito que fazer, a vossa ajuda será muito bem-vinda. Falarei com a tua tia para poderes vir de manhã, que te parece?

— Claro, mas Claiher... tenho saudades do meu irmão, tentarei passar também algum tempo com ele antes... das cerimónias.

— O teu irmão já se encontra na Casa do Mestre, assim como todos os outros. Também ele terá de fazer uma preparação para as funções que o esperam.

Aslin não esperava que ele já lá estivesse. Pensava que teria tempo antes de Rair ir para a Casa Grande, não se apercebeu até àquele momento o quanto sentia a falta do irmão, esta viagem despertou-lhe sensações e sentimentos que não esperava. Trocou mais umas palavras com Claiher e depois foi para a sua casa a pé, deixando a carroça em casa de Claiher.

Quando chegou podia ouvir a voz estridente da tia.

— Para dentro, já! Pensam que eu não tenho mais nada que fazer do que andar atrás de vocês? Francamente.

Quando viu que Aslin estava a chegar, a sua expressão era a de alguém que tivesse levado um murro no estômago. Fez uma cara de repúdio, como se tivesse comido algo azedo, e depois sorriu-lhe de forma muito pouco convidativa. Virou as costas à mesma, arrastando os miúdos consigo.

Aslin respirou fundo e entrou em casa. Cerrou os punhos, já sabia que não ia ter uma conversa fácil.

— Tia.

— Aslin. Chegaste a tempo de comer connosco, põe mais um prato na mesa.

— Claro.

— Como foi a viagem? Não vi nenhum cavalo — por trás do sorriso falso, escondia-se a vontade de ouvir que tinha sido horrível estar no vale sem ela.

— Agradável. Vim com Layla, acabei por deixar a carroça em casa de Claiher. Queria fazer o caminho até casa a pé, tinha imensas saudades de Surianar.

— A criança?

— É sobrinha de Claiher — disse Aslin, enquanto a tia a olhava chocada.

— Ela saiu do vale, simplesmente saiu? Salimn permitiu?

— A tia também sai...

— Deixa de dar meias respostas, criança tola! As curandeiras não saem do vale. Porque é que ela saiu?

Aslin não ia contar a situação de Layla para que a tia a pudesse espalhar por Surianar inteira. Era uma história que não lhe pertencia, não tinha qualquer direito de a contar.

— Porque não? Essas perguntas não me competem a mim responder, se quer saber mais, terá de perguntar a Layla — replicou encolhendo os ombros. As saudades da tia tinham-se evaporado.

— Criança insolente. Não mudaste mesmo nada.

O silêncio em torno da mesa tornava a tensão quase palpável.

Aslin acabou por pedir licença e saiu da mesa.

— Avisa Lunza que irás para o campo amanhã de manhã com ela.

— Na verdade, Claiher pediu-me ajuda com os preparativos para as cerimónias. Julgo que está ligeiramente atrasado e...

— Pensava que os teus conhecimentos ainda não eram suficientes.

— Para tingir ou fazer acabamentos fáceis, trabalhos desse género posso ser de alguma utilidade.

— Quando viste Claiher?

— Quando cheguei. Disse-lhe que tinha vindo com Layla.

— Não me disseste que preferiste falar primeiro com um estranho do que com a tua família.

— Não chamaria estranho a Claiher.

— Pouco me interessa o que chamarias ou deixavas de chamar. Fazes tudo à tua maneira e não reconheces os sacrifícios que faço por ti e por todos nesta família. Não autorizo que trabalhes com Claiher, tem lá a sobrinha, ela que o ajude.

Aslin fitou a tia em silêncio, procurando as palavras certas e respirando fundo, procurando o tom certo para retribuir a conversa da tia.

— Quem teve lições com Claiher com a autorização do Mestre fui *eu*. Não se trata dos seus sacrifícios, mas sim das *minhas* obrigações — virou costas antes que a tia tivesse oportunidade de lhe responder.

Um dia. Não tinha aguentado um dia sem discutir com a tia. Estava cansada, a viagem fora bastante exigente, tinha de lidar com tudo o que tinha aprendido e com o que tinha descoberto. Layla estava a morrer, ela era uma *Flaiine*... sem saber porquê, só lhe apetecia chorar. Ela era pouco mais velha que Layla e já sentia um enorme peso sobre si.

Correu para o extremo da floresta e deixou-se cair, arfando junto ao nevoeiro. Quando começou a aprender magia com Claiher, começou a aprender mais sobre si, era uma parte que não podia negar ou suprimir. Naquele preciso momento, sentia-se à beira do desconhecido. Sabia mais, mas conhecia menos. Tinha tido muitas saudades de Surianar, mas queria sair dali o mais rapidamente possível, sentia-se a sufocar naquele lugar. Sabia onde não queria estar, mas não tinha ideia para onde queria ir.

Olhava para o nevoeiro com um olhar carregado de frustração quando ouviu passos atrás de si. Voltou a cabeça para ver quem era e reparou em Sunuywt, que se sentou no chão a alguma distância de si. Nenhum dos dois interrompeu o silêncio durante algum tempo.

— Torna-se mais fácil.

Aslin quase gritou quando Sunuywt falou com ela

— O quê!?

Olhou para a mão dela, para o anel com uma intensidade que a fez estremecer. Muito lentamente levou a mão ao pescoço e puxou um fio onde estava um anel exatamente igual ao seu. Aslin engoliu em seco. Já o suspeitava desde que vira a cara de Ioymar, mas agora tinha a certeza. Ele também era *Flaiine*. E era um dos descendentes de Ioymar.

Aslin olhava para a mão.

— Porque me estás a dizer isso agora? Porque é que me mostraste o anel?

Sunuywt não respondeu logo, demorou-se a olhar o nevoeiro. Quando falou, ainda ela o fitava.

— Lembras-te de um dia em que estavas a trabalhar nos campos? Eu estava lá... e consegui sentir o que tu eras — Aslin arqueou as sobrancelhas em puro choque. Tanto cuidado da sua parte... — Mas tu não o sabias. Estás diferente.

— Neste momento, não sei se isso é bom ou mau... ser como sou. Ter de esconder de todos e sentir que não pertença a lado nenhum.

— És diferente, nada mais. Sei que alguém te está a ajudar porque tens o anel. Mas... — olhou para trás repentinamente. — Vem alguém à tua procura. Mantém a nossa conversa apenas entre nós. Não podes contar a ninguém.

Mexeu-se agilmente e desapareceu antes que Aslin tivesse tempo de contestar os seus pensamentos. Momentos depois, apareceu Layla.

— Aslin! Fui até tua casa, mas a tua tia não estava lá muito bem-disposta... Claiher quer que vás ter connosco logo de manhã, bem cedo.

— Sim, claro. Lá estarei.

— Aslin, estás bem? Sei que as coisas com a tua tia podem não ter corrido bem, mas...

— Não, não... não te preocupes. Está tudo bem — sorriu levemente para Layla como um sinal para não a preocupar. — Tem acontecido tudo tão depressa que me senti completamente assoberbada. Mas agora estou melhor — Aslin levantou-se e agarrou-lhe nas mãos. — Diz a Claiher que amanhã, bem cedo, estarei lá.

Layla sorriu, mas não disse nada.

Viraram as costas ao nevoeiro e começaram a andar. Aslin dirigiu um olhar discreto para a floresta, mas não viu nada.



Capítulo X

Não tinha dormido praticamente nada na noite anterior e saiu muito cedo de casa, muito antes da tia e dos pequenos acordarem. Ficar para o pequeno-almoço, era pedir outra troca de palavras iradas e escusadas.

Enquanto caminhava até à casa de Claiher, sentia as casas em volta ainda sossegadas, antes das pessoas despertarem para mais um dia. Passou pela Casa do Mestre e pensou no irmão, Rair. Ainda não tinha conseguido falar com ele e isso estava a ser doloroso.

Sunuywt. Os seus pensamentos fugiram para ele antes que os conseguisse deter. A estranha conversa que tinha tido com uma pessoa que até então nunca lhe tinha dirigido uma única palavra, não saía da sua cabeça por mais que tentasse. Não queria admitir, mas isso inquietava-a por outros motivos. Se Sunuywt era como ela, quantos mais seriam? Estariam em Surianar mais *Flaiines*? A esconder que o são por... medo?

Imersa nos seus pensamentos, nem deu conta da sua chegada à porta de Claiher. Esta casa já fervilhava de atividade, sorriu espontaneamente enquanto ouvia a voz de Claiher animada a falar com Layla. Quando entrou, a sala já se encontrava cheia de mantos espalhados, Claiher a trabalhar no tear e Layla na mesa com um ar satisfeito a comer algo fumegante.

— Aslin! — Layla sorriu e indicou-lhe a cadeira junto a si.

— Come qualquer coisa, Layla fez comida para alimentar Surianar inteira — Claiher falou como se fosse absolutamente normal vê-la ali àquela hora.

— Não tinha oportunidade para cozinhar no vale e gosto muito de o fazer. Prova este pão de sementes e um pouco disto — enquanto falava, tinha-

lhe colocado uma tigela com uma papa à frente. Aslin mergulhou a colher com ar duvidoso, mas assim que provou percebeu que estava delicioso.

— Quando conseguiste fazer isto tudo? — Aslin estava a servir-se das outras coisas que estavam na mesa e que, como a papa, estavam igualmente deliciosas.

— Oh, não durmo muito como sabes e Claiher precisa de se alimentar.

Aslin ter-lhe-ia respondido, mas tinha a boca cheia com umas bolinhas irresistíveis e incríveis que estavam no centro da mesa. Sentia-se muito bem no conforto daquela casa, na companhia deles. Sentia-se em casa. Permitiu-se esquecer, por instantes, os seus problemas e concentrou-se simplesmente em comer e desfrutar da boa companhia.

Quando Claiher se juntou a elas, pediu um relato pormenorizado do que tinham treinado. Ficou satisfeito com os progressos, mas avisou Aslin de que os treinos não estavam nem de longe terminados.

— Transfigurar, ilusões, o transporte... toda essa magia é útil, mas precisas também de aprender a proteger-te e a reconhecer outros que partilham o mesmo dom que tu. Não te iludas, existe tanto perigo de pessoas sem magia como vindo de *Flaiines*.

— O quê? Claiher...

— Espera — Claiher interrompeu-a antes que se lançasse num discurso cheio de perguntas intermináveis. — Disse-te que quando estivesses preparada tinha algo para te contar, lembras-te? Queres saber o que é?

Quando Aslin acenou afirmativamente, Claiher olhou para Layla e começou a falar.

— Layla contou-te e deves certamente ter lido também sobre o que se passou há algumas gerações. Antes, Surianar era o coração da floresta, aqui encontravam-se líderes das populações e solucionavam-se problemas. Os *Flaiines* ajudavam muitas vezes a solucionar esses mesmos problemas. Não te consigo dizer exatamente quando começou o mal-estar entre os *Flaiines* e o resto das pessoas, mas as más colheitas foram só uma desculpa para exaltar os ânimos e começar então a guerra.

Depois do nevoeiro, as coisas acalmaram temporariamente. Um dos netos de Ioymar tentou falar com algumas populações, racionalizar a situação. Era fiel ao trabalho iniciado pelo seu avô e mais poderoso ainda. O irmão dele não podia ser mais diferente. Mas ele tinha uma vantagem que poucos conheciam e foi por essa razão que queria que trouxesses o livro.

Colocaram o livro entre eles e Aslin transfigurou o anel de Layla para que pudessem ver e sentir novamente as palavras do *Livro de Ioymar*. Claiher murmurou umas palavras e as páginas do livro começaram rapidamente a virar-se. Aslin sentiu-se tonta e quando abriu os olhos estavam numa sala escura onde uma idosa escrevia com alguma dificuldade.

O teu neto deixou-me uma carta, Ioymar. É tão parecido contigo. Quando me olha com aqueles olhos que parece que viveram mais vidas do que queriam, parece que te estou a ver novamente. Quando chegou aqui

estava ferido, mas não queria ficar. Não tinha o anel com ele e não queria colocar o vale em perigo. Disse-me que quando chegasse a altura, deveria abrir a carta e conservá-la protegida. Chegaram hoje as notícias do seu desaparecimento. Decidi abrir a carta.

Ao lado do livro estava uma carta. Claiher tocou-lhe no braço e fez sinal para que tocasse na carta. Quando lhe tocou, voltaram à mesa onde estavam. No livro, que estava quase a chegar ao final, estava preso um pequeno envelope. Aslin retirou-o com cuidado e retirou um pequeno monte de folhas. Estavam tão amarelecidas e ressequidas, que estava com medo de as desfazer sem qualquer intenção. Começou a ler e susteve a respiração.

Surianar é a minha casa, o que eu mais quero é paz. Hoje vi que isso não será possível no meu tempo. Será muito depois de eu passar para outro mundo que Surianar estará pronta para receber os Flaiines como seus filhos, em pé de igualdade, e será então que aqueles capazes de lutar por isso vão aparecer. Quando Ioymar viver de novo, será então a altura. Sempre ocultei as visões que tinha, até do meu irmão, por recear que vissem nisso uma ameaça. Espero que entendam agora porque o fiz.

Quis ir às povoações para poder falar com todos, tentar parar com as lutas, onde tanto sangue já foi derramado. No início, comecei a ser bem recebido. As vozes que se erguiam contra nós, têm diminuído e alguns lutavam porque pensavam que era a única maneira possível de sobreviver. Nós falámos com eles e mostrámos que podemos viver em harmonia, como já fizemos em tempos.

Mas o nevoeiro foi um erro. Fui traído por quem mais amava, o meu irmão. Ele não quer a união das populações de Surianar, ele quer dominá-las. Quer aumentar a sua magia com os cubos e depois nada o deterá — os cubos que o meu avô deu a cada um dos filhos e transfigurou em anéis. Ele conhece o poder dos cubos e é isso que mais quer. Eu separei-os, deixei o sétimo e último anel no Vale das Curandeiras. Encontrará a sua dona a seu tempo. Vi com o meu cubo o que devia fazer. Os restantes estão seguros com pessoas da minha confiança, Flaiines que se integraram há algum tempo nas populações, escondendo o que são. Sobreviver para nós Flaiines é ter de mentir sobre o nosso dom e o bem que podemos fazer pela restante população.

Eu e o meu irmão não viveremos muito mais. Vi isso claramente. Infelizmente, a linhagem de Ioymar morre connosco. Tia, nunca quis nada mais do que a paz entre as populações e que todos pudéssemos viver juntos, em harmonia. Mas a luta não será nossa. Sinto uma vergonha enorme pelo que o meu irmão fez, não era isto que o meu avô defendia e acreditava mais do que qualquer outra coisa neste mundo. No entanto, estou em paz, porque sei que chegará o dia em que o sacrifício que tantos da minha família fizeram, será recompensado.

Posteriormente, tinham sido acrescentadas umas linhas escritas à pressa.

O meu irmão foi traído pelos seus seguidores. Despedaçou o meu

coração ver o seu olhar ferido naquele momento, ele estava completamente perdido. Tentei ajudá-lo, mas estou igualmente ferido. Tia, vou a caminho, espero que a carta lhe chegue às mãos antes de eu conseguir vê-la...

Aslin respirava com dificuldade. Só pensava em Sunuywt e na cara de Ioymar. Depois de um longo silêncio, Claiher falou.

— Soube que existiram várias batalhas nas outras povoações, mas ler sobre elas é um privilégio imenso. Em breve, esta luta que o neto de Ioymar fala atingirá Surianar. Tens de te preparar, Aslin. A magia é muito forte em ti, serás imediatamente reconhecida.

— O Mestre sabe destas... destas lutas?

— O Mestre é uma das pessoas que sempre foi contra os *Flaiines*. Quando assumiu as suas funções, depois do seu pai, escolheu ignorar o que se passava na floresta. Conseguiu convencer-se de que só existe Surianar e que o nevoeiro nos manterá seguros, perpetuando a população à catástrofe que poderia vir a acontecer.

— Acho que a atitude dele não deve ser totalmente condenada — ambos tinham-se esquecido de que Layla estava ali. — Ele queria proteger as pessoas de Surianar. Por isso nunca permitiu muita proximidade com as curandeiras. Tu perguntaste a razão de fazermos tanto fio de Mayena, recebemos imensos feridos, Aslin. Há uma parte do vale que te foi vedada para não veres os feridos.

— Claiher, vai ser uma luta perdida desde o início. Nós não temos...

— Aslin, os jovens que vão para Casa do Mestre são treinados por pessoas como Sunuywt e tornam-se guerreiros. São escolhidos pelo Mestre e, quando entram para a sua casa, sabem de imediato a verdade. Não estamos totalmente indefesos.

— Rair...

Claiher acenou afirmativamente.

— Por esta altura, ele já deve saber.

Fitaram-se em silêncio durante algum tempo.

— Acho que a minha tia sabe.

Claiher hesitou antes de lhe responder.

— As que ajudam as curandeiras sabem de alguma coisa porque veem pessoas de outras povoações e mulheres que não conhecem quando estão no vale. Mas não deve saber muito, Salimn controla tudo o que elas pensam e veem no vale — Layla falava com alguma amargura sobre Salimn, o que surpreendeu Aslin.

— O que aconteceu ao anel que estava no vale?

Claiher e Layla entreolharam-se e viraram de seguida o olhar para ela.

— Não sei — Claiher falou num tom cansado. — Eu e os outros... eu só tinha um anel, o que te dei. Mas esse já era teu por direito.

— Como assim?

Quando bateram à porta, saltaram os três em uníssonos. Claiher encolheu os ombros indicando que não sabia quem podia ser enquanto se dirigia à

porta.

Enquanto Claiher falava com quem estava à porta, Aslin e Layla trocavam algumas impressões em surdina.

— Não debes repetir o que ouviste a Rair.

— O meu irmão é diferente, ele...

— Está sob a alçada do Mestre, tudo o que lhe disseres vai ser automaticamente deturpado.

— Rair... — as saudades do irmão apertavam-lhe o peito.

Quando Claiher voltou estava aborrecido e falava depressa enquanto atirava algumas coisas para dentro de um saco.

— O Mestre chama-me. Um problema com o tapete usado para as cerimónias. E tem um pedido especial para me fazer. Continuamos a nossa conversa quando voltar, espero estar de volta ao final do dia. Layla, treina com Aslin alguns movimentos básicos, sim?

Saiu porta fora com um ar contrariado, sem dar oportunidade a nenhuma de lhe responder. Acenou-lhes da entrada sem olhar para trás.

Fitaram-se em silêncio e Aslin olhou para Layla que sorria para ela.

— Há algo que Claiher acha que não estás pronta para saber, mas que creio ser importante. Aslin, quando fizeres dezasseis anos o teu poder vai aumentar muito. Por isso é que Claiher insistiu que fosses para o vale e fosses ajudada. Se não souberes controlar a magia... acaba por ser um peso insuportável e perigoso para ti.

— Faça dezasseis anos depois das cerimónias...

— Eu sei. Muitos dos *Flaiines* que se juntaram contra as populações da floresta, foram seduzidos por volta dessa altura. Afinal, porque se haviam de conter e esconder quando podiam ser invencíveis? Vão ficando reféns a pouco e pouco...

— Eu não serei.

— Espero mesmo que tenhas razão — Layla respondeu-lhe com um sorriso cansado depois de estarem em silêncio por algum tempo.

— Tenho tantas perguntas...

— Vamos treinar alguns movimentos de defesa. Há coisas que podes fazer com o que já sabes e outras que ainda não sabes. Ainda não tens destreza para o fazer com o olhar, por isso vais utilizar as mãos...

— O que faz o meu anel? O meu cubo? Com o teu consegues entrar dentro dos livros... o que é que posso fazer com o meu?

— Não sei — Layla abriu as mãos impotente —, esse anel foi dado a Claiher para proteger e te entregar na devida altura. No entanto — Layla levantou a mão antes que Aslin interrompesse —, não sei nada mais sobre o assunto. Terás mesmo de perguntar a Claiher quando ele voltar. Julgo que o livro também pode conter algumas pistas sobre o assunto. E o meu anel já é teu, podes transfigurá-lo juntamente com o teu.

Aslin respirou fundo e tentou acalmar-se. Não seria de Layla que obteria as respostas para todas as perguntas que tinha.

— O que temos de treinar?

— Como te disse, movimentos de defesa. Se alguém te tentar atacar, podes transportá-lo para algum recanto da floresta, ou então fazer uma ilusão para que se perca lá. Mas para o fazer tens de ser rápida e ainda não o és. Se te tornares exímia em construir uma barreira de proteção, mesmo que dure pouco tempo, podes ganhar o tempo que precisares para fazer magia mais forte. E lembra-te, o ataque deixa-te sempre muito fraca. A defesa, por outro lado, não requer tanto dispêndio de energia, o que te pode ajudar a ganhar tempo e, claro, força numa luta.

— O que queres dizer com «ataque»? Como posso atacar as pessoas com a magia? Isso não é de todo correto, eu...

— Pode chegar à altura em que seja necessário atacares outros *Flaiines*. Deverás ser mais inteligente que eles, o teu poder neste momento não é nada comparado com o de alguns.

Não era altura para esta conversa. Aslin sentiu que Layla não estava à vontade e por isso não a pressionou.

— Como posso fazer a barreira de proteção?

— As barreiras de proteção são, no fundo, paredes de energia que absorvem carga energética. Ou seja, para as criares, socorres-te de tudo o que te rodeia. Se a barreira for bem executada, quanto mais te atacarem, mais forte a tua barreira fica, porque absorve toda a energia que lhe é dirigida — enquanto falava, com a ajuda de Aslin, limpava a mesa e arrumava a sala para arranjar espaço para treinarem.

Ficaram frente a frente com um espaço de dez passos entre elas.

— Já alguma vez fizeste isto?

— Não — Layla confessou relutantemente —, era Claiher que te ia ensinar hoje. Nunca consegui fazer uma barreira.

— Bem, vamos tentar.

— Coloca as mãos à tua frente e tenta sentir tudo o que rodeia. Puxa a energia desses objetos para ti.

Aslin tentava, mas não estava concentrada o suficiente e só conseguia formar um fio tímido, quase invisível, a juntar as duas mãos.

— Aslin, concentra-te! Vou atirar-te estas taças. Essa barreira que estás a criar, a minha mão não pode conseguir passar por ela. Tens de concentrar a tua energia para que eu não a consiga quebrar.

Layla começou a atirar as taças e tudo o que Aslin fazia era desviar-se.

— ASLIN!

— Vamos tentar de novo.

— Aslin, baixa os braços.

— O quê?

— Baixa os braços. Tenta sentir o espaço com a tua mente e não com as mãos.

Quando Layla voltou a atirar objetos, Aslin percebeu que ela o fazia sem mover um único músculo. A distração valeu-lhe um prato em cheio no nariz.

Quando recuperou a consciência, Layla pedia-lhe desculpas com um ar consternado.

— Tenho um creme para te ajudar com isso — só quando Layla falou é que Aslin notou que sangrava abundantemente do nariz. Layla passou-lhe o creme pela ferida aberta, Aslin começou a sentir a pele esticar e o sangue a estancar.

Estavam nessa posição quando Claiher chegou.

— Mas o que é que aconteceu... Oh!

Layla corou profundamente enquanto lhe contava que tinha acertado com um prato em Aslin, que por sua vez olhava em volta com um ar confuso.

— Eu estou ótima.

— Não parece. Experimentaram com uma venda nos olhos?

Olharam as duas com um ar chocado para Claiher.

— Fazer uma barreira de proteção é muito difícil e por vezes só sentindo o perigo iminente é que se consegue. Esses ferimentos dizem-me que não estavas minimamente concentrada. É crucial que dêes o teu melhor nos próximos dias.

Aslin resmungou qualquer coisa que fez Claiher sorrir. Chegou junto a ela e colocou-lhe uma venda. Colocou-a de pé, no mesmo sítio onde estava antes, e encostou-se à parede mais distante.

— Aslin, tens de tornar-te parte do que te rodeia, sentir o espaço à tua volta. Só assim podes usar a energia para te defenderes.

— Claiher, não consigo ver nada!

— Sente.

Aslin ouviu Layla sustar a respiração. Claiher tinha colocado uma série de objetos no ar entre os dois e levantava uma mão para começar a atacá-la. Aslin sentia o movimento do ar e desviava-se no último momento possível, o que deixava Claiher furioso.

— Tens de ficar quieta e concentrar-te na energia, não em ouvir os objetos!

Quando quase levou com um prato na cara outra vez, ficou furiosa e levantou o braço. Claiher foi agredido com tudo o que o rodeava. Estava tanto silêncio na sala que Aslin tirou a venda, correu para Claiher enquanto engolia em seco e via o resultado da sua defesa. Tudo o que estava na sala, incluindo o tear que tinha precisado de vários homens para ser movido e montado, estava encostado à parede e a Claiher, que lutava para respirar.

Claiher conseguiu afastar-se o suficiente para sair dos escombros. Nada tinha ficado intacto. Ele não dizia nada enquanto sacudia as vestes e Aslin lhe pedia incessantemente desculpa.

— Está tudo bem. Aslin, tens os cabelos em chamas.

— Oh! — passou rapidamente a mão pelo cabelo e voltou ao aspeto que tinha habitualmente. Os olhos continuavam, contudo, a brilhar febrilmente.

— Claiher, senti tudo, senti a energia, foi... inebriante! Nunca me tinha sentido assim!

Naquele momento, Claiher levantava Layla do chão e só falou quando a colocou na cama na pequena divisão ao lado da sala.

— Não consegui proteger-me sozinho, Layla teve de interferir e ficou esgotada. Escolheste o ataque enquanto construístes a barreira.

— Eu... eu fiz uma barreira?

— Das mais fortes que já vi. Não só parou os objetos, como repeliu tudo em volta para cima de mim.

Claiher dividia-se entre as respostas a Aslin e a atenção a Layla.

— Se não tivesses o anel colocado, nada estaria de pé. És muito poderosa, Aslin.

— O anel controla-me?

— O anel não controla nada, ajuda-te a concentrar. O que te estou a tentar dizer é que não pretendias destruir nada e estavas focada em defender-te, porque tinhas o anel. Quando fizeres dezasseis anos, terás de te controlar, por isso é que queria que aprendesses o máximo possível.

— Layla está bem?

— O melhor que pode estar dada as circunstâncias.

Claiher olhou pela janela e viu a noite a aproximar-se a passos largos. Não faltaria muito para que Surianar ficasse mergulhada na escuridão.

— Hoje será uma noite sem estrelas. Vai para casa e descansa, vem cedo amanhã.

— Claiher, eu...

— Vai, Aslin. Falamos amanhã.

Aslin acenou e saiu.

Claiher esperou que a noite se instalasse e abriu a porta. Andou devagarinho até às traseiras da casa, onde um vulto com um capuz aproximava-se vindo do nevoeiro.

— Ela é muito poderosa.

— Sim.

— Mas não controla o poder. Os pais eram astutos, mas ela... é única. Nunca tinha visto tal magia.

— Sim.

— Trouxe o livro do Vale das Curandeiras?

Claiher acenou afirmativamente.

— Ela é demasiado perigosa para estar por perto.

— Precisa só de um pouco mais de treino.

— Não me parece. Ela sabe o que aconteceu aos pais?

— Não.

— Então pode virar-se contra nós.

— Não julgo...

— Tiveste liberdade até agora. Ela foi para o vale e não pudemos interferir. Mas já chega. Não pode haver *Flaiines* em Surianar antes de chegarmos. Pode pôr em risco a ascensão do nosso líder.

— Não existe esse perigo.

— Não te esqueças do nosso pequeno acordo.
— Só seria acordo se tivesse escolha.
— Não queres ver a floresta devolvida à sua glória, com os *Flaiines* a comandar? Quando tivermos os anéis nada nos impedirá.

Fitaram-se em silêncio.

— Não nos podemos dar ao luxo de a deixar chegar aos dezasseis anos para o seu poder ficar ainda maior, temos de arranjar uma solução definitiva. Leva-a até ao poço. Antes das cerimónias. Quando ela tiver recuperado o que precisamos, livra-te dela.

— Livrar-me dela? Isso nunca...

— Não sabias que serias tu?

— Ela irá apoiar os *Flaiines*...

— Não podemos correr o risco.

O vulto virou as costas e foi envolvido pelo nevoeiro. Claiher estava gelado por dentro. Fazer mal a Aslin? Sabia que quando ela tinha sido descoberta podia representar um perigo. Convenceu-se, enquanto a ensinava, que eles iriam mudar de opinião. Nunca pensou em afeiçoar-se tanto. Eles perceberam isso quando Claiher a mandou para o vale, apesar de lhes ter dito que era apenas para trazer o livro.

Tinha uns dias para decidir o que fazer. Apenas uns dias. Aslin ainda tinha tanto para aprender... mas a decisão já tinha sido tomada. Ele faria o que tinha planeado desde o início.

Caminhou de volta quando ouviu Layla a chamar o seu nome. Era ela agora a sua preocupação.

Enquanto Claiher se debatia consigo próprio, Aslin tinha a melhor surpresa que podia esperar em casa. Tentou entrar e ir para o quarto de forma despercebida, mas ouviu um riso familiar na sala. Não podia ser. Ou podia?

— Rair!

Correu e lançou-se, literalmente, para cima do irmão que vacilou com o seu peso.

— As curandeiras alimentaram-te bem, estás mais pesada — disse-lhe entre risos.

— Tu também cresceste. E o que é isso na tua cara? — Rair tinha deixado crescer a barba e tinha o cabelo comprido preso com uma fita. Parecia distante da disciplina que o Mestre costumava impor. Os seus discípulos eram sempre a imagem do cuidado e retidão. Se encontrasse o irmão à noite num recanto escuro... bem, era certo que fugiria a grande velocidade.

— Vem, vamos dar uma volta.

— Ela ainda não comeu, Rair. E tem tarefas para fazer.

— Certamente que poderá abrir uma exceção? Foi preciso um grande esforço da minha parte para aparecer hoje e ver a minha irmã. Decerto compreende... tia?

A tia fez um sorriso amarelo e deixou-os ir sem mais palavras. Aslin exultava.

Quando foram para o jardim atrás de casa, andaram até terem a certeza de que não seriam ouvidos. Rair estava muito mais alto e quando tirou o manto para se sentarem, Aslin susteve a respiração perante os músculos que agora tinha.

— Bem, Rair, tinha uma imagem diferente dos estudiosos. Exatamente que livros andas a ler?

— Estás a meter-te comigo de forma desleal, irmãzinha. O que é que te aconteceu? Não sou o único com músculos aqui. E o teu cabelo, já não é cortado há quanto tempo? — riram-se os dois quando ele lhe puxou um caracol.

— Aslin, quero que voltes para junto das curandeiras.

Aslin parou de rir perante o ar sério e ansioso do irmão.

— Há coisas que não sabes e Surianar é perigosa neste momento. Estarás mais segura no vale.

— Ainda agora cheguei e já me pedes que vá? Rair, nem parece que sentiste a minha falta.

— Senti, Aslin, mais do imaginas. Não tinha ninguém para arrelhar. O Mestre não sabe que estou aqui. Mas precisava de te mandar embora em segurança.

— Rair...

— Hum?

— O que é que fazes exatamente em Casa do Mestre?

— Como?

— Pareces um guerreiro, não um estudioso. Falas de perigo e queres mandar-me embora. O que se passa? Diz-me a verdade e eu também te conto o que sei.

Rair olhava para ela, intrigado. Suspirou fundo antes de falar.

— Vou romper com uma promessa. Mas és a única família que me resta. Não tenho escolha. Tu estudas com Claiher... ele já te falou dos *Flaiines*?

Aslin acenou.

— Falou-te também das lutas na floresta?

Foi a vez de Aslin respirar fundo e contar resumidamente o que sabia, ocultando tudo o que tinha que ver com ela e com os anéis. Quando acabou, Rair não parecia surpreendido.

— Quando fomos para Casa do Mestre... ele mostrou-nos o que se passa na floresta. Vimos os feridos, as cicatrizes... saber que existe alguém tão louco pelo poder... A floresta que protege Surianar tem determinados poderes e nós temos conseguido mantermo-nos à parte do que se passa. Mas Surianar é o coração da floresta e eles em breve vão chegar aqui.

— Quem são «eles»?

— *Flaiines*. Mas *Flaiines* diferentes de ti — Aslin baixou os olhos. — Eles só pensam no poder.

— Rair... eu não queria nada disto, sabes?

Ficaram em silêncio durante algum tempo.

— Como é que sabes que vêm para aqui?
— O Mestre tem algumas fontes de informação pessoais. Mas os ataques deles parecem cada vez mais erráticos e breves.

— Duvido. Eles...

— Aslin?

— Eles têm um líder obcecado com o poder lendário de uns cubos. Gostava de te poder contar a história toda, mas demoraria muito tempo.

— Cubos?

— O Mestre nunca vos falou nisso?

— Não.

— Os *Flaiines* estão à procura dos cubos. Devem seguir pistas. Por isso os ataques parecem tão erráticos. Rair... o que acontece aos sítios por onde passam?

Rair levou muito tempo a responder.

— Em alguns sítios, acabou por ficar um pequeno número de *Flaiines* que controlam tudo. Noutros... simplesmente destruíram tudo e levaram algumas pessoas.

— É isso que nos espera em Surianar?

— Aqui não terão uma luta fácil. Nós somos fortes e não existem espelhos em Surianar. Mas, mesmo assim, eles são muito poderosos. Reparaste que começámos a erguer uma cerca em volta das casas? Tudo muito discretamente.

Aslin não lhe disse que eles se podiam transportar com facilidade para dentro de Surianar se quisessem. A cerca de pouco ou nada valeria.

— O líder é muito poderoso, mas o que os sobreviventes...

— Sobreviventes? É do Vale das Curandeiras que vêm as vossas informações.

— Sim, parte. O Mestre consegue mover-se no nevoeiro e visita a prima lá de vez em quando. Cada vez com mais frequência...

— Sozinho?

— Não. Porque fazes estas perguntas Aslin?

— Curiosidade. Fala-me dos sobreviventes — suspeitava que seria Sunuywt quem levaria o Mestre com segurança até ao vale através do nevoeiro. Lembrou-se da noite em que viu uma curandeira a falar com figuras encapuçadas e quase que disse a Rair, mas este já estava novamente embrenhado no que estava a dizer. Parecia que tinha saudades de falar com alguém.

— Muitos fugiram na direção do vale e chegaram lá sem serem feridos. Salimn acolhe todos e esconde-os. Alguns aparecem em muito mau estado. O que nos contam é que o líder é poderoso, mas os outros não são assim tanto. Por isso é que precisam de espelhos. Assim que entram nas povoações, acabou o privilégio.

— Não percebo.

— Nas outras povoações ainda havia espelhos. Alguns *Flaiines*, que

viviam integrados nas populações, foram sendo aliciados e os espelhos descobertos. Há sítios onde só podem entrar com espelhos.

— Aqui não há nenhum.

— Há um, mas o Mestre não sabe onde está.

Ficaram a olhar um para o outro. Ambos sentiam que havia mais a dizer, mas não era o momento.

— Rair, preciso de saber dos cubos, preciso de saber se já encontraram algum.

— Não sabia dos cubos. Vou ver o que posso descobrir.

— Não podes contar ao Mestre que eu sou uma *Flaiine* — era a primeira vez que dizia isso em voz alta —, ele expulsar-me-ia sem pensar duas vezes.

— És minha irmã! — Rair estava chocado e ofendido com ela. A possibilidade de ele dizer ao Mestre... claro que não. Confiava-lhe a vida.

— Desculpa... ultimamente desconfio de tudo e todos.

— A chave para uma proteção eficaz — Rair sorria novamente para ela.

— Não há *Flaiines* em Surianar?

— Não...

Parecia-lhe que o irmão tinha hesitado, mas não podia ter a certeza. Sentiu movimento na escuridão e viu Rair levar a mão a uma adaga presa na cintura. Só agora reparava nela.

— Sou eu.

Se Aslin estivesse em pé cairia na cerca. Quando Sunuywt se aproximou, não deu mostras de já ter falado com ela antes. Fez-lhe uma pequena vénia antes de falar.

— Bem-vinda. Rair, temos de ir.

— Já conheces Sunuywt, certo? Foi ele que me ajudou hoje.

— Já nos cruzámos.

Enquanto olhava para os dois a caminharem lado a lado como iguais, viu Sunuywt virar a cabeça e olhar para ela. Parecia perturbado.

Subitamente teve medo. Por eles, por Claiher, pela tia, por todos. Se os *Flaiines* eram assim tão poderosos, a única forma de os derrotar era ser mais poderosa. Tinha de encontrar os outros cubos e descobrir o que o seu fazia.



Capítulo XI

Os primeiros raios de luz percorriam Surianar quando Aslin chegou à porta de Claiher. Assim que abriu a porta foi brindada com um sorriso de Layla, que enchia um saco de viagem.

— Vais a algum lado?

— Vamos as duas com Claiher. Há um sítio que precisas de conhecer e de qualquer das formas é melhor treinarmos fora de casa — olhou para Aslin.

— Estamos de volta ao fim do dia, não te preocupes. Mas não vamos hoje, Claiher só me mandou estar pronta para irmos assim que ele puder ir. Hoje está na Casa do Mestre.

— Layla, estive a pensar...

— Sim?

— Como posso descobrir os outros cubos?

Layla ficou quieta enquanto olhava para Aslin.

— Porque queres os outros cubos?

— Para impedir que os *Flaiines* fiquem mais poderosos.

— E o que fazes com eles depois de encontrares todos?

— Como assim?

— Vais usá-los?

— Layla, nem sei usar o meu cubo!

— Destruías os cubos?

— Porquê?

— Porquê? Aslin, os cubos são muito perigosos juntos — Layla tinha-se sentado entretanto e olhava para ela com um misto de curiosidade e preocupação.

— Porque não destruístes o teu?

— Porque não era meu, era da minha mãe. E só o uso... ou melhor, usava para ler o livro e para me proteger.

— É para isso que os quero, para proteger. Não só proteger-me, mas proteger também todas as populações. Layla, não é melhor os cubos estarem nas mãos de alguém que queira o bem?

— E o que é o «bem»? Aslin, quando fizeres anos vais lutar contra a vontade de te submeter ao poder que te traz a magia. Tu és muito poderosa, fazes coisas que eu apenas sonharia e és forte. Mas ainda és nova. Se tiveres os cubos nas mãos quando o teu poder aumentar... não sei se seria bom.

— Talvez... mas destruí-los é também destruir a única forma que temos de nos proteger dos *Flaiines*.

— Aslin, tu és uma *Flaiine*!

— Mas eu não tenho a sede de poder que eles têm! E tenho família sem magia, não te esqueças.

Layla ficou em silêncio durante muito tempo. Quando se levantou de forma repentina, assustou Aslin.

— Vou buscar o livro. Salimn sempre disse que este livro podia ser perigoso. Talvez porque contenha as possíveis localizações dos cubos.

Colocou o livro entre elas e pediu a Aslin para transfigurar o anel novamente em cubo. Aslin percebeu que Layla devia estar a ficar mais fraca, tinha a seu lado uma caneca com um líquido viscoso, com um aroma pouco convidativo, e ultimamente parecia bebê-lo a todas as horas do dia.

— Layla, desculpa.

— Hum? Porquê? — Layla olhava para Aslin com uma expressão de confusão.

— Ontem, quando tiveste de interferir para ajudar o teu tio. Ficaste inconsciente depois e a culpa foi minha, peço imensa desculpa. Não era a minha intenção magoar-vos.

— Ora, Aslin, a culpa não é de ninguém. Estás a aprender a controlar a tua magia. Se eu estivesse melhor, ainda nos teríamos rido da situação. Vamos ver o que Ioymar nos diz a seguir?

Bastou colocar a mão sobre o cubo e foram diretamente transportadas para o momento em que Ioymar voltava de Urame.

Em Urame, não fui bem recebido, mas pelo menos fui ouvido. Flahir e Jonya dizem-me para não ter esperança, mas como não a posso ter quando olho para os meus filhos? Tenho de ter por eles. O Mestre de Urame ouviu e concordou com o que dissemos, mas também alertou que a nossa palavra era insignificante perante as ações dos outros. Algo compreensível e bastante complicado de retaliar.

Flahir não me irá acompanhar em mais nenhuma viagem. Irá para Surianar, é amigo do Mestre, e ficará com o filho e a neta. Já tem muita idade para estas andanças e preocupa-se pelo filho. Eu também não poderei fazer mais viagens, durante uns tempos, mesmo utilizando o espelho. Mahia está doente. A minha irmã percebe de remédios e poções, diz-me que o bebé é

muito grande. Vai ser um rapaz.

Ioymar descrevia os sonhos que tinha para a floresta e para os filhos. O amor intenso pela mulher era palpável em cada palavra, cada expressão. O alívio quando ela ficou melhor, a alegria quando o bebê nasceu. O tom mudou tão bruscamente que elas se assustaram com o que viram.

Estão a atacar-nos. Uma povoação foi tomada pelos Flaiines depois de os tentarem expulsar, só que desta vez eles destruíram tudo! Agora mais do que nunca os Flaiines são temidos. Jonya diz-me que chegou a hora, tenho uma cabana nos bosques, ninguém consegue lá entrar sem ser eu. Levarei toda a minha família para lá, partiremos amanhã. Como puderam chegar as coisas a este ponto?

O meu filho mais velho vai casar com a neta de Flahir e nem poderei ir ao casamento. Pelo menos em Surianar estará seguro, o que me descansa. Mandou-me uma mensagem a dizer que ia esconder o espelho deles e destruir todos os outros. Ninguém sabe que são Flaiines e querem que continue assim. Não os posso censurar. Ser Flaiine está a ficar cada vez mais perigoso.

Chegámos à cabana. Que paz que se sente aqui, só se ouvem os pássaros. Um cauda-azul veio ter comigo hoje e comeu das palmas das mãos dos meus filhos. Mahia está contente por termos vindo até aqui.

Já há muito tempo que não pegava no diário. Vi que a última vez que escrevi foi quando aqui chegámos. O bebé já começou a dizer as primeiras palavras. Estamos aqui há assim tanto tempo? Os meus filhos mais velhos não estão satisfeitos... querem mais do que uma cabana nos bosques. Jonya vem de tempos a tempos e diz-me que nada mudou. Hoje pediu-me que voltasse com ele. As pessoas estão mais recetivas. As minhas irmãs estão comigo e pedem-me para não ir. Talvez vá, talvez não... É uma indecisão que não consigo chegar a um consenso lógico e plausível para os demais.

A página que se seguia no diário, mostrava uma mulher com longos cabelos e um bebé nos braços. O desenho tinha sido feito com traços muitos seguros e, depois de reparar na imagem central, viam-se outras pessoas no desenho a fazer de tudo um pouco. O rapaz que lia à sombra de uma árvore, outros dois que conversavam nos degraus da cabana, duas raparigas que penteavam os cabelos... ao longe, duas mulheres mais velhas que falavam com uma expressão muito carregada.

Graças ao cubo, viam Ioymar a desenhar a pouco e pouco o que via e sentia. Quis capturar aquela imagem no seu diário, um momento de tranquilidade perdida num recanto escondido da floresta. Guardar um momento daqueles para o que pudesse ser a eternidade.

Encontrei algo na floresta, eram os restos da moldura de um espelho. Senti que a magia é forte nele, Mahia não percebe o meu fascínio pelos restos de um espelho. No entanto, este não é um espelho qualquer, foi muito usado e depois destruído, o que indica a importância do mesmo, mas mantiveram a moldura quase intacta. A magia do espelho passou para a moldura. Fico tonto cada vez que lhe toco, por isso peguei nestes restos e fiz cubos para

proteger os meus. Mahia sabe do meu plano e recusa-se a aceitar qualquer coisa que faça.

Aslin e Layla viram Ioymar a trabalhar noite e dia, esculpindo os cubos, inclusivamente aqueles que tinham consigo. Queria dividir a magia pelos cubos e ir simplesmente como homem, e não como *Flaiine*, a Surianar falar com o Mestre. Quando tinha uma série de cubos em cima dos restos do tronco de uma árvore, abriu as mãos sobre eles. Foi como se lhe estivessem a sugar a magia de si, transportando o seu poder para os cubos.

Ioymar contorceu-se com dores no chão até ficar inconsciente. Quando despertou, já dentro da cabana, sentia-se diferente. Não tinha magia, sorriu como não sorria há muito tempo.

Pediu a Jonya que transfigurasse os cubos em anéis. Algo confundiu Aslin naquela imagem, mas não conseguiu perceber o quê. As imagens seguintes eram de Ioymar a pegar nos anéis e a colocá-los num fio forte e entregando-os a Mahia.

Usei a minha magia para criar uma barreira de proteção para os meus. Não serão identificados como Flaiines, é vergonhoso termos de esconder quem somos, mas só assim vamos conseguir sobreviver. Terei de viajar pela floresta como um homem comum, não posso viajar pelos espelhos. Parto amanhã para aquela que será a mais longa viagem da minha vida.

O diário tinha alguns desenhos obviamente feitos pela mão de uma criança e depois umas páginas em branco. Aslin e Layla pararam a leitura e fitaram-se durante breves minutos.

Por isso é que quem ficasse com os cubos via o seu poder aumentar. Neles estava a magia de Ioymar, o legado que queria deixar aos filhos. Quis enfrentar todos como um homem comum.

— Ioymar deve ter sofrido, escondido na floresta, numa cabana perdida algures...

— Aslin, ele era muito devoto à família. Eles estavam em segurança, nada mais importava.

— Temos de encontrar os cubos...

— Aslin, já te disse que...

— ... E libertar a magia de Ioymar. O seu espírito, vive neles e não está em paz.

Olhavam em silêncio uma para a outra.

— Aslin, viste que usou um dos cubos para passar a magia para os outros. Esse deve ter o poder de absorver a magia.

— Eu vi. E reparei noutra coisa bastante peculiar. Ioymar possuía o mesmo dom que o neto, conseguia ter pequenas visões do futuro. Por isso tomou as decisões que tomou. Mas nem no diário se atreveu a colocar isso. Creio que para o bem de todos ou por medo das consequências.

— Nem escreveu que passou a magia dele para os cubos. Nós é que vimos isso porque ele assim o quis.

— Não entendo...

— Aslin, ele só escreveu que criou uma barreira de proteção. Não escreveu o que fez depois de construir os cubos. Vê.

— Tens razão — anuiu Aslin depois de um breve momento de silêncio enquanto lia o livro.

— Layla... tinhas-me dito que o meu anel me pertencia por direito. Não entendo.

— Era do teu pai. Claiher limitou-se a guardá-lo.

— Do meu pai? Como assim?

Layla acenou afirmativamente.

— O que lhes aconteceu? Tu sabes...

Layla acenou mais uma vez.

— O Mestre pediu à tua mãe para ir numa missão. Ele sabia que ela era *Flaiine* e pediu-lhe para procurar algo no nevoeiro. O teu pai não a deixou ir sozinha, por isso foram os dois gravemente feridos e levados para o Vale das Curandeiras. Claiher estava lá numa das suas raras visitas. Julgo que foi o teu pai que lhe pediu que guardasse o anel e to desse quando tivesses idade, o que ele não sabia é que Claiher conseguia ver a magia daquele anel. Eles faleceram pouco tempo depois.

— Então não desapareceram — sem saber porquê, sentia-se mais aliviada por saber que eles não a tinham abandonado. Mas a raiva é um sentimento demasiado forte e sobrepôs-se ao alívio. — O Mestre!?! Foi ele quem matou os meus pais!?! Só porque eram *Flaiines*!?

— Aslin, só te contei isto porque não quero ter segredos para ti. Especialmente nesta fase. Não me resta muito tempo...

Aslin conteve-se. Dizer adeus a Layla seria uma das coisas mais difíceis que teria de fazer... e ela agora dizia-lhe que já não faltava muito. Compadeceu-se enquanto ela bebia mais uma caneca daquela mistela desagradável.

— Sabe melhor do que parece e alivia-me imenso as dores. Já não posso passar os meus dias sem ele.

— Queria tanto poder ajudar-te.

— Oh, não lamentos a minha morte, celebra a minha vida e o que te ensinei, peço-te. Partirei mais descansada se assim for.

Aslin sentiu a garganta fechar-se e reteve as lágrimas a muito custo. Não era tempo para isso.

— Bom, vamos tentar perceber para que serve o teu cubo, Aslin?

Fizeram experiências o dia todo, mas não chegaram a lado nenhum. Estavam esgotadas quando Claiher chegou. Encontrou-as esticadas no chão a rir de um disparate qualquer. No meio de tanta tensão e pressão era reconfortante saber que, nem que fosse por uns breves momentos, elas tinham podido ser crianças.

— Hum, hum! — Claiher chamou a atenção para si próprio ao clarear a garganta, o que provocou uma nova onda de risos.

— Claiher, tenho de ir. Hoje a minha tia nem me falou de manhã e isso

não costuma ser bom sinal.

— Claro. Depois de amanhã daremos um passeio. Já falei com a tua tia que não se opôs.

— Definitivamente não é bom sinal... deixar-me ir dar um passeio no dia antes das cerimónias?

Aslin despediu-se e correu até casa, sentindo que não iria naquele passeio com eles tão cedo.



Capítulo XII

Aslin sabia que não iria naquele passeio. Dois dos pequenos tinham ficado doentes e ela tinha ficado em casa para tomar conta deles. Enquanto segurava o que parecia ser uma fonte interminável de vômito e não uma criança, interrogava-se pela milésima vez porque Claiher tinha ficado tão chateado.

Como ela não tinha aparecido, Claiher foi até sua casa, sendo recebido pela tia que estava a sair para Casa do Mestre. Tinha de ajudar nos preparativos e por isso não podia ficar em casa. Lamentava muito, mas o passeio de Aslin teria de ser adiado pelo menos três dias.

A reação de Claiher foi totalmente inesperada.

— Isso é inaceitável, temos de ir hoje!

— Claiher, já te disse que é impossível, as crianças não podem ficar sozinhas.

— Ora, como se não tivessem ficado antes. E a tua presença é assim tão importante na preparação das cerimónias?

— CLAIHER! — Aslin sentiu-se obrigada a interferir. Os pequenos estavam mesmo mal e a tia tinha de ir, não havia outra solução. Como a tia parecia ter ficado momentaneamente muda com o choque, Aslin continuou. — Lamento, mas não posso ir. Diz a Layla que lamento.

Aslin pensava que o que o estava a incomodar era a deterioração do estado de Layla. Tinham treinado no dia anterior a barreira de proteção e outras pequenas coisas, como fazer fogo com as mãos, e o desgaste de Layla tinha sido notório. Ela tinha-se limitado a dar algumas instruções e a beber chá. Será que pedir três dias era muito?

— Layla? Oh, Layla não pode ir, estava um pouco indisposta hoje.

— Mais uma razão para esperarmos — Aslin estava espantada e a tia parecia uma estátua. Claiher resmungou qualquer coisa entre dentes, enquanto dava meia-volta e voltava para sua casa.

Entretanto a tia voltava lentamente à sua postura.

— Aslin, tiveste a atitude correta. Não o esperava. Terei uma palavrinha com Claiher mais tarde, não admito esta gritaria na minha porta.

— Ele estava preocupado com qualquer coisa... esta atitude não é de todo normal.

— Hum... pois, seja como for. Até logo.

Saiu porta fora com uma expressão muito bem conhecida por Aslin. Antes da primeira refeição, já Surianar inteira saberia da explosão de Claiher à porta da tia. Nunca o tinha visto assim. Recordando tudo o que se passou, apercebeu-se de que Claiher tinha um olhar perdido, como se não estivesse ali. Parecia que não irem naquele passeio lhe tinha drenado a sanidade e algo o estava a afetar.

Tomar conta das crianças era exaustivo e Aslin não teve muito mais tempo para se debruçar sobre a atitude de Claiher. Quando as crianças finalmente se acalmaram e adormeceram, já o sol ia alto, mas logo depois bateram novamente à porta.

— Layla! Entra — parecia tão frágil ali à porta.

— Obrigada — fez uma pequena vénia e moveu-se com grande dificuldade para dentro de casa.

— Queres um chá? Um pedaço de pão? Fruta?

Layla levantou a mão para a interromper. Ver as mãos dela foi um choque. Estavam pele e osso, nodosas como se tivessem cem anos.

— Não vim aqui para comer, Aslin — sorria enquanto falava. — Sei que o meu aspeto não é grande coisa, mas já não consigo criar uma ilusão.

Fitaram-se as duas, olhos nos olhos. Não havia necessidade de dizer mais nada.

— Estava... a colher umas bagas quando ouvi o que se tinha passado com Claiher hoje de manhã.

— Layla, lamento, a minha tia vive para falar da vida dos outros, eu...

— Não tens de pedir desculpa — Layla parecia impaciente. — Claiher mentiu-me e por isso é que estou aqui.

— Não entendo...

— Claiher tinha-me dito que era melhor ficar em casa hoje e que faria o passeio contigo. Como eu me recusei, mais tarde disse-me que iria trabalhar para Casa do Mestre e que tu tinhas outros afazeres. Por isso é que fiquei surpreendida quando soube que te tinha vindo buscar hoje de manhã...

— Pensei que estavas indisposta... foi o que Claiher nos disse...

— Aslin, esse é quase o meu estado permanente atualmente.

— Não reconheço Claiher...

— Ele tem andado estranho ultimamente. E há uns dias, vi-o a falar com alguém que depois entrou no nevoeiro. Devia ser um *Flaine* porque não

consegui ouvir nada do que diziam.

Parecia que uma eternidade tinha passado desde que Aslin tinha presenciado o mesmo. O pouco que sabia da vida na floresta e a sede de aprender, tinha-a mantido em silêncio nesse dia. Só agora se interrogava sobre o preço dessa decisão.

— Achas que ele começou a apoiar...

— Não! Isso jamais!

— Não percebo porque me estás a contar isto...

— Estás em perigo. Salimn queria que ficasses no vale porque senti algo em ti. Graças ao anel, não percebeu que a tua magia era forte. Salimn apoia o líder dos que querem dominar a floresta, *Kumorian*. Apoia-o por um motivo apenas, é só um rumor, mas agora penso que possa ser mesmo verdade.

— Qual o motivo do apoio de Salimn?

— Ele possui um dos cubos. É capaz de curar qualquer doença com ele. Salimn quer o cubo.

— Saímos do vale em segurança. Achas que Salimn virá atrás de mim?

— Não, mas o pior é que não será grande ajuda quando chegar a altura. Os motivos dela são louváveis, quer conseguir curar todos, o caminho que escolheu é, contudo, condenável. Passa informações a *Kumorian*.

— Qual altura? Não te estou a entender, Layla.

— Aslin... não sei como te dizer isto porque me parte o coração. Tenta compreender o meu tio e o que o motiva.

Não percebia onde Layla queria chegar e estava a ficar confusa. Altura? Altura de quê?

— Acredito que Claiher fez um acordo com *Kumorian*.

— Que tipo de acordo?

— A minha vida pela tua.

— O quê!?

Layla deixou que Aslin absorvesse a magnitude do que acabara de dizer.

— Não é possível, Layla. Claiher sempre me ajudou, sinto-me mais em casa quando estou com ele do que aqui. Ele não faria isso, não podes acreditar... tem de ser mentira!

— Como explicas o que se tem passado? Ontem ele dizia-me que um dia olharíamos para trás e que tudo isto iria parecer um sonho distante. Dizia-me que devíamos abraçar a mudança e o poder dos *Flaiines*. Ele desconhece que eu sei os movimentos de Salimn.

— Não acredito. Vamos falar com ele.

— Não, por favor! Não quero que aceites ir neste... «passeio» com ele — mexeu no saco que trazia consigo com alguma dificuldade.

— Fica com o livro e com o anel. Usei as forças que me restavam para transfigurar o cubo. Não deixes que Claiher se aproxime dele até eu morrer. Fala com Claiher depois, ainda tenho alguma esperança nele. Neste momento, está demasiado consumido pela dor e a possibilidade de me ver curada, para

ele foi como água para quem tem sede. Deturpou-lhe o discernimento e o seu lema.

Layla estava exausta depois deste discurso.

— Claiher... Layla, eu não posso e nem quero acreditar. O que achas que iria acontecer no passeio?

— Honestamente não sei, mas sinto que é melhor não ires.

Layla olhava pela janela e Aslin fitava as mãos. Quando falou, assustou ambas.

— Achas que o meu cubo também te pode curar?

Não a olhou nos olhos quando respondeu, continuou a olhar pela janela. Aslin também. A resposta podia ser mais dolorosa do que esperava e não conseguia olhar para Layla naquele momento.

— Cada cubo tem um poder diferente.

— Sabes o poder de todos os cubos?

— Não. Nem sei quantos são. Julgo que sete pela carta do neto de Ioymar, mas podem ser menos ou mais.

— Se forem sete, sabemos onde estão dois e que... e que Kumorian tem outro. Então onde estão os outros três?

— Queres dizer quatro.

Aslin distraiu-se e contou com o anel de Sunuywt. Mas não iria sobrecarregar Layla com esse pormenor.

— Sim, claro.

— Kumorian tem dois cubos. O cubo de que falámos foi roubado à irmã de Ioymar pouco antes de falecer. Ninguém conhecia o seu poder na altura, era só um anel... esteve desaparecido até voltar a aparecer nas mãos de Kumorian.

— Como sabes tudo o que me contaste?

Layla hesitou antes de responder.

— Eu... procurei todas as formas possíveis de me curar enquanto estive no vale. Quando li o livro, foi para procurar algo na magia que me ajudasse, mostrou-me o cubo nas mãos de Kumorian. Foi há uns anos. Fiquei entusiasmada. Falei com Claiher. Entretanto habituei-me à vida no vale e rendi-me à minha condição. Fui muito feliz lá.

— Achas que o cubo te pode ajudar?

— Acho... que já é tarde para isso. Aslin... — colocou-lhe a mão por cima das suas — Kumorian quer atacar Surianar, mas precisa de ti, não sei porquê. Foge. Durante as cerimónias quando ninguém der pela tua falta. Serão dois dias de festejos e outro para descansar. Terás um bom avanço para te esconderes.

— Vou para onde? Claiher...

— ... Não deve saber nada da nossa conversa. O chá tem-me mantido quase dormente, por isso não liguei muito ao que se passava. Hoje não o bebi. Outra coisa, vais ficar linda no vestido.

— Que vestido? Layla...

— Tens visitas — Layla virou a cabeça rapidamente —, tenho de ir.

Levantou-se com grande dificuldade, as dores deviam ser avassaladoras. Aslin passou-lhe as mãos à frente e deu-lhe um ar vigoroso. Pelo menos enquanto andasse na rua parecia uma criança absolutamente saudável.

Layla sorriu-lhe com uma lágrima no canto do olho. Não deveria ter sido fácil ir até ali e dizer-lhe tudo aquilo. Abraçaram-se e Layla saiu pelas traseiras, desaparecendo rapidamente na floresta.

Mal teve tempo de esconder o livro no saco, que Layla tinha deixado, e pendurar o anel ao pescoço quando entraram em casa. Era Lunza.

— Aslin! Bati à porta, não ouviste?

— Sim, mas... estava lá em cima.

— A tua tia contou à minha mãe e ela contou-me a mim que Claiher veio cá de manhã e que...

— Lunza, preferia não falar sobre isso. Acho que apanhei o que os miúdos tinham, estou cansada e maldisposta.

— Oh! Espero que amanhã já estejas bem. A tempo das cerimónias.

— Também o espero.

— Ah! Já me esquecia. Tenho uma mensagem para ti.

Entregou-lhe um embrulho grande com um pequeno cartão. *Para usares amanhã. Layla.* Abriu lentamente o embrulho sob o olhar curioso de Lunza. Era um vestido lindíssimo, com vários tons de verde, num tecido suave. Embrulhada num pano preto estava uma corrente de metal forte.

— Que lindo, Aslin!

— Quem te deu o embrulho?

— A sobrinha de Claiher, hoje de manhã, antes de eu ir para os campos. Vim assim que cheguei. Eu tentei falar com ela sobre o que tinha acontecido bem cedo de manhã, mas ela não deu muita importância.

Foi assim que ela ficou a saber, pensava Aslin enquanto revirava o vestido.

— Obrigada, Lunza. Tenho alguns afazeres e não me estou a sentir nada bem, podemos falar depois?

Despediu-se rapidamente de Lunza, que parecia insatisfeita e que queria conversar mais um pouco. Aslin desculpou-se novamente com a quantidade de coisas que tinha de fazer e expulsou-a, delicadamente, de casa.

Levou o embrulho e o saco para o seu quarto. Experimentou o vestido e deu uma volta pelo quarto. O vestido era perfeito. Ainda de vestido, sentou-se no chão e tirou o livro para fora do saco. Quando o fez, reparou numa caixa de madeira do tamanho do livro e tirou-a também. Era a caixa de Layla, onde guardava as poções, pomadas e ervas. Tinha tudo identificado e as suas utilizações. Estava cheia de boiões e gavetas, e espaços escondidos com ervas e papelinhos com notas. Dentro da caixa só uma nota: *Para quando precisares.*

Layla tinha-lhe dado tudo o que possuía. As lágrimas corriam-lhe livremente pelo rosto sem que ela as pudesse impedir. Com um ar decidido,

limpou as lágrimas com as costas da mão e colocou junto do livro e da caixa os seus poucos pertences: uma muda de roupa, alguma comida e uma adaga que a tia mantinha escondida no quarto. Ainda não tinha decidido se seria nessa noite ou na noite a seguir, mas deixaria Surianar o quanto antes. Para onde...? Nem ela sabia.

Vestiu as suas roupas mesmo a tempo da chegada da tia. Fingiu que também estava a ficar doente e pediu licença para ir mais cedo para o quarto. A tia não ficou muito satisfeita, queria contar o dia que tinha passado em Casa do Mestre a alguém. Noutra ocasião, a insistência de Aslin em ir para o quarto levaria a uma troca infeliz de palavras com a tia, mas esta ainda tinha bem presente o que se tinha passado de manhã e então não insistiu com Aslin.

Teria de esperar até estarem todos a dormir, mas queria ler mais um pouco do livro. A irmã de Ioymar podia ter descoberto alguma coisa sobre os cubos, a quem o seu sobrinho-neto os tinha dado, por exemplo.

No silêncio da casa há muito adormecida, Aslin abriu o livro e transfigurou o anel de Layla em cubo. Assim que colocou a mão sobre o cubo, foi transportada de novo para junto da cabana de Ioymar. Mesmo despojado da sua magia, ainda possuía uma aura capaz de atrair multidões.

No entanto, Aslin sentiu um murro no estômago, desta vez, estava a ver uma mulher a escrever no diário.

Onde estás Ioymar? Já se passaram tantas luas desde que viajaste para Surianar. Jonya veio para junto de nós, chegou hoje. Quando nos disse que não tinhas chegado a Surianar, foi como se uma parte de Mahia morresse. Ainda não ouvi a sua voz desde esse momento.

A irmã dele falava para o diário como se falasse para ele. Por isso é que o começou a escrever. Que teria acontecido a Ioymar? As imagens que viu de seguida, seguiam as palavras da mulher, que recordava momentos da infância dos três. O tom mudou de forma abrupta.

Perdoa-me, meu irmão. Não posso culpar ninguém senão a mim. Um desconhecido apareceu ontem na nossa porta, era Flaiine. Implorou que o deixássemos ficar só uma noite, estava a fugir de Urame. Sabemos há muito que em Urame o movimento contra os Flaiines é forte. Mahia objetou, mas Jonya e eu estávamos sedentos de notícias, convidámo-lo a cear connosco e que depois podia ficar no abrigo dos cavalos.

Ele falou connosco sobre os Flaiines que fugiam e se tinham espalhado pela floresta. Ele procurava alguém (não nos deu muitos detalhes) e acabou perdido. Como forma de agradecimento, ele distribuiu uns doces tradicionais de Urame. Tinha-os guardado para uma ocasião especial. Ele próprio comeu um. Todos adoraram. Jonya e Mahia também tiraram um. Eu guardei o meu para mais tarde.

Saí pouco depois para apanhar umas ervas, tinha avistado nesse dia um pequeno molho de Homanas não longe daqui. Se tivesse chegado mais cedo... talvez, talvez as coisas tivessem sido diferentes.

Quando cheguei, já a noite ia longa, Mahia gritava com o sofrimento de

ver morrer os filhos. Jonya e o viajante também estavam no chão e respiravam com dificuldade. Foram todos envenenados. Tinha chegado tarde demais, tarde demais...

Antes de morrer, o viajante disse-me que os doces tinham sido uma oferta de um Flaiine amigo dele para a viagem. Nunca pensou que estivessem envenenados. A última palavra que disse antes de partir para outro mundo foi: «Porquê?»

Mahia não tinha comido o doce e sobreviveu. Jonya e o teu filho mais novo ainda se aguentaram durante a noite, mas só a criança sobreviveu. Jonya deu o seu último suspiro com os primeiros raios de sol.

Aslin lembrou-se da imagem, do desenho que Ioymar tinha feito quando escreveu no diário, Mahia com um bebé ao colo e todos os outros... tinham desaparecido sem aviso...

Seguimos os costumes dos Flaiines e queimámos todos para que a magia regressasse à floresta. Mahia aguenta-se somente pela criança. Colocou-lhe um colar com um anel ao pescoço para o proteger. Mahia teme pela vida da criança. Como não é Flaiine, pensa que estará mais seguro com o teu filho mais velho em Surianar. Falhei na proteção dos outros. Farei o possível para proteger Mahia e Menai.

Aslin chorava copiosamente. Agora percebia porque Ioymar só tinha tido dois netos com tantos filhos. A dor de Mahia... A maldade não conhecia limites. Fechou o livro, era incapaz de continuar a ler naquela noite e além disso tinha de dormir. Ia ser um longo dia.



Capítulo XIII

As *cerimónias* de Surianar. As festividades faziam com que ninguém fosse para os campos naquele dia, havia uma agitação fora do normal na rua e todos pareciam correr de um sítio para o outro sem saberem o que fazer. Era uma altura de grande orgulho para ela e para a tia, Rair iria celebrar as *cerimónias* juntamente com o Mestre.

Em frente da Casa do Mestre, estavam mesas cobertas com várias iguarias e das janelas da casa pendiam mantos lindíssimos. Aslin olhou para eles e pensou no trabalho que Claiher tinha tido. Não, hoje não iria pensar em Claiher. Não depois de tudo o que tinha acontecido.

Depois de ajudar a tia a levar a oferenda que Salimn tinha enviado para o Mestre, Aslin voltou a casa e vestiu o vestido que Layla lhe tinha oferecido. Fez uma trança, para tentar segurar o cabelo rebelde, colocou os anéis na corrente e escondeu-os sob o vestido, junto ao seu peito. A corrente passava despercebida. Colocou um manto quente dentro da bolsa de viagem, que tinha preparado. Estava muito mais quente durante o dia, mas as noites eram bastante agressivas.

Claiher tinha enviado uma mensagem, por um dos rapazes do Mestre, a dizer que a vinha buscar com o cair da noite. Aslin mandara uma mensagem de volta a dizer que isso não seria possível. Seguiria o conselho de Layla. Só queria falar com Rair antes de partir. Acabou de arranjar as coisas e saiu em direção à Casa do Mestre.

Aslin tinha sempre passado despercebida. Ou pelo menos assim o pensava. Era uma simples rapariga como as outras. No entanto, prestes a fazer dezasseis anos e com o vestido a acentuar que já não era uma criança, suscitou comentários por parte de todos os que a viam passar. Quando a comparavam

com a mãe, o seu peito inchava de satisfação e levantava a cabeça bem alto com orgulho. Sempre lhe tinham dito que a mãe era a jovem mais bonita de Surianar. Tinha vontade de rodar sobre si mesma pela imensa felicidade que sentia. Disparate, claro, já não era nenhuma bebé.

— Aslin! — Layla sorria para ela. Usava um vestido azul que disfarçava a magreza extrema.

— Layla, estás linda.

— Tu estás muito bonita. Tinha esse vestido guardado. Era da minha mãe. Fiz uns pequenos ajustes para ti, que bom que te assentou tão bem.

— Layla, não era preciso, eu...

— Por favor. É uma alegria que me dás. O Mestre chamou-me, queres acompanhar-me?

— Sim, claro — apressou-se a ir com ela. Tinha visto a tia a olhar-lhe boquiaberta do outro lado da rua e a começar a avançar que nem um furacão na sua direção. O que quer que viesse dali... não devia ser nada de bom.

Era a primeira vez que entrava na Casa Grande, a Casa do Mestre. Todos os que lá estavam, mexiam-se com uma calma desconfortante face à expectativa no exterior. Layla falou com um jovem que ali estava e foram conduzidas a uma sala virada para a parte da frente da casa.

— Layla, como estás? E... Aslin?

— Mestre — saudaram-no com uma pequena vénia.

— Lamento ainda não ter falado contigo. Chegaste muito perto das cerimónias — Layla acenou como se não tivesse importância. — Tinha um grande respeito pelo teu pai.

Ficaram em silêncio durante algum tempo.

— Como está Salimn? E o vale?

— Bem. Temos tido bastante trabalho, mas nada com o qual não consigamos lidar.

— Hum, bom, bom.

Trocaram algumas impressões sobre o vale, enquanto Aslin sabia que tudo aquilo não passava de uma grande farsa. O Mestre aparentava interesse genuíno decorrente de um afastamento do vale, mas na verdade ia lá com alguma frequência. Layla fingia ignorar esse facto e falava para ele como se o vale fosse um mistério total para o Mestre.

— Voltarás para lá depois das cerimónias?

Aslin parou a caneca de chá a meio caminho da boca. Seria possível que ele não soubesse?

— Não. Ficarei com o meu tio — Layla hesitou antes de continuar. — Não me resta muito tempo e prefiro ficar em Surianar.

— Não te... lamento, não sabia — o embaraço era genuíno.

Aslin interrompeu deliberadamente o silêncio que se tinha instalado.

— Mestre, seria possível... Rair é meu irmão e precisava de falar com ele antes das cerimónias. Há muito que não o vejo e seria muito importante para mim.

— Ficáramos imensamente agradecidas — Layla intercedeu a favor de Aslin em resposta ao silêncio do Mestre.

Passado uns segundos, sorriu e fez sinal ao jovem que estava na porta e sussurrou-lhe qualquer coisa que não conseguiram ouvir.

— Tenho de me retirar. Tenho algo delicado para enviar a Salimn e pensei pedir-te que o levasse, mas como ficas em Surianar, pedirei a um mensageiro que vá até lá. Desejas enviar alguma mensagem ou algo mais?

— Não — Layla abanava a cabeça mantendo um sorriso. — Não é necessário, agradeço.

— Layla, Aslin — o Mestre fez uma pequena vénia e retirou-se.

Enquanto esperavam por Rair, Aslin tentou falar com Layla, mas calou-se assim que esta colocou um dedo em frente aos lábios e olhou discretamente para a porta.

— Que dia lindo, não achas, Aslin?

— De facto.

Esperaram o que pareceu uma eternidade. Quando Rair assomou à porta, Aslin teve de se conter para não correr na direção do irmão.

— Irmãzinha, mas que ótima surpresa!

Ouviu a porta a fechar-se e viu que Sunuywt estava atrás do irmão. Ambos usavam um manto que ocultava a sua figura e tinham cortado o cabelo curto. Não tinham um ar tão temível como da última vez que os vira.

Sunuywt susteve a respiração enquanto olhava para ela. Rair pigarreou e olhava para Layla.

— Oh, desculpa. Esta é Layla, a sobrinha de Claiher. Layla, o meu irmão. E... Sunuywt.

Layla não tirava os olhos de Sunuywt. Trocou disfarçadamente um olhar com Aslin.

— Rair, é um prazer — Rair devolveu o cumprimento.

— Querias falar comigo, Aslin?

— Eu... sim, preciso de falar contigo.

— Layla, porque não me acompanhas até à sala do lado? Quero mostrar-te a tapeçaria que Claiher acabou ontem — Sunuywt levou Layla consigo e Aslin concentrou-se em fazer uma barreira de proteção. Apenas o irmão ouviria as suas palavras.

— Rair, vou sair de Surianar.

— Vais sair... como assim? Mas vais para onde, vais regressar ao vale?

— Não sei para onde vou — respondia-lhe com toda a honestidade possível.

— Aslin, que se passa? Uma decisão destas nem parece tua.

— Estou em perigo aqui. Pensei que querias que saísse de Surianar.

— Para junto das curandeiras! Não para deambular sem destino.

— Sabes o que sou. O nevoeiro não representa perigo para mim. Estarei mais segura lá do que aqui.

— Por favor, diz-me o que se passa. Sinto o teu medo, não é normal em

ti...

— Não posso — o irmão iria julgar Claiher e fazer mais mal do que bem. Não admitia nem para si, mas ainda o respeitava e queria protegê-lo, independentemente de tudo.

— Quando vais?

— Hoje. Vou aproveitar a euforia das cerimónias e vou sair discretamente.

Rair levantou-se de rompante e começou a deambular pela sala.

— Assumi um compromisso perante o Mestre, mas não te posso deixar ir indefesa.

— Não estou exatamente indefesa...

Rair olhou para ela como se não se dignasse a dar-lhe uma resposta, o que só a enfureceu. Sim, ia fazer dezasseis anos, mas continuava a mesma Aslin de sempre.

— Alguma vez precisei que me protegesses fosse lá do que fosse? Francamente, parece que não confias em mim. Não tenho outra opção e tu olhas para mim de forma condescendente como se ainda fosse uma bebé. Sou bem capaz...

— Peço desculpa... — Sunuywt tossicava levemente para anunciar o seu regresso à sala.

— Terminamos esta conversa mais tarde.

— Já te disse o que tinha a dizer, Rair.

— Aslin, vamos? — Layla desconfiava que sabia o que se passava, mas não se sentia à vontade com Sunuywt. Contudo, foi Rair quem falou.

— Sunuywt, a minha irmã deseja sair de Surianar.

— Para o Vale das Curandeiras?

— Não.

Sunuywt ergueu as sobrancelhas, mas nada disse. Ele e Layla viraram a cabeça ao mesmo tempo e levaram um dedo aos lábios.

— Ainda bem que isso ficou esclarecido — Sunuywt apontou discretamente para a porta fechada. — Rair, temos de nos preparar. Foi um prazer ver-vos — com uma vénia, apressou-se a sair da sala levando Rair atrás de si. Antes de este desaparecer, fez um sinal a Aslin indicando que a conversa estava longe de estar terminada.

— Aslin, controla-te — Layla sussurrou-lhe e apontou para o cabelo da rapariga. Tinha as pontas em chamas e os seus olhos estavam avermelhados. Sacudiu a cabeça rapidamente e recompôs-se antes de sair da sala.

Assim que ficaram a uma distância segura da Casa Grande, caminharam até à sombra de uma árvore para falar.

— Sunuywt é muito parecido com a imagem de Ioymar que vimos... — trocaram olhares significativos.

— O meu irmão parece confiar nele.

Não conseguiram falar mais, pois foram arrastadas por uma onda de mulheres carregadas que lhes pediram ajuda. Estava tudo a postos para as

cerimónias. As mesas cheias, os copos também, as pessoas aguardavam impacientemente pelo Mestre em frente à Casa Grande.

O Mestre apareceu seguido pelos rapazes que iriam tomar o seu lugar junto dele nesse ano. Fez um discurso sobre a maravilha que era estar em Surianar e o orgulho que tinha daquele lugar.

— Aqui temos tudo. Família, comida, saúde... Surianar é próspera e as suas pessoas são fortes. Não é possível atravessar o território em menos de quatro, cinco dias, mesmo num cavalo veloz. Aqui temos de tudo. Este ano celebramos uma vez mais a mudança fértil das estações e as boas colheitas. Comemoramos, ainda, o aumento do nosso grupo de estudiosos. Será um deles Rair, que dirá as preces para estações iguais ou melhores no próximo ano.

Enquanto aplaudiam, interiorizavam as palavras do Mestre como se não existisse nada mais para além disso, Rair tomou o seu lugar ao centro. Abrindo as mãos, começou a dizer as preces e deu início às cerimónias.

Aslin reparou que nem todos os rapazes pareciam satisfeitos em ali estar. Um deles não repetia as palavras de Rair e dirigia olhares furiosos para todos. Franziu o rosto quando viu que Aslin o mirava com atenção. A atitude dele também não passou despercebida ao Mestre, que murmurou algo a Sunuywt. O rapaz foi discretamente retirado da vista das pessoas. Momentos depois, Sunuywt voltou a aparecer, desta vez sozinho.

Quando Rair acabou de falar, já o sol começava a escassear. A um sinal do Mestre, começou a música. Todos apreciavam este momento. Durante o resto do ano, com o trabalho que havia para fazer, não havia tempo para grandes festejos e a música era rara. Nessa noite, a música continuaria pela noite fora.

Nem todos estavam a divertir-se. Aslin viu que o Mestre mandou vários homens espalharem-se estrategicamente por ali. Vigiam o nevoeiro de forma subtil, tão subtil que só era perceptível para aqueles que sabiam de antemão o que estavam a fazer. Para um olhar destreinado, estavam a divertir-se tanto quanto os outros.

Aslin servia-se de fruta quando se viu entre Sunuywt e Rair e delicadamente foi dirigida para um canto sossegado. Rair franzia o sobrolho e Sunuywt parecia estar à procura de qualquer coisa. Ambos comiam com alguma descontração e quando começaram a falar com Aslin, parecia que estavam os três a ter uma conversa animada. Na realidade, tanto Rair como Sunuywt tentavam convencê-la a ir para o Vale das Curandeiras.

— É mais seguro e terás a oportunidade de aprender muito mais...

— Rair, tomei a minha decisão. Além disso, acho que os lugares verdadeiramente seguros estão a desaparecer...

— Aslin... — Sunuywt parecia indeciso em falar. — Quando chegarem a Surianar, e acredita que, apesar de toda a proteção, vão chegar, tu estarás em perigo. Mais do que qualquer outra pessoa. Será fácil seguir o teu rasto se não estiveres num lugar seguro... devias ir para o Vale das Curandeiras.

— Sabem de algo que eu não saiba? — Rair olhava de um para o outro como se lhe estivesse a escapar algo. Aslin ignorou-o e continuou a falar.

— Não vou para o vale. Sabes tão bem como eu que eles têm facilidade em chegar lá. Se quiserem algo de mim vão ignorar as regras do vale muito facilmente.

Sunuywt estava prestes a falar quando Claiher apareceu. Aslin recuou instintivamente perante o olhar febril com que ele a atravessava.

— Aslin, tenho tido alguma dificuldade em falar contigo. Gostava que viesses comigo, há algo que te quero mostrar — sorria, mas o sorriso não ia além dos lábios, os olhos eram os de alguém atormentado.

— Lamento, não posso. Talvez possamos falar depois das cerimónias...

— Aslin, não confias em mim? Depois de tudo o que te ensinei, do apoio que te dei, duvidas de mim?

— Claiher, eu...

— Claiher, não sei o que passa — Rair interrompeu colocando-se subtilmente entre os dois —, mas a minha irmã não pode ir contigo. Há alguma urgência, algum problema que precise de atenção imediata?

Claiher fitava Aslin com intensidade, mas não respondeu. Quando falou, foi num sussurro que ouviram com bastante dificuldade.

— É tarde demais...

Ficaram a olhar para Claiher até este desaparecer de vista. Parecia carregar Surianar inteira nos ombros.

Continuaram os três a falar, umas vezes a convencer Aslin a partir, outras a ficar, no geral, a falar de coisas triviais. Aslin estava muito nervosa com as palavras de Claiher, não sabia o que este iria fazer e temia tanto por ele como por Layla. Só se permitiu sorrir quando viu Layla a dançar junto a uma grande fogueira com um dos rapazes, que a fazia rodopiar como se ela fosse uma pluma nos seus braços.

Estavam a dançar ao som da música, uma música que contava a história de dois jovens apaixonados que só se viam em sonhos. Quando finalmente se encontraram, já eram muito velhos. Mas encontraram-se e por mais breve que tivesse sido o tempo que passaram juntos, viveram-no em pleno. Era uma música de esperança, amor, sofrimento e felicidade, Aslin deu por si a dançar como os outros.

A noite estava amena e todos pareciam em paz. Por um momento, por um breve momento, Aslin permitiu-se esquecer o que era, os perigos de um futuro incerto e de um presente imediato. Naquele instante, era simplesmente Aslin e divertiu-se, absorvendo cada preciosa imagem, palavra e riso.

Foi tudo tão rápido que ninguém conseguiu explicar como começou.

Tinha começado a ouvir-se um restolhar. Muito leve, como se alguém passasse por eles sem que os vissem. No início, ninguém deu importância a estes sons. Mesmo quando se ouviu um grito, a reação não foi imediata. Até Sunuywt e Rair estavam embrenhados numa discussão qualquer e não reagiram tão prontamente como deveriam.

Estavam rodeados. Para onde quer que olhassem só viam encapuçados. Estavam completamente estáticos e não mexiam um único músculo. Sem denunciarem qualquer movimento, uma linha de fogo começou a estender-se em volta deles. O Mestre gritava ordens, as pessoas corriam assustadas, perseguidas pela linha de fogo e Claiher não se via em lado nenhum.

Layla chegou junto a Aslin com dificuldade em respirar.

— Cria uma barreira de proteção, Aslin — sem forças deixou-se cair no chão.

Aslin abriu os braços e concentrou-se em bloquear o fogo. Primeiro à sua volta e depois em volta da clareira. Sunuywt estava a seu lado e sem dizer nada, olhou em frente. Os seus olhos ficaram escuros. Ele estava a ajudá-la na barreira.

O olhar de Aslin distraiu-se quando reconheceu, no meio da confusão, a voz de Rair. Estava a lutar com um dos encapuçados, mas era uma luta desigual. O encapuçado não precisava de se mexer sequer com muita velocidade para evitar os golpes do irmão. Viu que Rair murmurava algumas palavras e que a espada parecia responder às suas ordens. Cortou o manto que cobria o encapuçado.

Antes de conseguir ver a cara do encapuçado, sentiu a própria cara a arder. Tinha bastado aquela distração para uma das chamas trespassar a barreira como se fosse uma espada. Sunuywt olhou para os troncos que ardiam na fogueira; enquanto virava a cabeça os troncos foram simplesmente projetados em bloco contra aqueles que os atacavam.

Rair foi projetado com bastante violência para junto deles. Respirava com dificuldade, mas levantou-se e, com um grito de revolta, correu atrás do *Flaiine* a quem tinha despojado do manto e que corria na direção do nevoeiro. O *Flaiine* não passava de uma criança, com a cara pálida e olhos negros que não pestanejavam.

Viu uma série de homens do Mestre a lutarem com os encapuçados e que começavam a correr na direção do nevoeiro sem darem conta. Sunuywt continuava a projetar os objetos pelo ar, concentrado e calmo. Aslin criou uma ilusão, uma luz forte que cegou todos e que permitiu a alguns fugirem. Os *Flaiines* fizeram o chão estremecer e as árvores caírem. A população de Surianar fugia das árvores, apenas para serem engolidos pelo chão que se abria em grandes faixas escuras. Perante o olhar horrorizado de Layla, os buracos fechavam-se e as pessoas ficavam perdidas para sempre. Layla caiu inconsciente.

As árvores pareciam ter vontade própria e uma criança, que chorava nos braços de uma mãe impotente, foi arrebatada por uma delas. A mãe correu atrás do filho apenas para cair num buraco que não tinha visto. Por todos eles Aslin choraria, mas não agora.

Canalizou a fúria que sentia para o exterior e sentiu a energia a acumular-se nas suas mãos. A luz brilhava e queimava como um sol. Sentiu a mão de Sunuywt na sua e controlou a força que tinha. Os *Flaiines* pareciam

confusos com a luz, o que permitiu que os que estavam a fugir se refugassem na Casa do Mestre.

Enquanto Sunuywt pegava em Layla, que continuava inconsciente, correram também os dois para a Casa do Mestre. O Mestre estava à entrada e mantinha a porta aberta com dificuldade. Quando entraram, fechou a porta com força e ficou do lado de fora. Foi a última vez que Aslin o viu. O fogo alastrava por toda a parte e só a Casa do Mestre parecia ficar incólume. Aslin tentava ver o irmão, mas não o encontrava no meio da confusão que parecia ter-se instalado na Casa Grande.

— Aslin, precisamos da tua ajuda.

Enquanto subiam os degraus da escadaria central, mais dois homens do Mestre juntaram-se a eles, e dirigiram-se todos para a torre localizada no meio do telhado.

— Aslin, és uma de nós, vamos criar uma barreira de proteção à volta da Casa do Mestre.

Quando chegaram à torre, Claiher já lá estava e sangrava abundantemente. Era ele que tinha estado a proteger a casa até então, mas tinha sido ferido no peito, não aguentaria muito mais. Os cinco ficaram costas com costas e conseguiram formar uma barreira, enquanto olhavam aterrados para as ondas de fogo que lambiam os cantos da casa e que se enrolavam por cima deles.

Tão depressa começou como acabou.

Claiher deixou-se cair no chão, exausto. Respirava com dificuldade. Aslin ia ajudá-lo quando Sunuywt o levantou no ar sem misericórdia.

— Sabias que eles vinham? Sabias!?

— Desconfiava. Kumorian não estava com eles — foi percorrido por um espasmo e cuspiu uma quantidade abundante de sangue. — Eles estavam a enfraquecer, por isso refugiaram-se na floresta, mas voltarão em breve.

Caiu inconsciente no chão. Sunuywt agarrou na mão de Aslin e levou-a para baixo, enquanto os outros dois carregavam Claiher. Nos pisos abaixo todos falavam, choravam e gritavam. Sunuywt gritou por cima do barulho e ordenou que todos recolhessem rapidamente comida e o que achassem necessário, pois iriam para o Vale das Curandeiras e depois para outra povoação.

— Não podemos!

— O quê, Aslin? — o tom ríspido com que falou teria dissuadido qualquer outra pessoa, mas não a ela.

— Eles estão à espera disso mesmo. Só aqui estaremos seguros.

Claiher, entretanto, tinha despertado e acenava debilmente com a cabeça.

— Morrerão todos antes de chegarem ao vale.

— Tens de esperar que venham até nós. Eles já viram que não nos podem destruir e também não o querem.

— Aslin tem razão. Vão tentar chegar a um acordo e ficar a dominar Surianar.

— Como sabes tanto disto velho ancião? — Sunuywt não conseguia olhar para Claiher sem desprezo.

— Já o vi noutras povoações.

— Sabes que aqui será diferente. Se eles realmente quisessem dominar Surianar, teriam optado por uma abordagem diferente, como já o fizeram. Teriam enviado um deles para falar com o Mestre... davam uma prova do seu poder... Mas aqui querem outra coisa... eles querem Aslin.

— Se Kumorian estivesse com eles, fariam como dizes. Como Kumorian não estava, agiram por conta e risco. Sunuywt, eles estão cada vez mais difíceis de controlar — voltou a ser sacudido por um espasmo violento e cuspiu golfadas de sangue, enquanto tentava desesperadamente falar.

Rair andava entre as pessoas tentando acalmá-las, o que se tornava difícil com a conversa de Claiher e Sunuywt, que estavam quase aos berros. Chegava junto a eles quando Claiher estava a tentar recompor-se.

— Falem na salinha do Mestre. Estão a assustar as pessoas. Aslin, a tia está bem e os pequenos também.

— Lunza?

— Ainda não a vi.

Aslin acenou engolindo em seco. Não era tempo para isso.

Layla tinha despertado, entretanto, e juntava-se a eles. Estava pálida e o seu aspeto denunciava a doença. Tinha arranhões nas mãos que sangravam ligeiramente.

— Ambos têm razão. Devem tentar chegar a um acordo com eles. Mas Aslin não deve ficar aqui. Aslin, tens o poder de te mover na floresta assim como Sunuywt. Devem ambos sair daqui. Eu irei com vocês enquanto puder. Além disso...

La continuar a falar quando sentiu o braço de Claiher no seu. Respirava com dificuldade e não iria aguentar muito mais. Murmurava qualquer coisa. Layla aproximou o ouvido da sua boca e ouviu sem espelhar nenhuma emoção na face. Quando Claiher deu o último suspiro, foi ela que, com as mãos a tremer, fechou os seus olhos e disse uma pequena prece.

— Sempre pensei que partiria primeiro...

— Layla, Claiher iniciará a sua viagem como *Flaiine*, assim que pudermos...

— Não. Se conseguirem enviem o corpo para Salimn. Deve ser enterrado como um filho da terra e não da magia. Era assim que teria desejado... — Layla chorava copiosamente, sem se conseguir conter.

Rair deu umas ordens em voz baixa e a tia juntou-se a eles. Um dos homens de Rair assumira a função de acalmar as pessoas e trocou um olhar com ele, que por sua vez lhe acenou em agradecimento. Eram os homens do

Mestre... e agora seriam de Rair. Aslin não se deteve muito tempo com estes pensamentos, tinha de apoiar Layla que estava um farrapo.

O corpo de Claiher foi deixado aos cuidados da tia, que parecia ter perdido a voz, enquanto eles se dirigiam à salinha do Mestre. Esta consistia numa pequena divisão cuja porta estava ocultada por uma estante.

A sala era pequena para tanta gente: Rair, Layla, Sunuywt, Aslin e os dois jovens que os tinham ajudado a proteger a casa, Liam e Conlai.

— O que é que Claiher te disse antes de... — Sunuywt clareou a garganta — o que é que Claiher te disse?

— Uma mensagem para Aslin — Layla falava entre fungadelas o que tornava difícil perceber as suas palavras. — «Foge». E falou em túneis...

— Layla, falou em quê?

— Túneis.

— Que túneis?

Layla respondeu entre fungadelas e ninguém percebeu. Aslin via-a como a criança que era pela primeira vez. A chorar as suas mágoas sem vergonhas, a expor publicamente a sua dor sem restrições. Estava desamparada e apesar de Aslin a abraçar, era visível a solidão que sentia. Sunuywt estava menos compreensivo.

— Layla, que túneis!?

— Acho que posso ajudar — todos se sobressaltaram quando Liam falou, pareciam ter-se esquecido que ele estava ali. — Quando os *Flaiines* começaram a ser excluídos, começaram por esconder quem eram e... bem, não me vou alongar nisto. Basicamente, faziam reuniões pela calada da noite sem serem descobertos. Chegou a falar-se que usariam túneis para o efeito.

Layla acenava afirmativamente e olhou para Sunuywt antes de falar. Respirou fundo e dirigiu-se a ele.

— Podes tentar achar uma entrada com o teu anel. O teu cubo permite-te ver o que está para além da compreensão dos nossos olhos. Usa-o.

— O quê? Mas que raio... qual cubo?

— O teu anel — enquanto falava, Aslin retirava de dentro da camisa de Sunuywt o fio onde pendia o anel.

— É um anel, não um cubo.

— Transfigura-o.

Sunuywt retirou o fio e deixou que o anel escorregasse para a mão. Aslin colocou a sua mão sobre a dele e juntos transfiguraram o anel perante o olhar atónito de alguns dos presentes. Rair olhava de um para o outro como se não acreditasse no que via.

Sunuywt colocou o cubo na mão e posicionou a outra sobre o mesmo, seguindo as instruções de Aslin. O cubo parecia emitir pequenos fios de luz que só ele conseguia ver. Rodou sobre ele mesmo e colocou as mãos na parede onde estava colocada uma mesa.

— Esta parede... está a ocultar qualquer coisa — virou-se bruscamente para Layla. — Como sabias o poder do meu anel?

— Não é o momento — Aslin interferiu antes que se desviassem da análise da parede, não havia tempo para estas dissertações.

Rair Tateava a parede com movimentos incertos, enquanto Liam, com a ajuda de Conlai, afastava tudo da mesma.

— A parede é mais recente do que tudo resto nesta divisão. Não tem tantas marcas e as pedras usadas são mais claras — Aslin tocava também na parede e tentava ver se havia alguma coisa que os pudesse ajudar.

— Mesmo que seja um túnel, para onde vai dar? Devemos arriscar?

— Preferia lutar com eles, mas ainda não somos fortes o suficiente — Aslin encarava Sunuywt com segurança nas palavras. — Eu sei o que tenho de fazer. Vocês devem ajudar Surianar da melhor forma que puderem, mas eu devo ir para a floresta e empreender a viagem que me foi destinada.

— Não há forma de passar esta parede! — Conlai estava exasperado, sentimento partilhado por Rair, que quase esmurrava a parede na tentativa de descobrir alguma coisa.

Layla e Aslin trocaram um olhar. Se tivessem de destruir a parede, corriam o risco de chamar a atenção. Mas não parecia haver outra hipótese.

— Afastem-se.

Aslin colocou-se em frente da parede e encostou a mão a uma pedra. A pedra resistiu, abanou, mas depois foi projetada para o outro lado da parede. O ar bafiento que entrou pôs todos a tossir.

— Já há muito tempo que este tal de «túnel» não deve ser utilizado — Rair tossia violentamente, estava perto de Aslin e ainda sentia o gosto daquele ar. — Como fizeste isso Aslin?

— Layla e Claiher foram bons professores.

Sunuywt juntou-se a ela e tentaram empurrar mais pedras. Pouco depois, a parede mostrava um buraco suficientemente grande para passar uma pessoa. Fitaram-no em conjunto. Aslin assustou-se quando Sunuywt se dirigiu a si.

— Não posso partir. Leva o meu anel. Devo ficar com Rair e falar com os *Flaiines*.

Rair parecia perdido.

— Irmã, como queria ir contigo... assumi um compromisso perante o Mestre e depois da sua partida, sou eu que devo liderar Surianar...

— Não preciso da ajuda de ninguém, eu...

— Mestre, se me permite — Liam interrompeu Aslin sem cerimónia. — Eu e o meu irmão Conlai acompanharemos Aslin e Layla. Devem ambas sair daqui. Faremos o máximo que pudermos.

— Aslin, são os melhores homens que temos. E se ninguém souber que são *Flaiines*, podem acompanhar-te. Mas vai para o vale, deixa de lado essa ideia de ir para a floresta, é de loucos!

— Estarei mais segura lá do que no vale — não se atreveu a pedir que a acompanhassem, embora o desejasse ardentemente. Deixaria Rair dividido e Sunuywt a sentir-se impotente. Eles estavam pálidos e com a face enrugada, a dor de não irem era visível no rosto e em cada movimento que faziam. Mas

era assim que tinha de ser.

— Aslin, não podemos partir sem o livro — Layla parecia insegura nas palavras e nem teve tempo de acabar de falar, foi interrompida por todos os que se encontravam na sala.

— O quê? — Rair não sabia do que falavam.

— Qual livro?

— Não podes ir a casa, deves partir já...

— Um momento! Liam, disseste que os túneis eram usados para reuniões. Devem passar por várias casas, certo?

— Pode ser, mas... não estou seguro.

— Eventualmente passam pela casa da tia.

— Mas...

Iam continuar a falar quando ouviram gritos.

— Depressa, passem para o outro lado e tapem a parede!

Ajudaram Layla a passar, a seguir foi Aslin e depois Liam e Conlai. Sunuywt demorou mais do que o necessário com a mão pousada no rosto de Aslin, ciente de que poderia ser a última vez que a via.

Quando passaram para o outro lado, Rair e Sunuywt dirigiram-se à estante que separava aquela sala do resto da casa. Quando olharam para trás, viram as pedras a serem repostas com rapidez na parede. Com um gesto, Sunuywt encostou as coisas à parede, enquanto Rair fitava a mesma com um ar angustiado.

— Até um dia, minha irmã...



Capítulo XIV

Ficaram na escuridão, enquanto Conlai dava os últimos toques à parede. O silêncio era ensurdecador. Depois a luz. Liam produzia pequenas chamas com as mãos, que projetou para lhes iluminar o caminho. Aslin reparou que as chamas que ficavam para trás esmoreciam até eventualmente se apagarem.

— Temos de parar...

Layla esforçava-se por os acompanhar, mas a tosse persistente mal a deixava respirar. Liam e Conlai só agora pareciam reparar nisso. Sem cerimónias, Conlai pegou-lhe ao colo e continuaram a andar. Em breve, a tosse acalmou.

— Chegámos a uma bifurcação.

Um dos caminhos terminava numa parede. Aslin usou o cubo de Sunuywt, mas não reconheceu o que viu. Sentiu uma pontada de dor quando pegou no anel e o transfigurou. Só pensava que tinha de se controlar se queria sair dali. Voltaram para trás e continuaram pelo outro caminho.

À medida que desciam, parecia que ficava cada vez mais frio. Layla tremia nos braços de Conlai que a envolveu na sua capa. Liam ofereceu a sua a Aslin que prontamente recusou. Ao chegarem a uma encruzilhada perceberam, desta vez, que qualquer caminho que escolhessem, seria muito difícil voltar atrás. Escolheram um e continuaram a andar durante o que lhes pareceu um tempo interminável. Depois de mais três cruzamentos, pararam para descansar. Layla estava com muito mau aspeto, Liam estava convencido que o melhor seria abrirem a próxima parede com que se deparassem.

— Onde acham que estamos? — Conlai sussurrava, enquanto olhava em volta confuso.

— Seguimos sempre para norte, devemos estar a chegar às casas... — Aslin falava enquanto andava sem parar.

— Pela distância que percorremos já devíamos ter chegado... — Liam continuava a insistir em abrir a próxima parede, mas Aslin nem o ouvia, estava concentrada.

— Estes túneis mal parecem ter sido feitos pela mão humana, tão intrincados que são. Olha para a altura do teto, devemos estar muito abaixo do solo.

— Magia, sem dúvida — para Conlai a resposta parecia simples.

— Mas construir túneis destes não passaria despercebido.

— Não teria tanta certeza. Lembra-te que os *Flaiines* eram muitos e poderosos. Podiam certamente começar a construir um túnel a partir de casa e depois encontrarem-se com os outros.

— Disseste que usavam os túneis para se encontrarem. Mas encontravam-se onde?

— Nas casas de uns e de outros e, por vezes, algures por aqui.

— Portanto deve haver uma sala central não? — Liam via agora onde Layla queria chegar. — Se chegarmos a esse ponto central, mais depressa sairemos daqui. Mas como podemos lá chegar?

— Não estamos a pensar como *Flaiines*... — disse Alins

— Posso estar errada, mas...

— Sim, Layla?

— A mim parece-me que não andámos muito.

— Como assim?

— Acho que estamos presos numa ilusão criada para os que invadissem o túnel.

— Como assim, presos? — Pergunta Colain.

— Pensei que as pessoas tinham de estar perto de ti para ficares presa numa ilusão. — Diz Aslin.

— E têm, mas podem ter transferido essa ilusão para um objeto com energia própria, ou seja, assim que passássemos um determinado ponto, ficaríamos presos.

— Que objeto com energia própria?

— Um cubo, por exemplo.

— Achas que um dos cubos está aqui?

— Acho improvável, mas alguém deve ter encontrado maneira de proteger os caminhos. Concentra-te e vê para lá da escuridão. Usa o cubo de Sunuywt e roda sobre ti mesma para veres o que te rodeia.

Aslin assim o fez e começou a gritar.

— Há uma planta a rodear-nos... está a envolver-nos ... não consigo ver nada... agora estou a ver-me a mim mesma com o cubo na mão... está um espelho ao fundo do corredor.

Layla levantou-se com dificuldade e lançou-se na direção que Aslin apontava. Não conseguiu ver nada, mas sentia alguma coisa ali.

— Aslin, dá-me o cubo.

Aslin tinha razão. Era uma visão aterradora. Eles estavam pendurados na planta que os rodeava. Com o cubo nas mãos, Layla concentrou-se e conseguiu livrar-se da tal planta. Ouvia as vozes dos outros ao longe, mas não percebia o que diziam. Respirou fundo e lançou-se com toda a força contra o espelho que ali estava. O espelho nem se mexeu. Pegou na sua pequena adaga, concentrou toda a sua energia na mesma e espetou-a no espelho. Sentia-o a sugar a sua energia, mas com ela também sugava a sua doença. Veios negros começaram a atravessar o espelho que se estilhaçou à sua frente.

Estendida no chão, ouvia os gritos dos seus companheiros sem os conseguir ver.

— Layla, Layla, a ilusão desfez-se, estamos livres...

— Aslin...

— Sim?

— Não... não consigo ver...

Enquanto Conlai e Liam tentavam desembaraçar-se da planta musgosa, Aslin segurava Layla e tentava desesperadamente não chorar. Layla tinha estilhaços do espelho nos olhos, estava cega. Felizmente não tinha dores.

— Devemos estar aqui quase desde o início, não estamos longe da parede da Casa do Mestre, acho que... — Liam suspendeu o seu relato quando Aslin o olhou, impotente para ajudar Layla.

Imediatamente, Liam rasgou umas tiras da camisa com as quais tentaram retirar a maior parte dos estilhaços dos olhos de Layla.

— Não percebo porque tem a cara totalmente incólume e só os olhos foram afetados — sussurrou Liam enquanto retirava um pedaço de vidro com cuidado.

— Nada mais me podia magoar, Liam — Layla contou-lhe a sua situação.

— Tenho na minha bolsa em casa a caixa com os artigos de curandeira que me deste. Layla, há lá alguma coisa que ajude os teus olhos?

— Sim, podes usar Thimalia, a pomada do boião azul, para não deixar que a infeção se espalhe. Estou a começar a ficar com muita comichão. Mas, Aslin, já descobriste como ir até casa?

— Acho que sim. Vou fazer um transporte para lá e depois volto.

— Aslin, não!

— Porquê?

— Pode haver mais magia espalhada por aqui e corres o risco de nunca mais nos encontrar. Usa o teu cubo.

— Como assim?

Layla respirou fundo enquanto tentava organizar os seus pensamentos.

— É o teu cubo que eles querem. É um condutor.

— Condutor?

— Claiher não queria que soubesses e eu descobri por acaso. O teu cubo mostra-te o caminho para onde queres ir.

— Isso quer dizer que...

— Sim.

Conlai e Liam olhavam um para o outro, não faziam ideia do que estava a ser discutido ali. Sabiam, contudo, que não podiam ficar parados. Conlai voltou a pegar em Layla e Aslin transfigurou o seu anel. Colocou a mão sobre ele, mas nada aconteceu.

— Estás dividida e o cubo não sabe o que te mostrar. Pensa no teu quarto e nas tuas coisas lá.

Em voz alta, Aslin disse casa, mas o cubo não deu sinal de movimento. Na verdade, nunca pensara na sua casa como a sua verdadeira casa.

— *Livro de Ioymar!* — e viu, mesmo que os outros não vissem nada, os tímidos feixes de luz a desaparecerem pelo túnel fora.

— Vamos!

Seguiram o mais depressa que conseguiram. O túnel subia, descia e estreitava, por vezes quase não conseguiam passar. Depois alargava de tal forma que pensavam estar na floresta. Aslin não dava tréguas. Demasiado tempo tinha sido perdido com a ilusão. Quando pararam para descansar, Liam falou.

— Acho que estamos a ir na direção certa, ainda não parámos de seguir para a zona das casas.

— Espero que sim. E espero que Rair tenha conseguido chegar a um acordo com os *Flaiines*.

— Não o deves esperar tão cedo, são procedimentos que demoram muito tempo. Além disso...

— ... Têm de aguardar por Kumorian — Liam e Conlai pareciam estar em sintonia.

Aslin acenou com a cabeça e fez sinal para avançarem. Não descansariam tão cedo.

— Liam, apaga as chamas.

— Queres ficar às escuras?

— Estou a sentir uma leve brisa...

Liam apagou as chamas e contiveram a respiração em simultâneo. Não estava tão escuro como tinha estado. Não havia muita mais claridade, é certo, mas como estavam na escuridão havia tanto tempo, conseguiam notar alguma diferença.

Aslin quase voava e eles acompanhavam atrás dela. Os feixes de luz apontavam para uma parede em muito mau estado.

— Usa o cubo de Sunuywt para ver o que está do outro lado — disse Liam.

Aslin assim o fez e viu cadeiras, um berço velho, algumas partes do que já teria sido uma carroça... desta vez não estavam do outro lado de uma parede, mas por debaixo do chão do que devia ser uma sala de velharias.

— Se destruírmos a parede cai-nos tudo em cima e chamamos a atenção. Além disso, esta não é a minha casa... não percebo.

— Não deve haver túnel até tua casa. Devemos estar no local mais próximo. A melhor maneira é entrarmos nesta sala e depois tu transportares-te para lá. O mais importante agora é ver a distância até à floresta... será a parte mais difícil.

— Talvez não — sobressaltaram-se os três com a voz de Layla. — Mas para já vamos tentar sair daqui.

Mais uma vez, foram retirando pedra a pedra. Quando o buraco estava a ficar suficiente para passar uma pessoa, os objetos que estavam na tal sala «choveram» em cima deles. Aslin parou-os sem dificuldade no ar para que não fizessem barulho, perante o olhar atónito dos restantes. Só pensava que Claiher ficaria orgulhoso dela.

Desimpediram o caminho e subiram para a sala que estava bastante suja. Aslin foi investigar as janelas e viu com satisfação que estavam em casa de Lunza, muito próximos da sua.

Com o maior dos cuidados, levaram Layla para a sala e, enquanto Conlai ficou de vigia junto à janela, Liam tapava o buraco. Aslin falava com Layla, que estava deitada numas almofadas grandes e uns velhos cobertores. Tinha uma faixa nos olhos, novamente, feita a partir da camisa de Liam, que os protegia do pó.

Aslin agarrava-lhe nas mãos enquanto olhava lá para fora e viu que tinha a vista bloqueada por uma árvore caída.

— O silêncio. O sossego. A ausência de movimento. É uma coisa à qual não estou habituada — olhou para Layla e percebeu que ela estava a ficar com febre enquanto lhe passava a mão no rosto.

— Layla, vou voltar o mais rapidamente possível.

Sentou-se à frente dela e começou a visualizar o quarto à sua volta. O canto da parede com alguma sujidade, o tapete torto junto à cama, o seu saco de viagem escondido debaixo da estrutura da cama. O seu vestido do dia a dia cuidadosamente dobrado por cima da arca. Sentiu um solavanco, abriu os olhos e estava lá. O seu quarto. Tal como o deixara de manhã. Tinha sido de manhã? Parecia que toda uma vida já tinha passado.

Foi direta à cama e estava prestes a puxar o saco quando ouviu um restolhar vindo do andar de baixo. Não estava sozinha e o som aproximava-se. O saco estava preso em algo, teve de se enfiar debaixo da cama para conseguir puxá-lo. Ouviu barulho vindo das escadas.

Concentrou-se o mais que pôde para fazer o transporte de volta, mas não estava a conseguir. Não tinha memorizado pontos de referência suficientes ou então estava demasiado nervosa para se lembrar deles. Focou-se em Layla, deitada no monte de almofadas velhas e cobertores, alguns já rotos do uso, as almofadas sem cor. Layla, que tinha uma faixa nos olhos arruinados, o pequeno corpo febril e que precisava dela. Sentiu um solavanco ao mesmo tempo que ouvia o som a aproximar-se da porta.

Com um suspiro de alívio e agarrada ao seu saco de viagem, abraçou-se a Layla.

— Aslin, que se passa? Estás praticamente sem cor no rosto.
— Liam, estava alguém dentro da casa. Quase me apanharam.
— Hum. Aqui estamos protegidos, eu e Conlai protegemos a casa. Olha, está a nascer o sol. Acho que devíamos esperar pela noite para entrar na floresta.

— Proteger a casa não chama a atenção para ela?

— Nós limitámo-nos a criar a ilusão da casa vazia. Esta sala está protegida, se entrarem em casa, sim, é possível que o sintam. Mas até agora não via motivo para o fazerem...

— Acho que escolheram entrar na tua casa. Eles procuram alguma coisa. O ataque de hoje... ou melhor de ontem. A entrada na tua casa, arriscando-se a serem vistos... se Rair já estiver em conversações de paz, o que eles fizeram ao entrar numa casa de Surianar pode prejudicá-los.

— O livro, Aslin, tens de proteger o livro... — a febre de Layla estava a subir de forma alarmante.

— Shhhh... Layla, está tudo bem, o livro está aqui — Aslin apressou-se a tirar a caixa de madeira com os boiões e encontrou o boião azul. Passou o creme pelos olhos de Layla. Deu-lhe também uma colher de Omnitite, um xarope feito a partir de umas pedras e que ajuda na convalescença.

— Que xarope é esse? — Conlai olhava curioso para o líquido na colher.

— Omnitite. Ferves umas pedras para lhes tirar o musgo e obténs o xarope. Em pequenas quantidades alivia as dores.

— E em grandes?

— Faz-te esquecer e deixa-te dormente...

Layla dormia um sono tranquilo agora, sem sobressaltos. Os olhos pareciam melhores. Os mantimentos que Aslin tinha no saco eram escassos para quatro pessoas. Estavam todos cheios de fome e Liam saiu da sala abafada em busca de alimentos. Conlai estava invulgarmente silencioso.

— Está tudo bem?

— O que disseste sobre o xarope...

— Sim?

— O meu pai ficou ferido uma vez nos campos e foi levado para o Vale das Curandeiras. Quando chegou não se lembrava de nós e parecia privado da vontade de viver. Tomava um xarope igual aquele todos os dias. Ao fim de dois dias o frasco partiu-se. Nós pensámos em ir ao vale buscar outro frasco, mas... ele pareceu melhorar depois. Dias mais tarde, morreu subitamente.

— Um erro talvez... é possível que ele tenha tomado xarope a mais.

— Também pensámos nisso. Éramos muito pequenos... mais tarde viemos a descobrir que não tinha sido nos campos que ficara ferido. Tinha seguido os teus pais com mais dois *Flaiines*. Só ele sobreviveu.

— Layla contou-me que a minha mãe tinha levado a cabo uma missão para o Mestre. Estás a dizer que não foi um acidente?

— Aslin, alguém deu-lhe uma dose excessiva. A tua mãe... o que é que Layla te contou?

— Disse-lhe que tinha ido fazer uma missão para o Mestre e que o pai de Layla foi atrás. Em relação ao teu pai — olhou para Conlai debilmente enquanto falava —, só sei o que se conta no vale... foi ele que deitou a mão ao frasco e bebeu demais. Foi a partir daí que paramos de deixar os frascos nas mesas ao lado dos doentes. A última coisa que ele disse foi que havia coisas que era melhor esquecer. O Mestre ficou furioso.

— Qual era a missão?

— Encontrar o livro ou a casa de Ioymar — Layla virou a cabeça e voltou a dormir.

Aslin e Conlai falaram mais um pouco e depois Aslin, entre bocejos, foi-se deitar ao lado de Layla, e Conlai continuou com a vigia. Quando Aslin acordou, o dia chegava vagarosamente ao fim. Liam e Conlai falavam junto à janela.

— Aslin, acordaste! Não vai haver lua esta noite, o que nos vai favorecer. Achas que Layla estará pronta?

— Ela ainda tem muita febre... — Liam e Conlai olhavam um para o outro consternados — é melhor ficarmos aqui mais um dia, pelo menos.

— Não podem ficar aqui nem mais um dia, o perigo espreita por perto, Aslin. Deixa-me ficar.

— Não. Ninguém fica para trás...

— Deixa-me acabar. Aslin, não vou viver mais tempo e tu fazes dezasseis anos amanhã. Deves estar longe daqui quando isso acontecer.

— Todo esse poder e nem dezasseis anos tens? — Liam estava chocado. — Layla tem razão, temos de te levar daqui para fora.

— Então vamos todos. Não deixo Layla para trás. Eu...

— Shhhh...

Liam colocou um dedo à frente dos lábios. Ouvia-se um ligeiro restolhar no exterior da casa. Aslin só respirou fundo quando o barulho deixou de se ouvir. Layla estava a ficar com o rosto muito amarelo e parecia ligeiramente inchada. Respirava como se tivesse farpas no peito.

— Aslin... Aslin...

— Estou aqui, estou aqui.

— Deixa-me ir como *Flaiine*.

— Layla... vais ficar bem, não digas isso... — Aslin chorava à medida que o pequeno corpo de Layla era sacudido por tremores. Viu que Layla estava a falar, mas era tão baixinho que não conseguia ouvir. Chegou o ouvido para junto dela.

— Aguentei por ti, Aslin. Está na hora de me deixares ir. Queima a casa... e tem cuidado com os irmãos.

— Não, Layla... aguenta, eu estou contigo.

A respiração de Layla foi ficando cada vez mais entrecortada, até que, por fim, parou. Aslin continuava abraçada a ela e chorava desalmadamente, chorava como se um infundável rio de lágrimas tivesse nascido dentro dela.

Não sabia quanto tempo tinha passado assim, mas dóia-lhe o corpo todo

e a cabeça, tinha os olhos inchados e a língua seca. Liam e Conlai não tinham interferido até agora quando lhe deram água. Bebeu sofregamente, apesar de ter um nó infinito na garganta.

— Temos de queimar a casa — não reconheceu a sua voz quando falou, estava quebradiça e sem emoção. — Vamos despedirmo-nos dela como *Flaiine* que era. Amanhã, vamos deixar o espírito e o corpo descansarem.

— Aslin, não temos tempo. Mas tens razão, faremos a despedida de Layla hoje à noite.

— Hoje? — surpreendida, Aslin viu que o sol estava a nascer. Tinha chorado por Layla a noite toda. Os seus companheiros de viagem pareciam desconfortáveis, mas ajudaram-na a mover as almofadas e os cobertores com o corpo de Layla para o centro da sala, e colocaram-na em cima de uma mesa de madeira comprida.

Era muito difícil para Aslin despedir-se de Layla. Com Claiher também tinha sido difícil, mas estava dormente dos acontecimentos que precederam a sua morte. Layla... no entanto, tinha-a visto morrer aos poucos.

— Devias dormir um pouco. A noite vai ser longa — Liam ficou a olhar-lhe desajeitadamente antes de acrescentar —, ela vai continuar contigo. Sempre que pensares nela.

Fez-lhe uma vénia e afastou-se. Aslin fiou tocada com a amabilidade de Liam, mas nada suavizava a sua dor. Era muito cedo para isso. Conlai era uma pessoa mais prática e, enquanto comiam antes de anoitecer, perguntou a ambos qual era o destino.

— Vamos para o Vale das Curandeiras?

— Aslin?

— Quero ir a casa de Ioymar.

— Aslin, já muitos tentaram...

— Nem todos tinham o meu cubo.

— Kilarn fica a uns dias de viagem pelo nevoeiro. Os *Flaiines* ainda não entraram lá e julgo que seria um bom sítio para passarmos despercebidos. Precisamos de mantimentos, água, no caso de ser uma viagem longa. E eles precisam de saber o que se passou aqui. São nossos aliados há muito tempo.

— Kilarn? Não posso crer. Vocês conhecem outras povoações? Se são nossos aliados porque não nos ajudaram, eu...

— Aslin, nem todos se podem mover no nevoeiro.

— ... Eu acho que é perigoso, não sabemos se eles foram tomados pelos *Flaiines*.

— Já saberíamos.

— Como assim?

— É a terra de Sunuywt. Ele esteve lá na noite anterior aos festejos. Os *Flaiines* ainda não são suficientes para atacarem dois sítios ao mesmo tempo. Se estão aqui, estão a usar todas as suas forças.

— Estão sempre a dizer que Kumorian ainda não se juntou a eles. Não pode ele ter atacado Kilarn?

- Isso é... improvável.
- Mas não impossível.
- Não, impossível não é.

Comeram em silêncio durante algum tempo, perdidos nos seus pensamentos.

— Há uma forma de descobrirmos. Aqui não, mas quando estivermos na floresta, sim. A prometida de Conlai está lá — Liam virou-se para ele. — Podes transportar-te até ao seu quarto e falar com ela.

Conlai corou violentamente e acenou com a cabeça, enquanto Liam continuava a falar.

- Então para onde vamos quando entrarmos na floresta?
- O cubo o dirá.

Chegou a noite, indiferente à perda deles. Layla tinha um ar pacífico antes de a cobrirem com um lençol.

- Descansa em paz, Layla.

Os três começaram a criar pequenas chamas que rodearam o leito de Layla, enquanto se despediam dela. Quando o calor do fogo se tornou insuportável, recuaram e saíram da casa em direção à floresta. Já tinham feito as despedidas. Nenhum olhou para trás. Para trás estava o passado, eles iam lutar por um futuro.



Capítulo XV

A floresta dentro do nevoeiro era diferente. Desagradável. Os ruídos e barulhos constantes arrepiavam Aslin até à espinha, enquanto esta se tentava lembrar das recomendações de Liam.

— Temos de nos manter sempre perto uns dos outros. Quando entrarmos vamos sentir o frio e o medo que parecem fazer parte da floresta. Como somos *Flaiines* alguns bichos afastam-se de nós, mas algumas coisas desagradáveis ainda nos perseguem. Cada um faz uma chama na mão e segue atrás do outro.

— Não era melhor usarmos uma corda? Julgo que vi uma algures...

Liam e Conlai trocaram um olhar.

— Isso já foi feito uma vez. Apenas quem ia à frente chegou ao outro lado da floresta... com um pedaço de corda esfarrapado a arrastar no chão. Não ouviu gritos, não senti puxões, nada. E eles nunca mais apareceram.

— Bom, sendo assim talvez a corda não seja a melhor ideia...

— Cada um faz uma chama e seguimos um atrás do outro. Aslin, vais no meio. Se ouvirem perguntas não respondam, se virem sombras não as fitem. Quando já estivermos afastados, faremos um cordão de segurança.

— Porque não fazemos uma barreira de proteção?

— Aslin, a única forma de sobreviveres ao nevoeiro é tornares-te parte do nevoeiro. Se criares uma barreira, tudo o que lá existe vai ser atraído, porque sabem que há um sítio que não conseguem ver. É muito perigoso. O cordão é só para nos mantermos juntos, logo não se sentirão ameaçados.

— Além disso, eles temem a luz e o calor. Se nos virem com uma chama, vão afastar-se naturalmente.

Foi com o coração apertado que Aslin entrou no nevoeiro, entre Liam e Conlai, tendo como pano de fundo a casa de Lunza que ardia vigorosamente.

Se não fosse pelo perigo, teriam, de imediato, acudido várias pessoas para tentarem travar o fogo, contudo, nem uma pessoa se via por ali.

Na escuridão da noite as chamas subiam no ar e denunciavam fogo dos *Flaiines*, impossível de apagar e confinado àquela casa, sem perigo para as casas adjacentes.

Antes do fogo ser visível, tinham-se refugiado na casa do lado oposto. À medida que entravam no nevoeiro, com os sacos bem presos e as capas a esconderem o corpo, viram um movimento na folhagem perto da casa de Lunza. Deviam ser os *Flaiines* que os procuravam. Afastaram-se o mais rapidamente que conseguiram.

Entrar no nevoeiro teve o mesmo impacto que um murro no estômago para Aslin. Era húmido, frio, quente, seco, tudo ao mesmo tempo. Era, sobretudo, sufocante, cada passo era um tormento. Andavam bem devagar, sempre com os olhos na própria luz e na luz da frente.

Aslin reprimiu um grito quando sentiu algo a roçar-lhe nos pés. Não quis sequer olhar baixo para ver o que lá estava. Estava concentrada a andar quando ouviu risos. Primeiro, sinistros. Depois, histéricos. Sinistros novamente. De súbito, pararam. Continuaram a caminhar quando um grito ecoou nos seus ouvidos. Aslin recorria a todas as suas forças para não desatar a correr sem destino. O nevoeiro estava cada vez mais denso e tinha dificuldade em ver a luz de Liam.

— *Aslin...*

Ouvia risos e o seu nome a ser chamado. Desta vez, risos de crianças. Não se atrevia a olhar, as palavras de Liam estavam muito vivas e ecoavam nos seus ouvidos o tempo todo. *Não responder a perguntas...*

Ouvia movimento à sua volta, pareciam passos e o som de raspar, cada vez mais perto.

— *Onde vais, minha linda?*

Aslin distraiu-se e a sua chama apagou-se. Estava uma velha com os cabelos até ao chão à sua frente. Era horrível, tinha a cara cheia de verrugas e os dentes podres e tortos. Carregava uma cesta tapada com um pano branco imaculado que contrastava vivamente com as roupas velhas e rotas que vestia.

Assim que Aslin criou uma nova chama, ela desvaneceu-se em fumo, como se fosse feita de ar. Antes de poder respirar fundo, entrou em pânico. Não via a chama nem de Conlai nem de Liam. Rodou várias vezes sobre si mesma e perdeu totalmente o sentido da direção para onde ia. Deveria chamar Liam? Deveria usar o cubo? Deixou-se estar quieta e foi aumentando a luz gradualmente. Mesmo assim, não conseguia encontrar Liam e Conlai.

Transfigurou o cubo de Sunuywt e conteve o grito que lhe tinha subido de imediato à boca. Era preferível ver o nevoeiro do que aquilo que lhe era mostrado pelo cubo. À sua frente estavam estranhos seres que pareciam seguir caminho para algum sítio indeterminado e outros que estavam simplesmente adormecidos. Liam tinha razão. Era melhor passar despercebida na floresta. Nem um piscar de olhos depois de usar o cubo, tinha a floresta inteira a olhar

para si. Guardou o cubo de imediato e desatou a correr com a chama firme na mão.

Quando lhe agarraram o braço lançou um murro com o punho fechado no nevoeiro. Ia continuar a correr quando ouviu a voz de Liam a resmungar algo impróprio para os seus ouvidos. E viu a chama dele e de Conlai. Aproximou-se e respirou de alívio.

— Onde estiveram?

— Aslin, nós não nos movemos. Vimos-te a correr de um lado para o outro com a luz e tentámos segurar-te.

Apesar de falarem em sussurros, parecia que o nevoeiro tinha um eco próprio e ouviam várias vezes as respostas.

— Para onde ias?

— Vi um trilho...

— Um trilho?

Mesmo sem conseguir ver nada conseguia adivinhar o espanto que o rosto deles devia aparentar.

— Também vi coisas indescritíveis, mas não pareciam proteger o trilho. Não sei se será seguro segui-lo.

— Não é. Devem ser as criaturas a pregar-te uma partida.

Liam produziu uma série de pequenas chamas que os rodearam, iluminando o ar à sua volta. Pelo menos agora já podiam ver os rostos uns dos outros.

Conlai deu um passo em frente.

— Estamos próximos de Kilarn. Está alguém na floresta para além de nós.

— Próximos?

— Aslin, o tempo não funciona da mesma forma dentro do nevoeiro. Podem ter passado segundos e para nós parecer uma eternidade e vice-versa. Não deves meter-te por caminhos que não conheças.

— Será Lokian?

— É possível.

Voltaram a andar, devagar, e desta vez com Conlai a liderar o caminho.

— Mas que...

Aslin não reconheceu a voz.

— Lokian. Vimos de Surianar.

— Eu ia para lá agora e... entendo. Liam, és tu que falas?

— Kilarn está segura?

— Temos visitantes. As videntes. Falaram de fogo em Surianar por isso viemos, mas... só resto eu.

— Leva-nos para Kilarn. Aqui não estamos seguros.

Aslin não esperava conhecer outra povoação para além de Surianar. Kilarn era diferente, muito viva. As pessoas riam na rua, ouvia-se música e percebia-se que ali os *Flainies* eram bem-vindos. Quando saíram do nevoeiro, não houve lugar a subterfúgios, foram logo muito bem recebidos.

— Lokian! Já vieste de Surianar?

— Não. Encontrei-os no neveiro.

— Oh! — a mulher que se dirigia a Lokian era grande, com um sorriso enorme e acolheu-os de imediato.

— Devem estar com frio, venham.

Aslin estava muito silenciosa. Em Surianar tudo era feito de acordo com uma rotina calma. Kilarn era muito mais pequena, os campos estavam próximos e as pessoas conversavam alegremente enquanto trabalhavam. Andavam num constante corrupio entre as casas e os campos. Além disso, comiam sempre juntos, como Aslin mais tarde percebeu.

— Recebemos visitas aqui de vez em quando — a mulher ia falando à medida que os instalava na ponta de uma mesa gigante com Lokian — e é sempre um prazer. Como somos tão poucos, funcionamos como uma família e os nossos convidados acabam por fazer parte dela também. Comam, têm ar de quem precisa. Lokian partiu há uma semana, vocês deviam estar no neveiro há muito tempo.

Dirigiu-se rapidamente para a outra ponta da mesa, onde uma das crianças achara engraçado morder o nariz do rapaz mais próximo.

— O meu filho — dizia Lokian com orgulho. — Não tem medo de nada. É bom rapaz.

O «bom rapaz» continuava preso ao nariz da outra criança e só largou quando a mulher chegou lá e sussurrou umas palavras. O barulho ao longo da mesa era ensurdecedor, Aslin tinha dificuldade em compreender como se ouviam uns aos outros com tantas conversas cruzadas. Lembrou-se dos jantares com os irmãos, mas a comparação era injusta, jamais fariam tanto barulho.

— Lokian, ilumina a mesa, sim?

Aslin não percebeu quem tinha gritado o pedido, mas susteve a respiração quando viu que tanto Lokian como Liam faziam chamuscas com naturalidade, que planavam acima da mesa.

— Vamos comer, estou cheia de fome — a grande mulher tinha-se sentado no topo da mesa junto a eles. Aslin recusou as likkas, detestava aquela fruta, mas Liam e Conlai comiam avidamente.

Assim que os outros se embrenharam na refeição, a mulher perguntou, disfarçadamente, como estava Surianar.

— Fomos tomados, Mestre — enquanto Liam respondeu, Aslin engasgou-se de tal forma que várias pessoas a auxiliaram. *Mestre?* Uma mulher? Como a tia gostaria de ouvir isto...

— Peço desculpa, eu...

— Oh não, é perfeitamente normal os nossos novos visitantes acharem estranho uma mulher ser Mestre. Devo ser a única na floresta inteira. Assumi as funções do meu marido quando ele faleceu, foram tempos difíceis e não havia mais ninguém... Um dia será Lokian o Mestre.

Falaram de mais algumas banalidades. Como as colheitas iam bem, que

cada vez mais pessoas chegavam, um casamento que se iria celebrar em breve. A tosse de Aslin tinha atraído demasiada atenção.

Mais tarde, na casa de Lokian, cujos filhos Aslin ainda não tinha conseguido contar, falaram sobre Surianar e o que se tinha passado.

— Isso preocupa-me. Estamos perto, demasiado perto. Kumorian não se atreveria a vir aqui tão depressa, sabe que existem muitos *Flaiines* aqui e que praticamos livremente a magia.

— Mestre, peço desculpa eu...

— Podes chamar-me Lana, Aslin.

— Mestre Lana, eu...

Lana soltou uma grande gargalhada que fez com que todos os netos desatassem a rir.

— Só Lana, minha querida.

O riso deles era contagiante e Aslin deu por si a rir pela primeira vez em muito tempo.

— Lana, não percebo porque são tão grandes as diferenças entre Surianar e Kilarn. Conhecem Surianar tão bem e, no entanto, a magia lá é vista como sinal de malevolência.

— Todas as populações são diferentes na floresta, Aslin. Ninguém conhece a sua dimensão. Os poucos conhecimentos que temos, advêm de umas videntes que passam por aqui de vez em quando. Elas vivem no nevoeiro, por incrível que pareça. Eram três, agora são duas. Kumorian matou uma delas para lhes roubar um anel que tinham.

— Ele tem dois anéis... — Aslin falou irrefletidamente e arrependeu-se depois. Todos os olhos na sala viraram-se para ela.

— Como sabes isso? E para que servem os anéis?

Liam falou antes que ela pudesse responder. Aslin sentia o peso dos três anéis que tinha escondidos no colar sob o vestido.

— Ouvimo-lo em Surianar antes de fugirmos.

— Hum, claro. Bom, as videntes passaram por aqui e disseram que Surianar estava em perigo. Viram fogo e sangue. Lokian e outros foram há uma semana averiguar a situação. Aos poucos, foram regressando sem novidades, perderam-se todos uns dos outros.

— Surianar foi tomada. Fomos cruelmente atacados e só nos conseguimos refugiar na Casa do Mestre. Conseguimos fugir quando um fogo deflagrou numa das casas.

— Portanto, Surianar agora estará sob o controlo deles. Uma a uma, todas as povoações vão caindo. Surianar é o coração da floresta de Surianar, temo que a seguir cerquem o Vale das Curandeiras.

Ficaram em silêncio durante muito tempo.

— São bem-vindos a minha casa. Preparámos quartos lá em cima.

Há quanto tempo não dormia numa cama? Aslin quase chorou perante essa perspetiva. Liam e Conlai dividiram um quarto e Aslin ficaria no mais pequeno. Devia manter-se vigilante, pensava. Assim que encostou a cabeça na

almofada, adormeceu profundamente.

Acordou assustada com um ruído qualquer. Alguém estava no quarto? Era noite cerrada, por isso fez uma chama com a mão e percorreu o quarto todo. Não estava ali ninguém. Ouviu novamente o barulho. Sossegou quando percebeu que vinha de fora. Depois de espreitar pela janela, teve de tapar a boca com a mão para não se rir. Um casal de namorados tinha escolhido aquele sítio para ver a Lua, sem saberem que eles tinham sido alojados naqueles quartos.

Sentia-se calma e descansada. Pelo menos já conseguia pensar melhor depois de comer e dormir um pouco. Sentou-se na cama e puxou o *Livro de Ioymar* para si. Mesmo que Liam e Conlai ficassem ali, ela tinha de seguir caminho. Estavam dois cubos perdidos e ela desconfiava onde um deles estava. Esperava que isso a levasse ao outro. Recomeçou a ler onde tinha ficado.

Mahia está devastada, meu irmão. Demorámos muito tempo a chegar a Surianar e quando chegámos descobrimos que não tinhas chegado até aqui e que o teu filho mais velho agora é viúvo e está doente. Não viverá muito tempo... As febres chegaram aqui. Mahia está agora convencida de que não vives mais.

Falámos com o teu filho pela calada da noite e ficámos em sua casa. Ficou decidido que Menai ficaria com a família de Flahir. Não levantámos suspeitas...

Aslin viu como tudo fora feito. Mahia foi com o bebé e a irmã de Ioymar para o Vale das Curandeiras e, pouco depois, uma das sobrinhas de Flahir foi para lá com o pretexto de estar doente. Foi ela que levou a criança. Mahia sabia que Menai não estaria seguro consigo. Foi aí que o coração de Aslin parou. O anel que Menai tinha ao pescoço... era o anel da sua mãe.

Já há muito que não escrevo. Têm sido tempos calmos, felizmente. Queria dizer-te que Menai foi pai de dois rapazes. Um deles está connosco, está muito debilitado. É tão parecido contigo. A sua mulher não terá mais filhos, já não tenho esperança em ter uma família grande novamente.

Custa-me escrever estas linhas, mas este é o único contacto que tenho contigo. Sinto que o devo fazer. Mahia enlouqueceu depois de terem encontrado o teu corpo na floresta. Eu fiz o que me tinhas pedido, embora não perceba porquê. Mahia morreu pouco depois. Não viu os teus lindos netos.

Aslin susteve a respiração. Já sabia onde estava o outro anel e porque a procuravam. O livro não tinha nada do que via escrito, apenas mostrava-o a si. Por isso Claiher queria que a acompanhasse.

A seguir, a irmã de Ioymar falava muitas vezes dos sobrinhos-netos e como cresciam de forma diferente. Quando ficou melhor, o gémeo que tinha estado no vale, voltou para casa. Mas tudo o que fazia, o irmão fazia melhor. O irmão ignorava por completo o que se passava e não via a frustração a crescer nos olhos do seu gémeo. Foi o ressentimento que os levou por caminhos diferentes. Quando Menai lhes legou os anéis que tinha, foi o início

do fim. E por fim a carta...

Aslin fechou o livro decidida. Partiria o mais rapidamente possível. Os acontecimentos da manhã seguinte provaram que, rapidamente, significava agora imediatamente.

Quando Aslin desceu, o dia começava a despertar e não se via ninguém por perto. Serviu-se do pão que estava na mesa e olhou pela janela, engasgando-se em seguida. Lana estava lá fora a falar com um encapuçado que voltava para o neveiro.

Qualquer pessoa pensaria que seria um dos homens dela. Mas este coxeava como se estivesse ferido. Tinha sido um dos homens que Rair ferira, tinha a certeza. Voltou silenciosamente para o quarto e fingiu estar ainda a dormir. Não queria levantar suspeitas. Só quando começou a ouvir barulho é que se levantou, tendo o cuidado de fazer algum ruído, e desceu as escadas.

— Aslin, bom dia.

— Lana, bom dia.

Já corriam por ali duas ou três crianças que encararam a vinda dela como autorização para fazerem barulho e pareciam, agora, trinta. Lokian comia apressadamente enquanto colocava mais fruta na mesa e Liam vinha a descer as escadas seguido de Conlai.

Depois de Lana sair com as crianças todas, Lokian olhou para Aslin como se estivesse inseguro do que dizer.

— Aslin, até onde irias para proteger os teus?

— Como?

Liam e Conlai levaram a mão às adagas discretamente e continuaram a comer likkas como se nada fosse, embora seguissem atentamente a conversa.

— O que farias para proteger os que amas?

— A tua mãe. As suas alianças. É isso que te preocupa.

— Acho que deviam seguir caminho. É o mais seguro para todos — Lokian baixou os olhos para a comida. — Direi à Mestre que foram explorar os campos e o neveiro perto deles e que voltarão logo.

Lokian saiu enfrentando o olhar deles.

— Liam, Conlai, temos de ir

— Não podes seriamente acreditar que...

— Eu vi. De madrugada. Ela tem medo. Fará tudo pelos netos. Temos de ir — sem qualquer pudor, mexeu-se pela cozinha enfiando em dois sacos os alimentos que via. Cereais, pão, frutos secos...

Liam e Conlai ficaram em silêncio durante algum tempo e depois correram ao andar de cima para ir buscar as suas coisas. Aslin já tinha o seu saco pronto.

— Para onde vamos?

— Para a casa de Ioymar — transfigurando o seu anel em cubo, sussurrou o nome de Ioymar e a casa, começou então a ver os feixes de luz a atravessarem a janela. Estava na hora de partir.

Só Aslin via os feixes de luz, o que tornava confuso para Liam e Conlai

que a seguiam no nevoeiro. Aslin abrandou o passo, estavam diante de uma árvore enorme cujas raízes saíam do chão e pareciam estender-se indefinidamente.

Aslin fez as chamas maiores para tentar perceber se havia uma forma de passar por ali.

— A única forma é tentar passar por cima e escalar estas raízes.

— Olha bem para as raízes, parece que se estão a mexer — falavam em surdina enquanto tentavam decidir o que fazer.

— Acho que se mexem com a luz — Aslin concentrou-se e disparou um feixe enorme de luz com as mãos. Um guincho ecoou pela floresta enquanto as raízes se mexiam cada vez mais e, desta vez, na direção deles.

— Ugh! — Aslin caía no chão. Fez uma barreira de proteção e tropeçou no chão. O único problema é que a barreira, embora impressionante e protetora, os impedia também de passarem para o outro lado.

— Temos de dar a volta e regressar...

O chão era muito irregular e estavam todos cheios de lama, sentiam-se presos. Tinha começado a choviscar e espalhava-se um cheiro a podridão bastante desagradável. Liam já tinha dito que parecia que se estavam a aproximar-se da origem daquele cheiro e Aslin não discordou. Mesmo assim, não conseguiam ver o fim das raízes, que pareciam formar uma parede ao seu redor.

Liam parou e Aslin foi de encontro a ele, suportando o peso de Conlai. Em frente a Liam estava a idosa que Aslin tinha visto antes, com as vestes rotas e as verrugas na cara. A cesta, ainda coberta com o pano imaculado, parecia ser a origem do mau cheiro. Quando sorriu para eles mostrou os dentes podres.

— É um espírito — murmurava Liam —, devemos ter de pagar um tributo para passar para o outro lado.

— *Aslin, a escolha é tua... para passar em segurança e continuar o caminho para a casa que é o teu destino, deves escolher...*

Apareceram três globos à sua frente. Cada globo tinha uma chave e na frente deles, onde antes estava a idosa, estava agora uma porta.

— Escolho uma chave? Mas escolho como?

— Aslin, as chaves...

As chaves ardiam. A tarefa não estava na escolha, mas em suportar a dor até encontrar a chave certa. Apenas Aslin conseguia enfiar as mãos nos globos. Respirou fundo e agarrou a primeira chave. Gritando de dor, enfiou-a na fechadura que rodou. Já soluçava quando puxou a porta para si.

— FECHA! FECHA!

Liam empurrou a porta até fechar e Aslin deixou cair a chave no chão. Enquanto a chave se desvanecia em fumo, Aslin olhava interrogativamente para Liam.

— Essa chave abria uma porta para sombras. Estavam a avançar muito rapidamente. Aslin, tens de tirar outra chave, depressa!

Aslin quase não sentia a mão, só uma dor imensa. Engolindo as lágrimas, enfiou a mão no segundo globo e agarrou a chave. O grito que deu a seguir não parecia humano. Liam ajudou-a a chegar à porta e rodou a chave. Desta vez, as raízes da árvore recuaram e a porta desapareceu.

Perceberam que o efeito era temporário porque as raízes voltaram a crescer. Liam pegou em Aslin ao colo e correu atrás de Conlai. As raízes eram mais grossas do que assumira e corriam desesperadamente para não ficarem cercados no meio delas. Com um derradeiro esforço, Liam quase voou sobre as últimas raízes e caiu no chão com Aslin.

— Obrigada — Aslin respirava com dificuldade, agarrada à mão.

— Conlai, o saco dela — procuraram dentro do saco o boião que Aslin tinha usado em Layla e cobriram-lhe a mão com o creme. Aslin, entretanto, tinha ficado inconsciente com as dores.

— Que mais podemos fazer?

— Não podemos ficar parados.

— Aslin é a nossa guia.

— Tivemos de andar muito face ao caminho original... Vamos andando junto às raízes até encontrarmos o tronco e depois seguimos em frente. Esperemos que ela acorde até lá.

O caminho era difícil e o nevoeiro espesso não ajudava. Andavam cada vez mais devagar até pararem para descansar.

— O que se passou?

— Aslin, estás bem?

— Eu... porque tenho a mão ligada? Oh!

— Aslin, sentes-te com força para ver o caminho?

— Sim, claro — Aslin estava cheia de dores, mas não o ia mostrar. Puxou o seu anel, transfigurou-o em cubo e colocou a mão por cima, pedindo luz para chegar à casa de Ioymar. Levantou-se para começar a andar, mas teve uma tontura e viu-se erguida no ar por Liam.

— Apontas o caminho e eu sigo as tuas indicações — não esperou pela sua anuência. — Conlai, o saco.

Continuaram a andar em passo acelerado pelo terreno lamacento, até que começaram a ouvir passos. Eram os seus passos, estavam a ouvir o eco. Parecia que estavam a andar em cima de pedras num lugar vazio.

Hesitaram por um segundo, mas em breve corriam o mais que podiam. Ficaram estendidos no chão quando embateram numa parede invisível. Foram palpando a parede em busca de uma saída, mas depressa voltaram ao ponto de partida.

Estavam presos entre paredes que não viam.

— Ah! Ah! Ah! — o riso era absolutamente sinistro. — *Aslin... a próxima escolha não será tão fácil.*

Três cordas caíram em frente dela, teria de as puxar uma a uma e descobrir qual delas os tiraria dali.

— Aslin, usa o cubo.

O cubo de Sunuywt! Com ele veria alguma coisa. Transfigurou o anel em cubo e tentou ver o que as cordas traziam, não conseguia ver nada.

— Escolhe uma e puxa... Rápido!

Conlai e Liam estavam prontos. Aslin não estava assim tão certa.

Puxou a primeira corda. Nada. Puxou novamente.

— Ei...

— Mas que...

Água começou a jorrar por todos os lados e já lhes chegava à cintura.

— Depressa, puxa outra!

Quando estavam quase a ficar sem pé, puxou a segunda corda e uma quantidade de bichos e vermes começaram a cair e a nadar na água. Aslin não sabia nadar, estava assustada e já tinha água pelo pescoço. Puxou a última corda e sentiu-se a ser puxada para debaixo de água, como se estivesse a cair num buraco ou num poço. A última coisa que viu antes de perder a consciência foi uma casa ao longe.



Capítulo XVI

Aslin tentava focar a vista, tinha uma dor de cabeça horrível e estava totalmente encharcada. Tentou levantar-se com o apoio do cotovelo e caiu logo de seguida. As dores na cabeça eram tantas que se sentia a rodopiar mesmo estando parada no chão.

— Hummm...

Voltou a fazer uma débil tentativa de abrir os olhos. Desta vez, conseguiu abri-los depois de umas piscadelas. Esperava ver o nevoeiro... que parecia ter umas pinceladas de azul. Azul? Via o céu dali. Seria possível?

Olhou para o lado e viu ao longe a casa, por conta da emoção, susteve a respiração. A casa que tinha visto enquanto lia o livro. Era a cabana de Ioymar. Sentiu um espasmo a percorrer-lhe o corpo, inclinou-se de lado e vomitou até se sentir vazia. Voltou a ficar inconsciente.

Desta vez, quando acordou viu uma cara a pairar por cima dela. Uma cara que infelizmente já conhecia.

— O que vou ter de fazer agora? Mais cordas? Mais escolhas?

— Não.

As verrugas começaram a desaparecer e o cabelo a encolher até ficar preso num carrapito dourado. As vestes rotas foram-se transformando até ficarem num bonito vestido vermelho.

— *Querias chegar à cabana de Ioymar? Aqui estás. Mas a cabana está protegida por magia, mais forte do que imaginas. Quase todos os filhos de Ioymar encontraram aqui o seu fim, a magia ainda aqui está. Mas só consegue entrar quem possuir o espírito de Ioymar. Se tentares entrar e não possuíres o seu espírito morrerás.*

— O que significa possuir o espírito de Ioymar?

A mulher do vestido vermelho não respondeu. Fitou-a durante algum tempo até falar.

— *Podes fazer uma pergunta.*

— Porque tiveram de morrer?

— *Quem?*

— Ioymar, os filhos, Layla,... que luta ingrata é esta que vai acabando connosco aos poucos...

— *É essa a tua pergunta?*

Aslin recompôs-se.

— Quem envenenou as crianças?

A mulher aproximou-se e colocou uma mão na testa de Aslin. Viu o rosto do homem que tinha dado os doces ao desconhecido. Depois, outra imagem, viu Ioymar na floresta, com medo, assustado e o modo terrível como morreu. Viu que o mesmo homem estava por detrás da sua morte. Outra imagem, o mesmo homem, mas mais velho. Yukane. A espetar um punhal no neto de Ioymar que o olhava surpreendido.

Quando largou Aslin, esta deixou-se cair no chão, com os olhos fechados.

— Porquê?

— *Uma pergunta, Aslin. Era só uma. Poderás encontrar mais respostas na cabana... se arriscares.*

Aslin abriu os olhos para refutar, mas não encontrou ninguém ao pé de si.

— Espera! Onde estão Liam e Conlai?

Ouviu um sussurro de muito longe.

— *Algures na floresta... floresta... floresta...*

Deixou-se estar deitada durante algum tempo até fazer mais uma tentativa para se levantar. Desta vez, correu melhor. Estava ainda um pouco tonta, mas melhor. Ainda tinha a roupa molhada, já para não falar do cabelo, que parecia ter vontade própria. Passou uma mão por si mesma e ficou imediatamente com melhor aspeto, como se nunca tivesse passado por um estado menos apresentável. Viu o seu saco perto de si e agarrou nele. Estava a começar a ficar com febre. Tomou um dos xaropes de Layla. Não podia ficar doente naquela altura.

Encheu-se de coragem e seguiu em frente. Sentiu o ar a mover-se à sua volta e a trazer consigo uma imagem do passado. Mahia com o bebé ao colo... todos estavam como naquele desenho do *Livro de Ioymar*.

Andou devagar, respirando fundo o ar que havia ali. Era tão bom sair do nevoeiro! Via o nevoeiro à sua volta, mas agora estava a aproximar-se da cabana de Ioymar. A magia era forte ali. Entrou na cabana. Estava tudo arrumado, os pratos a um canto, panos noutro, um grande quarto ao fundo e umas escadas para o andar de cima. Havia uma grande sala ligada à cozinha, como se fossem uma só divisão.

Aslin sentiu as lágrimas assomarem-lhe os olhos quando viu roupa dobrada numa cadeira para arrumar. Sabia que Mahia e a irmã de Ioymar tinham partido apressadamente, mas a roupa, as cadeiras meio afastadas, tudo reforçava o caráter de urgência com que tinham partido.

Sentou-se numa das cadeiras e encolheu-se com o resmungar do estômago. Há quanto tempo não comia? Bem, era irrelevante já que tinha vomitado tudo havia pouco tempo...

Procurou na sua bolsa e comeu o que tinha. Decidiu aquecer água para o chá e foi com alívio quando notou os toros armazenados ao lado da lareira. Quando estava a meio do processo, deteve-se. Devia acender a lareira? Isso podia atrair forças desnecessárias. Deixou a ideia de lado.

Subiu as escadas e deitou-se no primeiro quarto. Estava tão cansada e cheia de dores no corpo... quando se deitou, pensou em dormir, recuperar forças. Não podia baixar as defesas, por assim dizer. Mas quando se virou para o outro lado, já dormia profundamente.

Teve sonhos confusos — estava a fugir na floresta, mas não chegava a lugar nenhum. Só ia de encontro a paredes. Via-se alternadamente em pânico a correr e feliz a apanhar flores.

Foi despertada por um rugir, que atribuiu a algum animal. Sobressaltou-se quando percebeu que a origem do som era a sua barriga. Fome outra vez? Quanto tempo tinha dormido? Ainda era de dia... de qualquer forma, sentia-se muito melhor. Desceu e procurou comida nos armários, embora soubesse que não ia encontrar nada. Tinha visto umas bagas nuns arbustos, ia comê-las a seguir e...

Parou quando abriu o primeiro armário. A fruta estava fresca. O pão mole e cheiroso. E... Oh céus, havia água. Bebeu sufregamente e só depois pensou nas consequências. Há várias gerações que ninguém entrava ali. Como podia estar tudo em tão perfeitas condições? Uma vizinha na sua mente sussurrava magia.

Deu uma volta pela sala enquanto comia. Havia umas cadeiras e uma estante com livros espalhados por todo o lado. Sentou-se a olhar para ela. Havia um espaço livre e Aslin sabia o livro que faltava. O último diário de Ioymar. Sabia o que tinha de fazer, tinha-o visto no livro. Só ela sabia como usar o livro. Sentia pena de se separar de um bem tão precioso...

Retirou o livro do seu saco e folheou-o uma última vez. Tinha sentido o bater do coração de Ioymar nas suas palavras, o seu amor, a sua desilusão... tinha dado vida uma última vez aos seus filhos, à imagem que deles guardava. Tinha visto os seus sonhos para uma floresta unida.

Com muito cuidado, fechou o livro. Caminhando devagar, atravessou a sala e colocou o livro no espaço que faltava. A irmã dele tinha preparado tudo. O seu neto não tinha sete anéis, tinha somente seis. Um deles permanecia ali guardado. Quando acabou de encaixar o livro no seu devido lugar, os diários de Ioymar tremeram e uma onda de pó explodiu na sua cara.

Quando parou de tossir, viu que os diários tinham desaparecido. No seu

lugar estava um cubo. Pegou nele com todo o cuidado. Este cubo detetava as mentiras e surpreendente funcionava mesmo estando transfigurado em anel.

Transfigurou o cubo e abriu o fio para o juntar aos outros três que possuía. Adormeceu enquanto comia na cozinha. Quando acordou estava furiosa consigo mesma.

— Assim não. Só como e durmo, já perdi a noção do tempo!

Saiu da cabana e sentou-se nas escadas. Ver o céu ajudava-a a pensar. Tinha de voltar a Surianar, desconfiava que Claiher, antes de morrer, a queria levar até ao poço. Agora sabia porquê. Embora na sua cabeça não o sentisse assim, já tinha perdoado Claiher. Nunca iria descobrir se ele pretendia ou não fazer-lhe mal, mas por tudo o que lhe ensinou, por Layla, não guardava ressentimentos. Já tinha passado por tanto... além disso, em Kilarn tinha percebido que as pessoas são capazes de tudo pelos que amam. Mesmo que isso signifique fazer algo que saibam estar errado.

Tinha de voltar a Surianar... mas ainda não sabia como. Viu um cauda-azul a voar por ali e chamou-o assobiando. Para sua grande surpresa, o pássaro voou direto para as suas mãos.

— És um pequeno obediente, hã?

— *Às tuas ordens, Aslin.*

— AIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIII!

Largou rapidamente o pássaro que a observava espantado, enquanto ela fugia para dentro de casa. O pássaro voou até ela e fez-lhe uma pequena vénia. Aquilo era demais e Aslin desmaiou.

— *Aslin... Aslin... acorda...*

Aslin esfregou os olhos e levantou-se do chão. O pássaro tinha falado com ela? Impossível, estivera demasiado tempo ao sol, eram alucinações. Ou então, estava com fome ou precisava de dormir. Claro, estava a sonhar! Era isso, tinha sonhado com tudo. Tinha sido isso. Satisfeita com a conclusão, sentou-se na cadeira mais próxima enquanto respirava fundo.

— *Melhor?*

— Hiiiiiiiiic! — Aslin soltou um guincho e deixou-se ficar quieta.

— Estou a imaginar, estou doente, devo estar com febre...

— *Chamaste-me. Eu vim.*

— Claro, faz todo o sentido...

— *Permite-me que te dê os meus parabéns atrasados.*

— Claro, claro... hã?

— *Parabéns. Pelos teus dezasseis anos.*

Seria possível que tivesse feito anos e não tivesse dado conta disso?

— *Estavas a dormir.*

— Isso não explica porque estou a falar contigo.

— *Neste momento não estás, eu estou a ouvir os teus pensamentos. Mas tu também consegues ouvir os meus.*

— Estou a ficar louca...

— *Não, não, eu...*

— Cala-te, por favor! E mantêm-te fora dos meus pensamentos — colocou a cabeça entre as mãos. — Não acredito que estou a falar com um pássaro.

— *Um dos poderes que adquiriste com os teus dezasseis anos é o da comunicação com os animais. Por isso chamaste-me, porque consegues comunicar comigo.*

Aslin fitou-o como se quisesse fazer dele o almoço dela.

— Digamos que acredito no que dizes... como não dei conta? Espera, o cansaço, o mal-estar, o tempo que dormi...

O pássaro inclinou mais uma vez a cabeça. Aslin suspirou.

— Que mais posso fazer?

— *És muito poderosa. O único que falava com os animais era Ioymar. Mas desconheço os outros poderes.*

— Que mais é que Ioymar fazia?

— *Bem... conseguia ver com os nossos olhos, mas raramente fazia isso.*

— Ouve lá, estás por aqui desde o tempo de Ioymar? Não devias... bem...

— *Vou tentar não tomar isso como insulto, caso não saibas os cauda-azul são imortais.*

Aslin estava a tentar perceber se estava louca ou não, mas por agora ia confiar no pássaro. Deu-lhe água e ia apanhar as bagas que tinha visto quando o pássaro apareceu à sua frente a voar que nem um louco.

— O quê? O quê? Também partilho contigo.

— *Não! Aslin, foi aí que Mahia enterrou o doce envenenado que não comeu. Essas bagas devem ter nascido daí...*

Aslin respirou fundo. O pássaro estava a irritá-la, mas se o que dizia era verdade, tinha-a salvo de uma morte dolorosa...

— Tenho de voltar a Surianar. Achas que me podes mostrar o caminho?

— *Claro. Mas não seria melhor ver primeiro se os Flaiines tomaram a população?*

— Podes fazer isso?

— *Não, mas tu podes. Vê pelos meus olhos.*

— Pois, claro...

A noite chegou depressa, Aslin comeu fruta e foi deitar-se com o pássaro a seu lado. Assim que adormeceu, abriu os olhos e percebeu que algo estava errado. Estava a ver-se a si mesma... e tinha asas.

— *Vamos para Surianar?*

Aslin levou a mão à garganta como se estivesse a sufocar e abriu os olhos.

— Mas que... foi horrível!

— *Ah sim?* — o pássaro parecia ofendido.

— Quero dizer, ver-me a mim própria, foi assustador.

— *Oh!*

— Como é que isto é possível? Está bem, iremos até Surianar primeiro,

mas se os *Flaiines* estiverem lá não irão reconhecer um cauda-azul?

O pássaro transformou-se num corvo à sua frente. Eram comuns perto do nevoeiro. Ninguém olharia para o pássaro duas vezes. Ele inclinou a cabeça, formulando uma pergunta e Aslin assentiu.

Deixou-se adormecer novamente. Desta vez, abriu os olhos com cuidado, o impacto de se ver a si mesma continuava a ser horrível. Afastou esses pensamentos. *Para Surianar*, pensou.

Enquanto o pássaro voava, Aslin percebeu que partilhava a visão com ele, mas nada mais. Ainda sentia o corpo na cama. Se pudesse ter sorrido, tê-lo-ia feito.

Voaram durante imenso tempo. Aslin só via o nevoeiro, não sabia como ele se orientava. Perdeu totalmente a noção do tempo, se era muito, se era pouco, via o Sol a mover-se, mas era incapaz de dizer quantos dias tinham passado.

Então, o cauda-azul voou para mais perto do nevoeiro. Juntou-se aos outros corvos que estavam próximos da casa de Claiher. Estava fechada. Porque estava Surianar tão silenciosa? Seguiu caminho até ao nevoeiro mais próximo da Casa do Mestre. Aslin sentiu o alívio no coração quando viu Sunuywt e Rair. Mas... estavam com umas vestes estranhas...

Mais umas voltas por Surianar e percebeu que os *Flaiines* tinham tomado a aldeia. Rair trabalhava a limpar a Casa do Mestre, onde os mesmos se tinham instalado, e Sunuywt era convidado deles. Como *Flaiine* não se devia submeter a esse tipo de trabalhos.

Era horrível. Todos os outros estavam nos campos, vigiados por alguns jovens com os olhos febris de poder. Antes, a magia era temida e escondida, mas agora parecia que aqueles que a possuíam não tinham outro desejo além de mostrá-la. Mostrar que eram *Flaiines* era um passo em direção ao poder absoluto.

O cauda-azul iniciou a viagem de regresso. Aslin tinha uma ideia de como voltar a Surianar. Não seria fácil, mas não era a primeira vez que o fazia.



Capítulo XVII

Aislin voltou a si ainda o cauda-azul estava a regressar. Não estranhou a fome que tinha, devia ter estado sem comer durante vários dias. Atacou a comida que estava na mesa até não conseguir comer mais, nem uma pequena migalha.

E começou os treinos. Encheu uma bacia com água e fitou-se. Transformou primeiro o cabelo. Curto, muito curto, com uma pequena trança atrás. Depois a cara. Os olhos mais redondos, o nariz um pouco maior, os lábios mais generosos, a boca mais grave. Continuou com o resto do corpo. Sentiu-se desconfortável a uma dada altura, mas tinha de ser. Tomaria o lugar de um dos jovens que vira a andar no campo. Precisava de estar próxima dos campos. Mas, antes disso, teria de descobrir mais sobre ele.

Transformar-se em Lunza foi mais fácil, conhecia-a há muitos anos. Viu-a nos campos e seria então esse o primeiro passo.

O passo seguinte, seria Aslin inspecionar a caixa de Layla com bastante atenção. Precisava de *Alfarmin*, *Homanas* e outras ervas que deviam estar na caixa. Iria fazer uma mistura leve que deveria ser suficiente.

Secar as ervas e preparar a mistura levou dois dias. Quando o cauda-azul regressou, Aslin estava quase pronta para seguir viagem.

— *Não consegues fazer o transporte aqui.*

— *Essa mania de ouvires os meus pensamentos começa a chatear-me.*

— *Há alguém aqui perto. Mesmo protegidos pela magia, devemos ser cautelosos.*

— *Consegues mostrar-me quem é?*

— *Não. Estão protegidos. Mas procuram algo há muito tempo, diria que quase desde que saíste de Kilarn.*

— Quase desde... não pode ser Liam ou Conlai. Sabes o que lhes aconteceu?

— *Continuam na floresta. Eles têm de encontrar o próprio caminho.*

— Espera um pouco. Como sabes que estive em Kilarn?

— *Oh, sigo os teus movimentos desde que entraste no nevoeiro. Senti a tua magia, mesmo com os cubos que tens, é difícil escondê-la.*

— Passarei despercebida em Surianar?

— *Aqueles em que te vais transformar também têm magia?*

— Um deles é *Flaiine*, mas para chegar até ele tenho de usar uma rapariga que não é.

— *Hum. Não confias em ninguém em Surianar?*

— Numa pessoa *Flaiine* e em duas que não o são: Sunuywt, Rair e Lunza. Mas não os queria colocar em perigo. Pensei em transformar-me em Lunza primeiro.

— *Tenta fazer chegar-lhes uma mensagem.*

— Como?

— *Como vais lá chegar?*

— Como não consigo fazer o transporte aqui, vou fazê-lo assim que entre no nevoeiro.

— *E vais transportar-te para onde?*

— A casa de Claiher está vazia. Estava a pensar...

— *Esse não seria o primeiro sítio onde eles procurariam?*

— Talvez. Mas devo arriscar. Ou então...

— *Ou então...*

— Vou transportar-me para Casa do Mestre. Há uma salinha que... bem, depois explico. Tenho de arrumar as coisas no saco.

O pássaro fez uma vénia com a cabeça e retirou-se.

Mais tarde, enquanto descansavam nos degraus da cabana, Aslin explicou que iria transportar-se para os túneis, mais especificamente, para junto da parede da salinha que dá acesso aos túneis. Ali havia muita magia, ou seja, não seria detetada tão cedo. Pelo menos assim o pensava.

— Consegues ver qual o melhor sítio para entrar no nevoeiro?

— *Há muita gente no nevoeiro estes dias. Flaiines e viajantes. Mas estarás segura se entrares por onde vieste. De qualquer forma, vou verificando isso. Quanto tempo é necessário para o transporte?*

— Não sei, não muito... confesso que não o fiz muitas vezes.

Iria sentir saudades da cabana e da sua paz. Sobretudo da sala onde estavam os livros. Tinha folheado alguns por pura curiosidade e tinha encontrado desenhos de Ioymar, histórias que ele tinha escrito para os filhos, receitas, uma série de folhas soltas com anotações de várias pessoas... enfim, de tudo um pouco.

Tinha-se sentido mais sozinha em Surianar do que ali, naquele recanto perdido na floresta, que podia percorrer com um único sopro. Ela, que sempre quis liberdade e se sentia presa em Surianar, várias vezes com um sentimento

de quase superioridade, ali sentia-se muito confortável, como se estivesse finalmente em casa. O problema não estava no local, mas nas pessoas que dele faziam parte. Parecia simples, mas só agora conseguia perceber isso.

Com tudo arrumado e pronta para partir, permitiu-se passar mais uma noite na cabana. Tão cedo não voltaria ali... talvez nunca mais. Além disso, a tarefa que tinha pela frente não lhe permitiria muito descanso.

Na manhã seguinte, o pássaro deu uma última volta e assegurou-lhe que aquele era o melhor local para entrar no nevoeiro. No entanto, teria de fazer o transporte rapidamente, pois a sua magia seria sentida. Assomaram-lhe à mente palavras que tinha ouvido há muito tempo... o maior perigo no nevoeiro somos nós próprios. Nunca tinha percebido e sentido tanto o significado daquelas palavras como agora.

O pássaro seguiu caminho para Surianar, como lhe disse, o transporte não era bem para ele. Chegaria lá pelos seus próprios meios. Com desejos mútuos de boa sorte, despediram-se.

— *Se precisares de mim, só tens de pensar nisso e eu chegarei o mais depressa possível. Cuidado e toma conta de ti.*

Aslin sorriu para ele, ficou a vê-lo enquanto se afastava no ar. Respirou fundo, ergueu a cabeça e entrou no nevoeiro. Estava húmido e seco ao mesmo tempo, o frio entranhou-se nos ossos. Tentou bloquear tudo isso e os sons que não reconhecia da sua mente, e apenas concentrou-se no transporte.

Os túneis escuros e frios, as pedras que os separavam da sala. Os ruídos de fundo. Sentiu alguém a chegar perto de si. Com um solavanco estava nos túneis. Fez uma chama com as mãos e conteve-se para não gritar de satisfação, estava no sítio exato onde queria estar.

Pousou o saco no chão e devolveu a forma de cubo ao anel de Sunuywt. Queria ver se estava alguém na sala. A salinha parecia vazia e intocada desde a última vez que tinham lá estado. Arrumou cuidadosamente o saco, manteve consigo apenas uma pequena bolsa, que colocou à cintura, e a adaga que escondeu nas mangas do vestido. Concentrou-se mais uma vez e transportou-se para a salinha.

Estava prestes a mover a estante falsa quando ouviu vozes ao longe. Construiu uma barreira de proteção, esperando que fosse o suficiente para não ser descoberta.

— Não tenho mensagens novas para ele. Os meus homens continuam a procurar incessantemente pela rapariga.

— Achas que sobreviveu ao nevoeiro?

— Se ela tivesse morrido já o saberíamos.

— Deste instruções para que a trouxessem viva, certamente.

— Claro.

MENTIRA.

A palavra ecoou nos ouvidos de Aslin como um grito. Sentia o anel que tinha encontrado na cabana, que estava no fio junto aos outros, a ferver.

— Ainda não percebi o interesse de Kumorian na rapariga.

— É muito poderosa e será uma aliada valiosa... não vejo outra razão.

MENTIRA. QUEREM USAR-TE.

Pois, nada que ela já não soubesse...

— Como vão as coisas aqui, em Surianar? Acho tudo estranhamente calmo.

— Encontrámos menos *Flaiines* do que pensávamos. Esses, passados uns dias, aceitaram bem. Os outros não. Surianar não é como as outras povoações, os habitantes eram prósperos e estavam bem.

— A vossa exibição de força sem a autorização de Kumorian também contribuiu para que não fossem bem aceites.

— Hum.

— Sigo para Kilarn e depois irei falar com Kumorian. Desejas transmitir alguma coisa a qualquer um deles?

— Não.

MENTIRA.

— Antes de ires, aconselho-te a falar com Liam. Conlai continua desaparecido, mas ele voltou. O que diz não faz sentido.

— Ainda não percebi porque deixaste que a acompanhassem.

— Pensei que os apanharia em Kilarn.

MENTIRA. QUER O CUBO DA CABANA.

— Além disso... estava ocupado com as negociações, não sei se te recordas.

— Sim, lembro-me bem. Falarei com Liam sobre o assunto. Assim que a apanharem, quero ser informado.

— Claro, sem dúvida.

MENTIRA.

Aslin usou o cubo de Sunuywt, mas não reconheceu nenhum dos dois que falavam. O alívio por Liam estar bem, foi substituído por uma raiva crescente. Ele estava ao serviço de Kumorian? Layla tinha razão... *cuidado com os irmãos.*

— Espero também saber quando o teu irmão Conlai voltar, acho incrível como se separaram os três uns dos outros.

— Espera até ouvires a história de Liam... tive de o isolar dos outros, parece meio louco. E perdeu a magia.

Aslin esperava que o cubo gritasse mentira, mas não o fez. Liam teria mesmo perdido a magia? Como era possível?

Os dois homens despediram-se e o coração de Aslin deu um pulo quando viu Sunuywt entrar na sala pouco depois.

— Reconsideraste a minha proposta?

— Não. Não vou capturar Aslin, nem sei onde está.

— Podias ser grande, muito grande Sunuywt, se te juntasses a nós.

— Não. Farei o possível para ajudar Surianar, mas não me juntarei a assassinos de mulheres e crianças.

Uma gargalhada ecoou pela sala.

— Que altos valores pregas. Talvez com o tempo vejas o nosso poder e o que conseguimos alcançar, e mudes de opinião. Não sentes o doce sabor da liberdade? Agora podes usar os teus poderes à vontade, não tens de os esconder. Junta-te aos teus irmãos.

— Jamais.

— Hum. Vai então, junta-te aos outros que andam por aí e não sabem o que é a magia.

Aslin sentia a frustração em cada palavra. Para este homem era inconcebível que alguém com magia não apoiasse os seus.

— O que esperas? Vai!

— Venho pedir que libertem Liam. Mesmo estando, como dizes, «meio louco», pode ajudar nos campos. Estar fechado não é de todo o melhor, para não dizer que não deve ser do seu agrado.

— Bem, mas Liam prefere estar aqui.

MENTIRA.

— Apoia a nossa causa e optou por se juntar a nós. Algo que já não pode fazer...

— Por isso mesmo.

— Já te disse, ele quer estar aqui.

MENTIRA.

Alguém bateu à porta e ambos saíram da sala.

Aslin deixou-se cair no chão. Sunuywt jamais se juntaria a eles. Não sabia o porquê, mas aquelas palavras aqueciam-lhe o coração. Mas ele não sabia de Liam... seria perigoso para ele e para Rair se Conlai também aparecesse.

Aslin tinha de prosseguir com o plano e preocupar-se com isso depois. Tinha de chegar àquele poço. Tinha tido sorte, eles não tinham conhecimento daquela sala. Tinha apenas de aguardar pelo momento certo para que pudessem estar todos juntos a salvo.

Já era noite cerrada quando pensou em transportar-se para a sala. Parou de imediato quando ouviu ruídos. Suspirou de alívio quando viu Rair e Sunuywt esgueirarem-se para a sala. Estava prestes a transportar-se, quando notou que eles se mexiam sem ruído. Não estavam sozinhos, usou o cubo para confirmar o seu pensamento. De facto, não estavam sozinhos, estava mais alguém na sala. Por isso não falavam. Rair colocou-se na luz, enquanto Sunuywt parecia estar a seu lado. Quando ouviu um grito abafado, percebeu que ele tinha imobilizado o observador secreto deles.

Voltou a usar o cubo e como não viu mais ninguém, abriu a porta. Se o susto matasse, Rair teria parado de respirar ali mesmo. Sunuywt também ficou imóvel. Aslin fez uma chama com as mãos e fez sinal aos dois que se apressaram.



Capítulo XVIII

Quando girou a estante e os isolou do mundo exterior, abraçou-os com uma só mão.

— Aslin!

— Shhhh, não nos podem ouvir.

— Como... Quando...

— Estás bem?

— Liam deu a entender que estavas perdida e...

— Nós já tínhamos decidido procurar-te...

— Calma! Estou muito contente por vos ver. Tenho outro anel e não devem confiar em Liam.

— O quê?

— Outro?

— Como?

— Onde?

— Saíste do nevoeiro?

— Eles seguiram-te até Kilarn, foi lá que encontraste o outro anel.

— SHHH!!! — ela chorava e ria ao mesmo tempo. — Conto tudo, mas não agora. Preciso da vossa ajuda.

Explicou-lhes que precisava de ir até ao poço, que era muito importante.

— O poço é muito bem guardado. Só se assumisses a figura de um dos guardas. Mesmo assim, os outros teriam de ser imobilizados por algo que os impedisse de retaliar.

— Assumir... estás louco!? Qualquer pessoa vê que é uma mulher.

Sunuywt e Aslin trocaram um olhar. Tinham de explicar muita coisa a

Rair.

Aslin ia falar quando ouviu um ruído na sala. O homem que Sunuywt tinha imobilizado, recuperara os sentidos e saiu a correr.

— Temos de ir, não saias daqui, voltaremos amanhã à noite.

Depois de um abraço apertado, Aslin usou o cubo para ver se mais alguém se encontrava na sala. Com o caminho livre, voltaram a abrir a porta e eles saíram. Aslin transportou-se para os túneis. Sentia-se mais segura ali. Fez uma barreira de proteção e adormeceu.

Acordou ao entardecer. Percebeu que com toda a emoção do dia anterior, não lhes tinha perguntado o que faziam eles ali. Aguardava com expectativa que Rair e Sunuywt voltassem nessa noite. Usou o cubo para ver a salinha e a sala principal, acabando por não ver ninguém. Transportou-se para a salinha e esperou que eles aparecessem.

Foi uma longa espera, já a Lua ia alta no céu quando eles chegaram, sorrateiramente e muito devagarinho. Não estava mais ninguém na sala, por isso Aslin abriu a porta. Sorriu abertamente quando viu que eles traziam comida.

Enquanto partilhavam uma refeição, trocavam ideias.

— Bem, podemos ir pelos túneis, já o fizeste uma vez e...

— Esquece, aqueles túneis têm armadilhas. Nós quase ficámos presos. Se não fosse Layla... — engoliu em seco. Eles ainda não sabiam. Tinha de lhes dizer.

— Layla salvou-nos nos túneis. Piorou a partir daí e acabou por falecer na casa de Lunza, onde nos tínhamos refugiado.

— O fogo... foram vocês?

Incapaz de falar, Aslin assentiu com a cabeça.

— Ela estava muito debilitada — Sunuywt passava-lhe um braço pelos ombros.

— Não deves culpabilizar-te pelo que aconteceu.

Rair tossicou para chamar a atenção.

— Bem, excluindo os túneis, voltamos ao teu plano. Tens de tomar o lugar de alguém que, Sunuywt já me explicou, consiga chegar ao poço. Não vejo como o ias fazer sem nós...

— Esqueceste-te de que estive no Vale das Curandeiras? Aprendi muito lá — bateu com a mão na bolsa.

Ambos fitaram-na com curiosidade. Estavam todos muito diferentes, mas estavam igualmente mais fortes. Aslin estava contente por poder contar com eles.

— O que vais fazer depois de chegares ao poço?

— Vou ter de mergulhar nele, suponho...

— O quê? Aslin, não sabes nadar!

— Não preciso de saber. A verdade — apressou-se a dizer — é que não sei ainda o que vou fazer, mas tenho de recuperar duas coisas daquele poço. Se tiver de saltar lá para dentro para o fazer... bem, porque não?

Continuaram a falar e decidiram que o melhor seria criar uma distração, um incêndio, enquanto Aslin tomava o lugar de um dos três *Flaiines* que estavam a proteger o poço. Sunuywt e Rair dariam conta dos outros dois. Para não levantar suspeitas, Aslin iria assumir a forma de Sunuywt até chegar ao *Flaiine*. Não os preocupava que viessem a culpar Sunuywt, ficou decidido que este a acompanharia pelo nevoeiro depois.

Rair estava «preso» a Surianar pelo dever. Não faria as coisas de outra forma. Como sucessor do Mestre preocupava-se com o bem-estar de todos, não os podia deixar.

Aslin não queria acreditar que tinha de se separar do irmão novamente, mas não havia outra solução. Executariam o plano dali a dois dias, Jinar, o *Flaiine* que estava encarregue de Surianar, estaria ausente nessa altura com alguns dos seus melhores homens. Seria mais seguro.

Na noite seguinte, permitiram-se esquecer tudo o que passava à sua volta e contaram histórias para rir, lembraram memórias de infância, onde as discussões com a tia tiveram especial destaque. Aslin percebeu que não tinha perguntado por ela.

— Onde está a tia?

— Levou as crianças e Hijna para o Vale das Curandeiras. Teve uma discussão com Jinar e na primeira oportunidade foi-se embora. Eu não diria que fugiu, diria antes que Jinar a deixou ir.

Aslin e Rair sorriram. Jinar tinha sido sábio na decisão de a deixar ir. Estavam a falar, protegidos por uma barreira de proteção feita por Aslin, quando Sunuywt levou o dedo aos lábios. Apagaram de imediato as chamas. Quem se encontraria na sala àquela hora?

— Temos de manter o regresso dele em segredo — Jinar falava num tom quase inaudível.

— Está tão louco quanto Liam?

— Não sei. Pelo menos tem a magia. Diz que só fala depois de ver Liam.

— Não percebo como são todos irmãos.

— Mesmo pai, mães diferentes... diz-me, o que é que ele te disse?

— Qualquer coisa como as chaves queimaram a mão de Aslin, mas não faz mal porque depois nadaram no rio...

— E ainda me dizes que não está louco!?

— Pareceu-me que não...

— Parto amanhã depois do almoço. Vou levar ambos comigo.

— Falarás com Kumorian?

— Primeiro quero que recuperem... afinal são os meus irmãos.

MENTIRA.

— Vou levá-los para Kilarn primeiro.

MENTIRA.

— Depois para o Vale das Curandeiras, talvez os possam ajudar e curar.

MENTIRA.

— Porque não vais diretamente para o vale?

— Tenho afazeres em Kilarn que não podem ser mais adiados.

Continuaram a conversar sobre coisas sem interesse durante alguns momentos e depois foram embora, primeiro Jinar e depois o outro homem.

— Amanhã Aslin, tem de ser amanhã — sussurrou Sunuywt.

Aslin anuiu. Assim que eles foram embora, ela começou a ter dificuldade em adormecer. Não se podia esquecer do plano. Sunuywt iria transportar-se para a salinha. Ao mesmo tempo que ela se transformaria em Sunuywt, Rair adicionaria à água, que levaria para os *Flaiines*, a mistura que Aslin tinha feito. Enquanto eles bebessem a água, Sunuywt pegaria fogo à antiga casa de Aslin. Sunuywt — Aslin nessa altura — estaria perto do poço, a água já deveria ter causado o cambalear dos *Flaiines* e mais tarde fazer com que perdessem a consciência, que era suposto. Se não acontecesse, Aslin espetaria uns espinhos de *Homanas* que garantiria o seu sono.

A primeira parte correu bem. Sunuywt chegou, Aslin transfigurou-se com cuidado nele. Sentiu o cabelo a encurtar, a cara a alongar e viu-se a crescer em altura. A última coisa foi a roupa. Sunuywt desatou às gargalhadas quando Aslin falou com a voz natural dela. Esse tinha sido sempre o seu ponto fraco nas transformações, a voz.

— Bem, desde que não fales... acho que te safas.

— Engraçadinho.

Sunuywt depositou-lhe um beijo muito casto na testa e ajeitou-lhe o cabelo.

— Gosto da tua voz. Não me faz sentir um idiota total por te ajeitar o cabelo.

O sorriso dele desarmou-a por completo.

— Vamos.

Ele voltou para o quarto e Aslin saiu da salinha para a sala principal, transportando-se depois de conferir que não estava ninguém na sala. Saiu pela janela e dirigiu-se aos campos. Se as pessoas paravam para falar com ela, ou seja, com Sunuywt, Aslin apontava para a garganta e seguia caminho. Demorou quase a manhã inteira a chegar aos campos, e para ir para o lugar onde se encontravam os poços, ainda tinha de andar quase a mesma distância. Vendo que ninguém estava a olhar, transportou-se para uma localização mais próxima. Tinha visto através do livro onde estava o poço e felicitou-se por não se ter enganado.

Viu ao longe que uma rapariga de tranças distribuía a água pelos *Flaiines* que estavam junto ao poço. Esperava que a mistura com o líquido fizesse efeito rapidamente. Andavam mais pessoas por ali e alguns *Flaiines* conversavam calmamente.

Quando soou o alarme, os três que guardavam o poço ficaram em sentido, enquanto o resto das pessoas dispersava-se na direção do barulho. Bastou uns meros segundos para que comesçassem a cambalear. Aslin avançou na sua direção. Pegou no anel de Sunuywt, transformou-o em cubo e em

pouco tempo iluminou o poço. Viu o que os seus olhos não podiam distinguir — um embrulho grande e outro pequeno atados juntos.

Seria o maior desafio da sua vida.

Usou toda a sua concentração. Colocou as mãos por cima do poço, sentiu a água parada e, finalmente, sentiu os embrulhos. Quando estava segura dos embrulhos, puxou-os para si. Aslin arfava com o esforço tremendo que estava a fazer. O poço começava a desfazer-se em grandes bocados. Horrorizada, viu que puxava os embrulhos juntamente com bocados do poço, teve de segurar os mesmos no ar com uma mão, enquanto puxava os embrulhos com a outra.

Tens de tornar-te parte do que te rodeia, sentir o espaço à tua volta.

Não percebeu porque aquelas palavras de Claiher lhe tinham assomado à mente naquele preciso momento. Se o fizesse, sabia que destruiria tudo... Respirou fundo repetidamente e sentiu o poço, as paredes do poço, as pedras, tudo. Em vez de puxar, fez com que os embrulhos flutuassem até ela. Quase desatou a chorar de alívio.

Entretanto, Sunuywt tinha chegado junto dela e ajudou a retirar os embrulhos da água.

— Não temos tempo para os desembrulhar. Vem.

De mãos dadas, correram para o nevoeiro. Tinham ouvido passos atrás deles, mas já estavam longe de vista. A única coisa que os *Flaiines* conseguiram ver foram dois Sunuywt a serem engolidos pelo nevoeiro.



Capítulo XIX

*A*slin transportou-se de imediato para as proximidades da casa de Ioymar e arrastou Sunuywt consigo, para fora do nevoeiro. Deixaram-se cair no chão, completamente exaustos. Entretanto, Aslin tinha voltado à sua forma natural e fazia um esforço sobre-humano para respirar.

Sunuywt não estava melhor. Como ele não sabia para onde Aslin os ia transportar, foi um peso adicional que ela teve de carregar. Para ele, ser arrastado também não foi agradável.

— Aslin... Ouch, não, vai para o outro lado...

Rolaram cada um para o seu lado e deixaram-se ficar assim durante algum tempo.

— Sunuywt...

— Hum?

— Achas que Rair vai ficar bem?

— Sim. Eles respeitam-no. As negociações foram muito difíceis, sabes? Desde então que ele tem o seu respeito.

Sunuywt colocou-se de lado.

— O que têm esses embrulhos?

— Um deles tem o cubo mais precioso de Ioymar. O outro um espelho especial.

— Um espelho? Acho que nunca vi um. Tirando os espelhos de água em taças...

— Eu também não... mas este espelho é especial. Quando vi através do livro, vi que ninguém o conseguiu destruir. A família de Ioymar protegeu-o. O neto sabia que viria a ser preciso.

— Onde estão os outros anéis, os outros cubos?

— Com Kumorian.

Sunuywt deixou-se cair.

— Então está tudo perdido. Ninguém sabe onde é que ele está e mesmo que soubéssemos não lhe conseguiríamos tirar os anéis.

— Não estejas tão seguro. O espelho é a nossa arma secreta.

— *Voltaste. Como correu a missão?*

— Pássaro, olá! Sunuywt pássaro, pássaro Sunuywt.

— Aslin, estás a sentir-te bem?

— É uma longa história para te contar agora. Vamos desembrulhar o espelho e o cubo e já falamos sobre isso.

Colocaram ambos os embrulhos em cima da mesa. O tecido que envolvia tanto o espelho como o cubo devia ter magia, pois apesar do tempo que passaram no fundo do poço, estavam secos e mantinham a sua cor branca imaculada.

O cubo era diferente de todos os outros. Um simples cubo de madeira preta que nem sequer estava tão trabalhado quanto os outros. O espelho, por outro lado, estava generosamente trabalhado. Do tamanho de um tampo de uma cadeira, tinha desenhos intrincados que Aslin reconheceu como os filhos de Ioymar e o próprio.

Também lá estavam as irmãs de Ioymar, como era possível? Os netos também estavam desenhados no espelho. Assim como Aslin, Layla, Claiher, Sunuywt e Rair. Estavam mais algumas figuras que Sunuywt elucidou como sendo importantes na luta pela igualdade de todos ao longo dos tempos. Pessoas que Aslin não conhecia, mas que tinham sido e eram importantes. Como é que este espelho, no fundo de um poço abandonado, parecia contar uma história que se passava depois do seu «enterro»?

— O espelho é fantástico, Aslin.

— *E mostra-te o que quiseses! Mas cuidado, nem todos os que vês estão inconscientes desse facto.*

— O pássaro diz que o espelho mostra-nos o que queremos.

— O pássaro... como assim «o pássaro diz»?

— Quando fiz dezasseis anos um dos poderes que recebi foi o de comunicar com animais.

— Certo...

— A sério, não estou louca.

— Estava a pensar porque não recebi nada assim.

— Que recebeste?

— As minhas feridas começaram a curar-se em pouquíssimo tempo. Foi por isso que o Mestre me chamou para junto dele.

Fitaram-se em silêncio.

— Aslin, sei que queres enfrentar Kumorian, mas seria melhor treinares antes, porque acredita que vai ser uma luta desigual.

— Porque é que nem os seus seguidores sabem quem é Kumorian?

— Um dos cubos que possui é o da cura e o outro da visão. Contam que

aqueles que detiveram este último cubo enfureciam-se por não conseguirem pô-lo a funcionar. Por sua vez, Kumorian viu uma única coisa, que precisava de proteger a sua identidade. Isto foi o que ouvi dizer. Aparentemente, também viu o perigo para si e para os seus a vir da floresta. Por isso isolou-se, mas tem o poder de ver quem lhe vai ser fiel ou não.

— Como sabes tudo isso?

— Jinar é uma pessoa faladora e um dos poucos que conhece Kumorian. Um dos dias em que tentou persuadir-me, disse que me levaria pessoalmente até Kumorian se me juntasse a eles. No entanto, avisou-me de que seria visível a minha lealdade, então contou-me o que te contei.

— Vamos ver Kumorian?

— Com o espelho?

— Sim.

— Como achas que funciona? Achas que deve ser só pedir?

— Hum, vale a pena tentar.

— Espelho, mostra-me Kumorian.

Tanto Aslin como Sunuywt caíram de espanto no chão. Viam Lana, Mestre de Kilarn, com os netos ao colo. Parou de rir subitamente e desviou o olhar. Aslin virou o espelho ao contrário.

— Para!

— Lana?

— Ela foi tão simpática...

— Conheces Lana?

— Sim, estive em Kilarn com... com Liam e Conlai. A prometida de Conlai é de lá...

— Viste algo de estranho? Eu conheço a Lana desde sempre, não imaginava sequer...

— O filho dela ajudou-nos a fugir. Isto não faz sentido.

— Lokian?

Resumidamente, Aslin contou o que se tinha passado.

— Aslin, não vês que só tu podias entrar aqui? Nenhum deles possui o espírito de Ioymar, passaram-se anos, gerações a tentar encontrar a cabana. Só tu o conseguiste fazer, não só a encontraste como também recuperaste o cubo. Além disso, mais ninguém conseguiria mover este espelho daquele poço. Foi por isso que te deixaram ir, convenceram-te que Lana estava em conspiração com os *Flaiines*, quando na verdade era ela quem os comandava!

— Eu sempre pensei...

— Sim, eu também.

— Uma figura possante, uma imagem aterradora... mas ela foi simpática e doce com as crianças. Como é que eu iria adivinhar que por detrás daquela máscara se escondia pura maldade?

— Temos de atravessar o nevoeiro até Kilarn. Usar o transporte vai denunciar-nos.

— Deixa-me primeiro transfigurar todos os anéis.

— Porquê?

— Algo que vi no livro... todos juntos são mais poderosos: um só cubo, um só anel. Especialmente, o cubo negro. Tenho de absorver a sua magia para ter sequer uma hipótese de vencer Kumorian ou Lana, como queiras chamá-lo.

Retirou o fio e deixou os anéis caírem na mesa, um por um. Quando os transfigurou, começaram a mover-se sozinhos. Foram-se abrindo e encaixando no cubo negro, que crescia enquanto absorvia os outros cubos. No fim, apenas ficou um cubo enorme sobre a mesa.

Quando Aslin o transformou num anel e o colocou, o anel começou a crescer e a absorver a sua mão.

— AJUDA-ME! AAAAAAAAAAAAAAAAH!

Contorcia-se e gritava de dor, até que momentos mais tarde parou. Aslin caiu no chão inconsciente sem que Sunuywt a pudesse ajudar.

Quando acordou sentia-se leve, muito leve. Sunuywt correu de imediato quando a viu entreabrir os olhos.

— Aslin?

— Sunuywt. Estou bem. Quanto tempo dormi?

— Estiveste inconsciente três noites. Aslin, a tua mão está em muito mau estado...

A mão de Aslin estava negra e parecia feita de madeira. Tinha inscrições na palma da mão. Estranhamente, não lhe doía. Aliás, Aslin sentia-se muito bem. E foi isso mesmo que disse a Sunuywt. Levantou-se da cama antes que ele a impedisse e saiu pela janela. Sentia-se como se fosse capaz de voar.

Colocou a mão por cima de umas flores teimosas que desabrocharam num piscar de olhos. Fez com que água brotasse do chão na zona mais árida junto à cabana. A água movia-se ao seu ritmo, o que fez Sunuywt sustar a respiração.

Quando se aproximou do nevoeiro, Sunuywt tentou detê-la.

— Aslin, não!

Ela limitou-se a colocar a mão aberta em frente ao nevoeiro. E o nevoeiro afastou-se. Aslin olhou para ele e sorriu-lhe.

— Foi com o cubo negro que Ioymar extraiu a sua magia e a passou para os cubos. Este cubo... tem vida própria e cria vida. Sinto-a a fluir por mim.

Sunuywt olhava em silêncio para o que se passava.

— Aslin, como te sentes?

— Fantástica. Como se visse tudo com novos olhos.

Enquanto falava com Sunuywt, sorriu para a mulher com o carrapito dourado que já tinha visto tantas vezes.

— *O espírito de Ioymar. Vive em ti. Tens de usar as tuas forças e as dele para combater Kumorian. Só assim vencerás.*

— Só há uma maneira de acabar com o nevoeiro.

— *A escolha, mais uma vez, é tua.*

Trocaram um olhar que não passou despercebido a Sunuywt.

— Aslin, que se passa?

A mulher de vermelho passou-lhe o cesto. Estava cheio das bagas do arbusto que o pássaro lhe tinha avisado.

Aslin acenou em sinal de reconhecimento, enquanto a mulher se desvanecia.

— Vamos para Kilarn.



Capítulo XX

A *islin*, *caminhava* com passos seguros por entre o nevoeiro, de uma mão dada com Sunuywt e com o cesto cheio de bagas na outra. O nevoeiro abria caminho para eles, como se de brumas se tratasse que apenas esperavam por Aslin para se mexerem. Sunuywt levava comida, água e um ar de perplexidade completa perante o que se estava a passar. Levava ainda o espelho. Pelo menos Aslin parecia mais normal e ia falando com ele.

Não chegariam a Kilarn nesse dia. Pararam junto a um grande orvalho e encostaram-se para dormir.

— Devemos continuar vigilantes, Aslin. Eu fico de vigia.

— Acorda-me quando estiveres cansado. Não me largues a mão, podes ficar envolto pelo nevoeiro.

Acordaram iluminados por um sol quente e acolhedor. Sunuywt não tinha acordado Aslin, nem lhe tinha largado a mão.

— Estamos perto — sussurrou Aslin.

— Como podemos estar perto? Só andámos um dia!

— O tempo é estranho no nevoeiro. Agora, shhhh!

— Aslin, vamos tentar lutar sozinhos com ela?

— Teremos a ajuda de Ioymar.

Quando chegaram a Kilarn, não se ouviam os risos que normalmente preenchiavam a vida daquela grande família. Nem o som de pés a mexer, nem uma carroça a andar, absolutamente nada. Parecia que todos tinham abandonado Kilarn.

— Eu sabia que virias. Só não sabia que chegarias tão cedo.

— Lana. Eu sabia que estaria aqui.

— Todo o trabalho que tive estes anos todos... diz-me que não te sentiste em casa aqui. Que não te sentiste bem a praticar a magia. Aqui construí um local de liberdade, onde nós, seres superiores, podemos usar essa superioridade.

— «Nós», como diz, não somos seres superiores. Somos iguais aos demais. Só sabemos fazer magia, essa é a única diferença.

— Insolente!

— Digo apenas a verdade. Diga-me, o que fará com os seus netos que não têm a magia de forma inata neles?

— Todos os meus netos são *Flaiines*. Essa insinuação... nem lhe vou dar resposta.

— O próprio Lokian não é *Flaiine*... mas conseguiu ocultar isso. Porque ele treinou até aprender alguma coisa. O seu próprio filho... vi que não era *Flaiine* pelo imenso esforço que fazia para conseguir produzir uma simples chama. Vi a mesma situação no meu irmão quando lutava contra os *Flaiines* e dizia algumas palavras para fazer magia.

— Como te atreves? A magia é forte na minha linhagem. Eu tornei-me mais forte com o passar do tempo.

— O que aconteceu a Liam e Conlai?

— O que queres dizer?

Sunuywt e Aslin viram a sombra do medo passar pelo rosto de Lana.

— Perderam a magia e não sabem como. Vieram meios loucos do nevoeiro. Para si não foi surpresa.

— Não estás a fazer sentido.

— Sabe como morreu a família de Ioymar? Envenenada. O filho mais novo sobreviveu porque só tinha comido um pouco do doce. No entanto, perdeu a magia, mas isso a Lana já sabia.

— Onde queres chegar?

— Só percebi quando me lembrei que Lokian tinha likkas na mesa para o pequeno-almoço, mas não lhes tocou. Enquanto falava connosco não tirava o olhar do chão. Tanto Liam como Conlai adoram likkas. Estavam envenenadas, não estavam?

Lana ria-se com gosto.

— Estás a dizer-me que envenenei dois dos meus melhores homens para que ficassem loucos? Eu queria que te acompanhassem, porque faria tal coisa? Que disparete.

— Porque só precisava de mim. Sabia que voltaria a Surianar.

— O meu filho Lokian...

— Foi visível na noite anterior. Na altura enganei-me, Liam fazia chamuscas com naturalidade e Lokian fazia chamuscas com muito esforço, por isso estava tão cansado...

Aslin foi atingida por um jato de luz que lhe queimou a barriga. Reparou na terra que se movia atrás de Lana; parecia que a própria floresta se erguera para lhe depositar um véu asfixiante. Enquanto lutava para respirar e para se

libertar da pesada camada de terra que lhe havia caído em cima, sentiu-se atirada ao chão. O esforço para se levantar era tremendo.

— Dá-me os anéis...

Foi novamente atirada ao chão pela força da terra, enquanto Lana caminhava até si lentamente. Os olhos estavam raiados de sangue e tinha dificuldade em falar de tanta raiva que a possuía. Sussurrava para Aslin, espumando pelos cantos da boca.

— Os anéis...

— Impossível, eu...

Mandou novamente um jato de luz para Aslin, mas desta vez ela estava preparada e bloqueou-o sem esforço. As casas em volta rachavam-se e desmoronavam-se. A força utilizada por elas era brutal. Lana rosnavava como se não existisse mais nada naquele momento para além de Aslin e ela própria. Levantou uma parede de pedra e projetou-a com toda a força contra Aslin, que apenas sangrava do lábio.

Aslin criou uma imagem na mente de Lana, um poço escuro onde estava sozinha e sem magia. Com Lana a cambalear, Aslin fez a última investida, fazendo a água da imagem subir. Quando Lana viu o seu reflexo, gritou. Estava velha e feia, repleta de verrugas.

Lokian colocou-se entre elas, bloqueando a imagem de Aslin e permitindo a mãe escapar do poço. No entanto, Aslin era forte e ele demasiado fraco. Caiu no chão balbuciando coisas sem nexo.

O anel de Lana tinha o poder de curar, mas também de criar dor. Apontou-o a Aslin como se não vivesse para mais nada. Enquanto Aslin se contorcia no chão com dores e vomitava sangue, enviou um feixe ténue de luz para Lana, para que visse o reflexo daquilo que era. Lana gritou e disparou um feixe de luz para o ar.

Sunuywt tinha sido projetado pelo chão e estava, naquele momento, a recuperar o fôlego quando viu o cesto com as bagas.

— Todos temos magia Lana. Estou convencida que todos, com o treino apropriado, o conseguem fazer. Espero que um dia o consigam ver, Lana.

Aslin olhou para as bagas nesse preciso momento e ergueu-as no ar só com o olhar. Com um último esforço, atirou-as para Lana. À medida que o líquido se entranhava na pele, ela entrava em convulsões e os anéis escorregavam dos seus dedos.

Sunuywt ajudou Aslin a levantar-se. Estava em muito mau estado. Coxeceu até Lana e agarrou os anéis, caídos no chão em frente a Lana. Quando os colocou nos dedos, foram imediatamente absorvidos pela sua mão.

Respirou fundo e ergueu-se sem dificuldade.

— Temos de levá-los até Surianar.

A expressão de Sunuywt revelava o que ele pensava do assunto.

— Somos melhores que eles...

Procuraram uma carroça, atrelaram uns cavalos e levaram-nos até Surianar. Se não fossem os recém-adquiridos poderes de Aslin, teriam levado

dias até lá chegar.

Quando chegaram a Surianar, todos ficaram em silêncio. Os trabalhadores vieram dos campos e os *Flaiines* juntaram-se a eles. Jinar era dos poucos que sabiam a verdade sobre Lana. Caiu de joelhos e colocou a cabeça entre as mãos.

Aslin colocou-se em pé na carroça.

— Povo de Surianar. Muitas coisas têm acontecido que muitos de vocês não compreendem. A magia, os *Flaiines*, as perdas que sofremos... tudo isso termina hoje. Kumorian era Lana, Mestre de Kilarn — um coro de vozes levantou-se e choveram perguntas. Aslin elevou a voz. — Muitos de vós nem sabiam que existia vida para além de Surianar e devem ter perguntas, mas oiçam. O importante é que, a partir de hoje, somos todos iguais. Kumorian perdeu o poder. Todos podemos ter magia. A verdade é que alguns nascem com maior facilidade para a praticar, mas a magia não está vedada a ninguém.

Rair viu-se forçado a intervir e subiu também para a carroça.

— É verdade. Eu não nasci *Flaiine*, mas sei fazer algumas coisas. Com muito esforço, tudo é possível.

Já o sol se tinha posto e continuavam a falar. Sunuywt levou Lana e Lokian ao Vale das Curandeiras, depois de lá chegar transportou-se para junto de Aslin e ainda ouviu o final da conversa.

Todos conversavam amavelmente. Restavam poucos *Flaiines* em Surianar, que foram convidados a ficar.

Uns dias depois, com tudo mais calmo, Aslin falava com Sunuywt e Rair. Rair sabia da sua decisão e apesar de estar contra ela, compreendia a irmã. Notou que Sunuywt olhava para ela de maneira diferente e percebeu que ele não compreenderia.

— Só falta tratar do nevoeiro.

— Que queres dizer com isso, Aslin?

— As outras populações não sabem o que se passou aqui. Sunuywt, deves ir e espalhar a mensagem. O nevoeiro vai desaparecer, vai ser mais fácil do que pensas.

— Devo ir...

— Sabes porque é que Ioymar disse que as coisas mudariam quando o seu espírito andasse novamente? Eu carrego o seu espírito, tenho a oportunidade de mudar as coisas e tu levarás a sua mensagem.

— Aslin...

— É a minha escolha. Só queria que as coisas acalmassem antes de o fazer.

Deu-lhe um longo e demorado beijo e olhou-o nos olhos.

— Estarei sempre contigo.

Aslin levantou-se e caminhou na direção do nevoeiro. Rair segurou no braço de Sunuywt que parecia prestes a saltar da cadeira e seguiu-la.

— O que estás a fazer!?! É a tua irmã!

— Estou a deixá-la fazer a sua escolha.

Aslin abriu os braços, rodopiou e gerou uma luz intensa que os cegou a todos momentaneamente. Quando abriram os olhos, Aslin e o nevoeiro tinham desaparecido.

Epílogo

Diário de Sunuywt

Aslin, o mundo é tão grande! Como eu gostava que estivesses junto a mim. Em Surianar, todos ficaram com magia depois de desapareceres. Rair é um grande líder, terias gostado de o ver liderar. Parti a seguir ao seu casamento para começar a minha missão. Antes de ir, visitei as curandeiras e vi Lana. Lokian morreu, não puderam fazer nada por ele, enquanto Lana está presa numa imagem. Salimn só se preocupa com o anel e não percebe porque é que todas as curandeiras agora fazem magia.

Sinto a tua falta. Quando ando na floresta, por vezes sinto que estás ao meu lado, o teu pássaro azul acompanha-me para todo o lado. Às vezes tenho a sensação de que ouve os meus pensamentos, gosta muito de olhar para o espelho, não te sei dizer porquê. Eu levo-o sempre comigo na esperança vã de que um dia apareças no seu reflexo e fales comigo.

Em algumas povoações a minha missão não tem sido fácil, gostava que conhecesses todos estes sítios novos, cheios de cor e alegria. Foi a tua dádiva e o teu sacrifício que lhes permitiu ser assim. Um dia conto-te as minhas aventuras. Um dia...

Contents

1. [Ficha Técnica](#)
2. [Capítulo I](#)
3. [Capítulo II](#)
4. [Capítulo III](#)
5. [Capítulo IV](#)
6. [Capítulo V](#)
7. [Capítulo VI](#)
8. [Capítulo VII](#)
9. [Capítulo VIII](#)
10. [Capítulo IX](#)
11. [Capítulo X](#)
12. [Capítulo XI](#)
13. [Capítulo XII](#)
14. [Capítulo XIII](#)
15. [Capítulo XIV](#)
16. [Capítulo XV](#)
17. [Capítulo XVI](#)
18. [Capítulo XVII](#)
19. [Capítulo XVIII](#)
20. [Capítulo XIX](#)
21. [Capítulo XX](#)
22. [Epílogo](#)

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)